

FLÁVIO JOSÉ ARNS

ROÇA VELHA

**REALIDADE CIRCUNSTANCIAL
E SUA
RESPOSTA METODOLÓGICO-LINGÜÍSTICA**

Dissertação para obtenção de Grau de Mestre apresentada à Coordenação do Curso de Pós-Graduação, Mestrado em Letras, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná.

**CURITIBA
1977**

PROFESSOR ORIENTADOR

Professor Doutor **Eurico Back**

Titular de **Linguística** da

Universidade Federal do Paraná.

RESUMO

Pretende-se formular uma resposta metodológico-lingüística, autêntica e válida, à realidade escolar, tipicamente rural.

O enfoque da pesquisa se desenrola, basicamente, na área de Comunicação e Expressão, dentro do contexto escolar e comunitário. A comunidade rural escolhida é a de Roça Velha, zona agrícola situada no Município de São José dos Pinhais, Paraná. Os levantamentos sócio-econômico-culturais e religiosos atingem as realidades em si, as aspirações, a mentalidade, quando possível, de três gerações.

Constata-se uma quase total estagnação sócio-econômico-cultural. A escola não desencadeia estímulos: currículos, programas, livros (quando existem), não desencadeiam interesses, porque inteiramente estranhos à realidade, importados dos grandes centros urbanos, fatores de rejeição rural.

Inúmeras entrevistas orais (gravadas) e escritas, permanência e convívio com a população, trabalho em equipe, documentação oficial sobre currículos, programas, livros, material escolar; vida funcional e aspecto curricular do professor; ambiente escolar; entrevista com autoridades educacionais; meio familiar e comunitário; tais elementos figuram entre os suportes do processo educativo em análise.

A frustração básica reside na falta de acoplamento entre a realidade da circunstância rural e os pretendidos propósitos educacionais. Nenhuma absorção, nem assimilação, nem incorporação, nem integração, uma quase rejeição se estabelece.

Inexiste, a rigor, qualquer indício válido de capacidade de comunicação e expressão. A escola, desaparelhada, acolhe apenas o aluno, sem poder educá-lo; não é nenhum sujeito nem agente criador, em meio à circunstância agreste e inócuca.

Conclui-se por propor total remanejamento curricular, progra-

mático, adaptação bibliográfica, iniciativa de compor livros para a clientela rural, rumo a conquistas lentas, gradativas, de dentro para fora, de novas áreas culturais.

Rearticulação da política educacional rural e um esforço conjunto governamental e comunitário são imperativos; contrariamente, ao lado da pulverização de gastos inúteis, criará corpo a marginalização do homem campestre, vexado e desalentado pela ignorância reconhecida, num mundo alardeado como progressista.

O ensino nasce da vida, é vida, servindo-a dignificando o Homem.

RESUME

The intention is to devise a methodologico-linguistic solution, authentic and valid, to the reality existing in rural schools.

The focus of the study concerns itself basically with the area of communication and expression within the school and community context. The rural community selected is that of Roça Velha, an agricultural zone situated in the municipality of Sao Jose dos Pinhais, Parana. The social, economic, cultural and religious data touch upon the aspirations and mentality, where possible, of three generations.

An almost total social, economic and cultural stagnation is evident. The school offers nothing by way of stimuli: curricula, programmes, books (when they exist) do nothing to provoke interest, being utterly contrary to reality, imported from the large urban centres, factors of rural rejection.

Numerous interviews, both oral (taped) and written, staying and mixing with the population, teamwork, official documentation on curricula, programmes, books, school materials; the functional role and educational level of the teacher; school environment; interviews with education authorities; family and community environment; these are some of the elements bearing on the educative process considered in the analysis.

The basic frustration lies in the lack of any real links between the reality of the rural situation and the avowed educational aims. Not absorption, nor assimilation, nor incorporation, nor integration, but almost a rejection manifests itself.

Strictly speaking, there does not exist any valid indication of a capacity for communication and expression. The school, lacking equipment, simply accepts the pupil without being able to educate

him: he is neither a person nor a creative agent, in a crude and ineffective situation.

The only conclusion is to propose complete curricular restructuring, bibliographic adaptation, and the introduction of books written specifically for rural consumption, leading to the slow, gradual conquest, working outwards from within, of new cultural areas.

The reorientation of rural educational policy and a joint governmental and community effort are imperative. Otherwise, in addition to a great deal of useless expenditure we shall see the marginalisation of the peasant, vexed and discouraged by recognizable ignorance, in a so-called progressive world.

Teaching is born of life; it is life, serving it and dignifying mankind.

SUMÁRIO

	Página
1. Professor Orientador	ii
2. Resumo	iii
3. Resume	v
4. Sumário	vii
I. INTRODUÇÃO	1
1.1. Apresentação	1
1.2. Questão Global	4
1.3. Questão Particular	10
1.4. Instrumentos de Coleta de Dados	18
1.4.1. Escolares	18
1.4.2. Adultos	19
1.5. Testagem dos Instrumentos de Coleta de Dados	21
1.5.1. Pré-Teste	21
1.5.2. Tabulação e Alterações nos Instrumentos de Coleta de Dados do Pré-Teste	22
1.6. Primeiros Contatos com o Universo da Pes- quisa	24
II. DIAGNÓSTICO DA REALIDADE	26
2.1. Aplicação dos Instrumentos de Coleta de Dados	26
2.1.1. Crianças	26
2.1.2. Adultos	26
2.2. Roça Velha - Histórico	28
2.2.1. Localização	28
2.2.2. Primórdios	29

	Página
2.2.3. Festas	31
2.2.4. Serviços Religiosos	32
2.2.5. Escola	33
2.2.6. Professor Júlio	34
2.3. Avaliação do Grau de Ilhamento e Possíveis Meios de Irrigação Cultural	36
2.3.1. Formação Local	37
2.3.2. Tempo de Moradia	38
2.3.3. Grau de Instrução da População	39
2.3.4. Igreja	41
2.3.5. Meios de Comunicação	42
2.3.6. Meios de Transporte	44
2.3.7. Contatos Externos	46
2.3.8. Festas Concorridas	48
2.4. Economia	49
2.4.1. Ocupações	49
2.4.2. Trabalho e Menores de 15 anos	51
2.4.3. Instrumentos de Trabalho	52
2.5. A Escola	52
2.5.1. Localização Física da Escola	52
2.5.2. A Sala de Aula	52
2.5.3. Equipamentos da Escola	53
2.5.4. Número de Alunos	55
2.5.5. Faixa Etária dos Alunos	56
2.5.6. Indumentária dos Alunos	57
2.5.7. Saúde	58
2.5.8. Higiene	60
2.5.9. Critérios de Avaliação	61
2.5.10. Métodos e Técnicas Didáticas e Recursos Pessoais do Docente	63

	Página
2.5.11.Frequência Escolar	65
2.5.12.Dificuldades da Frequência Escolar	65
2.5.13.Familiaridade do Conteúdo da Escola com a Realidade da Criança e da Comunidade	66
2.5.14.Autoridade da Escola Rural e sua Capacida- de de Influência	71
2.5.15.O Agricultor e o Ensino da Norma Culta ...	72
2.6.Avaliação Lingüística	73
2.6.1.Linguagem Escrita	75
2.6.2.Linguagem Oral	82
2.6.3.Centros de Interesse	86
2.6.4.Famílias Bilingües	89
III.CONCLUSÕES	92
IV.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	97
V.ANEXOS	103

I - INTRODUÇÃO

1.1. APRESENTAÇÃO

A - O mundo caminha sempre e a Educação caminha com o Homem, que é o artífice do mundo. O Homem é causa e fim e deve possuir condições para justificar a sua criação.

O ideal seria se o Homem pudesse pro-gramar, até no detalhe, o seu devir.

Ocorre que, como nunca, na história do Mundo, o Homem é colhido de surpresa pela própria surpresa. Detecta, cria e, muitas vezes, até esconde o produto de sua descoberta, de modo tão diferente de Arquimedes, que ofereceu ao seu mundo contemporâneo, de forma espontânea e gratuita, o produto de seu trabalho.

A marcha do Homem e seus rumos estão, para perplexidade de todos nós, incontrolláveis, a ponto de o projeto de reforma da República Federal da Alemanha antecipar em seu Prólogo de que o trabalho partiria duma Pragmática e não mais duma Sistemática; portanto, numa inversão metodológica.¹

Isto significa que não mais é possível pré-fixar, mas, sim, ir ao enalço dos fenômenos trazidos pelo avanço científico e não só

¹. Aspecto enfatizado em conferência proferida na Universidade Federal do Paraná, em agosto de 1975, pelo Professor Osvaldo Arns, em torno dos "Aspectos Universitários da Alemanha".

tecnológico.

Impõe-se, pois, ao Educador caminhar no rastro ou nos vestígios do atual mundo em desenvolvimento, sob pena de um distanciamento irreversível.

É um desafio e não um trabalho melancólico contar com a Educação sempre continuando a buscar condições para a sua tarefa de moldar o cidadão, impregnando-o de valores e referências, suporte de sua consciência e de sua responsabilidade como sal da terra, na busca do bem comum.

B - O Brasil e o Paraná estão inseridos no mundo apontado, respirando, em boa parte, o clima geral e, por outro lado, portadores duma circunstância sócio-psicológica característica: é desenvolvido em muitas áreas e setores; semidesenvolvido em muitas outras; é ilhado, em grandes porções, em função de ser um país-continente, onde, eventualmente, cinquenta mil habitantes se distribuem em áreas rarefeitas de cento e cinquenta mil quilômetros quadrados.

C - O Paraná está também inserido numa típica estrutura histórico-social, numa base educacional "sui generis". Ao lado de um quadro de progresso sistemático, como nos melhores centros universitários brasileiros, encontramos na zona rural, por contingências variadas mas representativas, faixas populacionais insuladas, trilhando uma caminhada de atraso e alheamento às perspectivas de desenvolvimento.

D - A Educação deve encontrar, dentro de suas coordenadas próprias, um acesso típico a tais circunstâncias.

A generalização é sempre falha; na Educação, além de esbanjadora, seria cega e surda.

Em lingüística, como em sociologia ou em psico-sociologia, as tentativas de comunicação esbarrariam na ausência de circuito pela

constatação de códigos diferentes: o receptor, no caso, não absorve, nem assimila, a mensagem do emissor. Não há fluxo lingüístico.

Assim, a comunidade, que é sócio-geograficamente ilhada, também o é lingüisticamente.

Por outro lado, se lançarmos mão duma metodologia própria e duma instrumentação coerente com a realidade, um aparelho circulatório e comunicativo estará criado.

Esta é a causa em função da meta.

1.2. QUESTÃO GLOBAL

Observam-se, no II Plano Nacional de Desenvolvimento, os anseios governamentais:

"A sociedade que se deseja construir é uma sociedade atenta à abertura de oportunidades para o grande número, sem a nenhuma classe ou região deixar à margem do progresso de modernização e desenvolvimento (...) Sociedade capaz de transformar-se (...) respeitando os valores humanos e a identidade da cultura brasileira".²

Tais objetivos devem ser atingidos continuamente, através do emprego de estratégias apropriadas, pelos diversos setores que atendem o homem brasileiro e, entre eles, o educacional, a que pertencemos.

"A Educação é multiplicadora e capitalizadora. Todas as medidas e iniciativas de um país seriam relativas, se não se apoiassem sobre o homem, a um tempo educado e instruído. Não passariam de castelos sobre areia".³

A Educação é, sem dúvida, a mais fundamental das soluções. Entretanto, ela se acha na contingência de dever perseguir os instrumentos que possam estar disponíveis para atender a realidade atual, em contínuas e rápidas mudanças, já que a previsão pragmática é a, rigor, incontornável.

Assim, dentre as várias problemáticas educacionais a receber abordagem, o II Plano Setorial de Educação e Cultura coloca a seguinte, através dos Objetivos Específicos de Ensino de 1º grau, bá-

². BRASIL. Projeto do II Plano Nacional de Desenvolvimento, 1975/1979. Brasília, D.F., 1974. p.12.

³. ARNS, Flávio. Discurso proferido como Paraninfo dos formandos do Curso de Letras, em 18 de fevereiro de 1977. Fastos Universitários, 3 (3): 2621, mar. 1977.

sico por sermos uma nação jovem:⁴

"Melhorar a produtividade deste nível de ensino pela redução dos índices de evasão e repetência escolar, de forma integrada com outros setores da atividade social e econômica".⁵

Na busca de melhor produtividade, o II Encontro Nacional sobre o Ensino Municipal (Aracaju (SE), 5 a 9 de julho/1976), destacou situações idênticas que se alastram pelos diversos Estados do país, exigindo soluções diversas, em função de circunstâncias diferentes:⁶

- a - Carência da rede física.
- b - Predominância de escolas unidocentes.
- c - Elevado percentual de professores leigos.
- d - Acentuada distorção idade/série.
- e - Currículos inadequados.
- f - Inadequada infra-estrutura administrativa.

As informações também demonstram que:⁷

- a - 69% das escolas municipais são unidocentes;
- b - 90% das escolas do meio rural são unidocentes;

4.

Estrutura Etária do Brasil

Faixa de Idade	Brasil	Paraná %
0 - 10	52,64	55,83
5 - 19	37,73	39,37
20 e mais	47,36	44,17

Fonte: Tabulações Avançadas - FIBGE - Plano Estadual de Educação e Cultura do Estado do Paraná (1976-79) p.57.

5. BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria Geral. II Plano Setorial de Educação e Cultura; 1975/79. Brasília, D.F. 1976. p.36.

6. Diretrizes Curriculares para o Ensino de 1º Grau no Meio Rural. Brasília, D.F., Departamento de Ensino Fundamental do MEC. 1976. p.10-1.

7. Ibidem. p.11.

c - 89,57% dos alunos matriculados em meio rural frequentam escolas unidocentes.

Os resultados remarcam que, na análise das deficiências do sistema escolar, percebem-se causas econômicas e sociais, cujas tentativas de modificação não podem vir em medidas isoladas, através de esquemas convencionais.

A abordagem dessas dificuldades se apresenta como tarefa imensa e repleta de dificuldades. Após 10 anos de aplicação dos programas de alfabetização da UNESCO, em 11 países, as conclusões não foram alentadoras:

"O mínimo que se poderia esperar do projeto é que o analfabetismo, no mundo, não piorasse. E isso não foi conseguido".⁸

O Paraná se insere na realidade apontada em termos de Brasil.

1. Há grande número de professores leigos.

UNIDADE FEDERADA	PROFESSORES	
	TITULADOS	NÃO TITULADOS
Paraná	21.844	18.000

Fonte: Projeto Logos II, p.4

2. Em função do alto percentual de repetência na 1^a série do 1^o Grau do Estado, ocorre grave distorção idade/série, o que conduz também a evasão.

⁸ MOBRAF. Soletre Mobral e Leia Brasil. Rio de Janeiro, Guavira, s.d. Não paginado.

Discriminação	Nº de alunos das 1 ^{as} séries do 1º Grau do Estado do Paraná - 1975
Alunos matriculados	145.984
Alunos repetentes	87.578
Percentual de repetência	60%

Fonte: Projeto - Atualizado em Princípios e Técnicas de Alfabetização para professores de Zona Rural.

3. Para suprir e acompanhar a demanda escolar, pretende-se construir e equipar "5.593 salas de aula e ambientes especiais, oportunizando o atendimento de 446.840 matrículas até o final de 1979".⁹

Entre os projetos em desenvolvimento para atender tais circunstâncias, destacamos:

1. Projeto Logos II, que além do Paraná, atende os Estados do Piauí, Paraíba, Rio Grande do Norte e Território Federal de Rondônia.

Atinge o professor leigo.

"...professor não titulado, em exercício até a 4^a série do 1º Grau, poderá, sem se afastar da sala de aula e sem qualquer despesa, concluir, ou mesmo realizar totalmente, os seus estudos de 2º Grau".¹⁰

9. PARANÁ. Plano Estadual de Educação e Cultura. 1976-1979. Curitiba, 1975. p.20.

10. LEITE NETO, Leonardo Gomes de Carvalho. Projeto Logos II. Curitiba, CETEPAR, s.d. p.28. Mimeografado. Conferência pronunciada em setembro de 1976 em Natal.

Esse professor pode realizar em 4 anos os estudos que exigiriam 7 anos na faixa de idade regular.

O instrumento pedagógico usado é o Módulo, ou seja, a educação personalizada. Quando o cursista julga necessário, pode procurar o orientador de aprendizagem num Núcleo Pedagógico. Uma vez por mês deve, porém, participar do Encontro Pedagógico com outros cursistas.

No ano de 1978, o Projeto Logos II estará atingindo todos os municípios do Estado do Paraná.

2. Projeto Hapront (=Habilitação de Professores não Titulados) está atingindo 11 municípios do nosso Estado (=980 cursistas), que é considerado Estado experimental no Brasil nesse Projeto, a fim de que mais tarde tenha condições de subsidiar outros Estados pelo mesmo processo.

Sua metodologia é também a dos Módulos, sendo veiculado através de uma seqüência de 250 módulos de ensino.

Constitui, a exemplo do Projeto Logos II, e como enfatizado na apresentação de cada módulo "a implantação de uma política global de desenvolvimento de recursos humanos, através do qual pretende assegurar a melhoria da produtividade dos sistemas de ensino".

3. Curso de Aperfeiçoamento em Língua Portuguesa para Professores de 1^a a 4^a séries do Ensino de 1^o Grau - Municípios Piloto, objetivando detectar as dificuldades no ensino da Língua Portuguesa e instrumentalizar os professores para o seu ensino, conforme condições sócio-econômicas da região.

4. Projeto: Atualização em Princípios e Técnicas de Alfabetização para Professores de Zona Rural, a fim de capacitar docentes, nas 1^{as} séries do ensino de 1^o Grau.

5. Curso de Atualização em Princípios e Técnicas de Alfabeti-

zação para professores de 1º Grau da Micro-Região 21, que é composta por 19 municípios, a oeste do Estado. Isso se fez principalmente ao ensejo da instalação da Rede Hidroelétrica de Itaipu.

6. Projeto de Ação para o Meio Rural Paranaense: A Escola Consolidada.

É a busca de "mecanismo ágil e abrangente para motivar e dinamizar a implantação do ensino de 1º Grau em distritos e Zona rural - uma escola que vinculasse as ações escolares às ações comunitárias: escola-comunidade, escola-centro, escola-polo, escola-função - CONSOLIDADA, mecanismo de integração, de reorganização e caracterização do ensino para distritos e zonas rurais e de apoio e orientação às comunidades rarefeitas". 11

Há, em detalhes, por exemplo, "Estudo de Caso - Município de Francisco Beltrão", como relato de experiência de Escola Consolidada.

7. Projeto Novas Metodologias, que visa dupla finalidade:¹²

- a - tentar a aceleração da aprendizagem corrigindo a distorção idade/série com a promoção de alunos com 9 (nove) anos de idade na 1ª série, para a 3ª série;
- b - mediante os resultados obtidos com o experimento da nova metodologia adotada, expandir o modelo de referência a nível de Sistema Estadual de Ensino do 1º Grau.

11. ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ENSINO MUNICIPAL, 3, Belo Horizonte, 1977. Projeto de Ação para o Meio Rural Paranaense: a Escola Consolidada. s.n.t. p.16. Mimeografado.

12. PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação e da Cultura. Departamento de Ensino de Primeiro Grau. Projeto Novas Metodologias; relato do projeto 1975. Curitiba, 1976. p.7.

O Paraná é, também nesse Projeto, Estado experimental no Brasil.

É a procura da solução. O Brasil, sendo país de escala continental (8.500.000 Km² de extensão territorial) nos impõe *"encontrar a pluralidade de soluções que reflita a multiplicidade de situações e de quadros, zelando, todavia, pelo equilíbrio e pela coerência ..."* ¹³

1.3. QUESTÃO PARTICULAR

A tarefa de procura de novos caminhos objetivando sempre melhores abordagens é incessante; o educador estará sempre a caminho.

Pretende-se, nesse trabalho, buscar as características de uma realidade micro-regional, em sentido exploratório-descritivo.

Parte-se aqui também da Pragmática na busca de uma Sistemática, com abordagem de dentro para fora, seguindo quatro passos básicos:

- a - Revelar e analisar o contexto comunitário;
- b - observar a interação dos setores básicos da atividade social e econômica com a comunidade;
- c - analisar o grau de integração da escola no contexto da comunidade sob enfoque;
- d - viabilizar uma resposta metodológico-lingüística coerente com a circunstância revelada e analisada, dentro da área de "Comunicação e Expressão".

Uma vez descoberta a "cor local", com ingredientes profundos

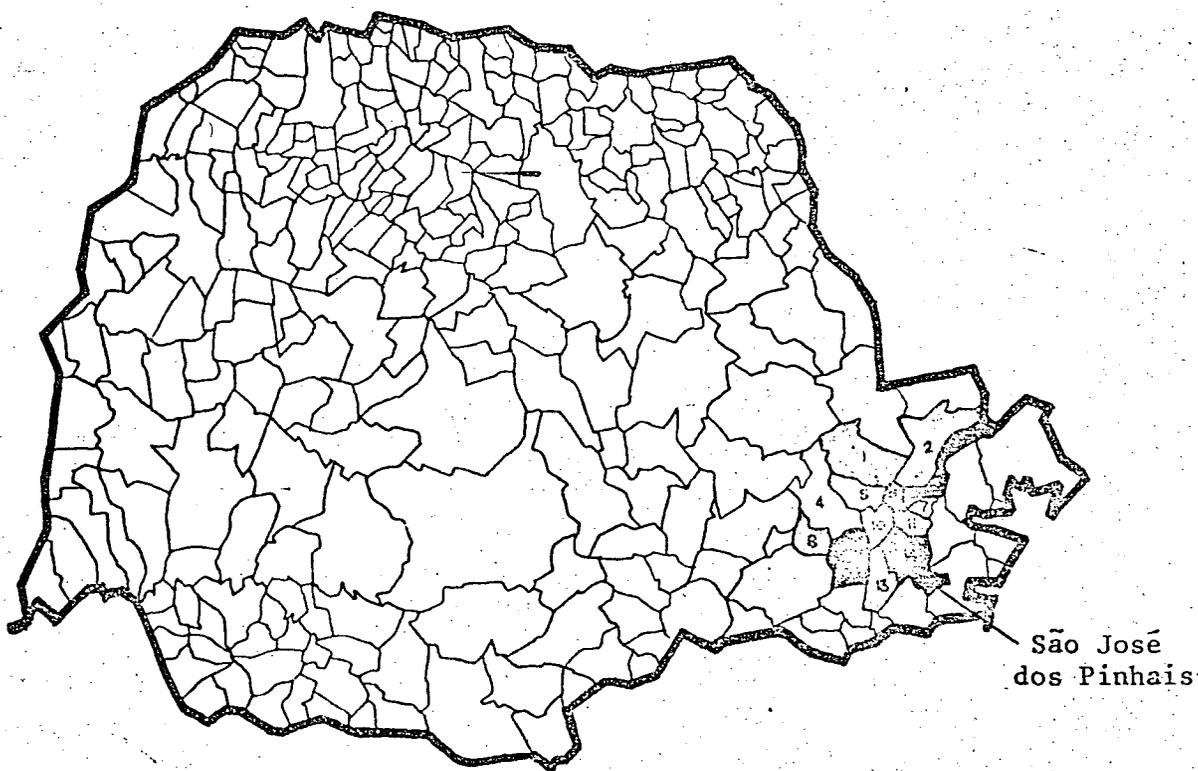
¹³. BARTHELMESS, Artur. Paraná: uma filosofia de planejamento aplicada a uma fração do território brasileiro. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, s.d. Não paginado.

dos valores existentes e adotados, a desprenderem naturais estímulos e proporcionarem objetivos cognatos, então, somente, terão êxito iniciativas sócio-educacionais, porque serão fiéis à vida local.

A decisão relacionou-se, então, com a delimitação do universo sócio-cultural através da escolha de um município - São José dos Pinhais.

São José dos Pinhais, juntamente com Almirante Tamandaré, Araucária, Balsa Nova, Bocaiúva do Sul, Campina Grande do Sul, Campo Largo, Colombo, Contenda, Mandirituba, Piraquara, Quatro Barras, Rio Branco do Sul, faz parte da Região Metropolitana de Curitiba (RMC).

A Região Metropolitana de Curitiba - RMC



Fonte: Documento - COMEC: Planejando o desenvolvimento da região metropolitana.

Contava em 1976 com 48.182 habitantes, dos quais 14.431 em zona rural, estando situado, quanto ao aspecto populacional, em terceiro lugar dentro da Região Metropolitana (após Curitiba e Campo Largo).

A sua zona rural apresenta quadro educacional que se insere nas características gerais do Paraná e do Brasil, anteriormente apontadas:

1. O quadro de repetência, na 1ª série do 1º grau, em zona rural, se situa acima da faixa dos 60%, como demonstra o quadro próprio.

Quadro nº 1

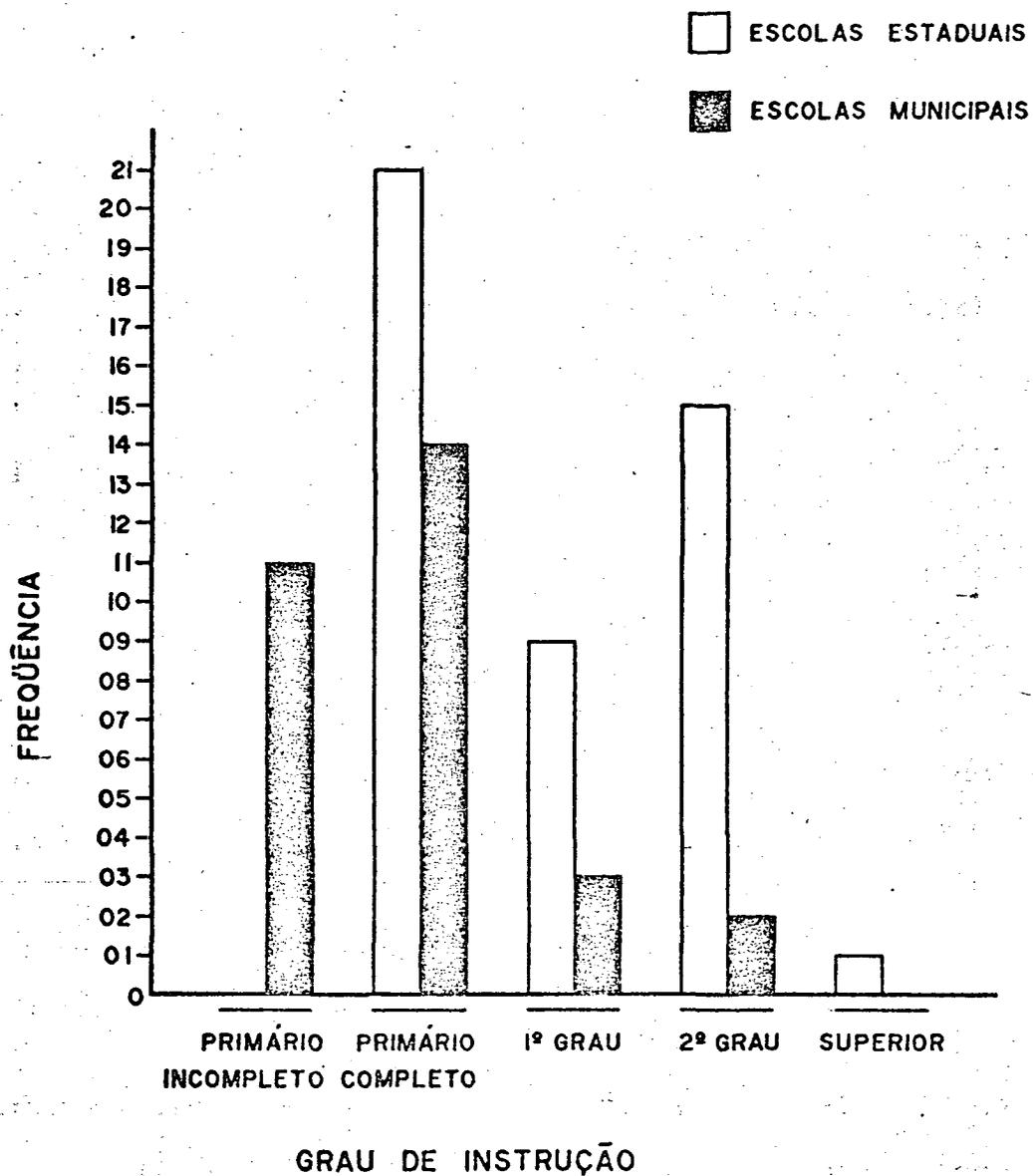
Demonstrativo de matrícula, repetência e evasão, nos anos de 1975, 1976 e 1977, em escolas estaduais e municipais da zona rural de São José dos Pinhais.

ESCOLAS	Séries	Matrículas		Repetência		Evasão	
		1975	1976	1975	1976	1975	1976
Estaduais	1º ano	352	312	75	46	56	27
		100%	100%	21,31%	14,74%	15,91%	8,65%
	2º ano	195	234	14	12	13	25
		100%	100%	7,18%	5,13%	6,67%	10,68%
Municipais	3º ano	211	195	30	13	18	15
		100%	100%	14,22%	6,67%	8,53%	7,69%
	4º ano	122	149	07	13	09	09
		100%	100%	5,74%	8,72%	7,38%	6,04%
Municipais	1º ano	171	189	83	103	12	21
		100%	100%	48,54%	54,50%	7,02%	11,11%
	2º ano	73	85	07	10	03	02
		100%	100%	9,59%	11,76%	4,11%	2,35%
Municipais	3º ano	68	74	23	32	03	05
		100%	100%	33,82%	43,24%	4,41%	6,76%
	4º ano	49	33	07	03	—	—
		100%	100%	14,29%	9,09%	—	—

2. Há número significativo de professores com o "primário" incompleto e outros com "primário" completo, tanto em escolas estaduais como municipais.

Quadro nº 2

Grau de instrução dos professores de escolas municipais e estaduais da zona rural do município de São José dos Pinhais.



3. As escolas unidocentes representam a quase totalidade da zona rural (75,47%).

A escolha se justifica pela realidade de que a Região Metropo-

litana de Curitiba, quer como zona urbana, quer como rural, insulada ou não, deve mostrar nível de desenvolvimento compatível com o quadro geral de desenvolvimento, que conta com recursos de toda a sorte, como também pelo fato da relativa proximidade da capital administrativa.

Ainda, dentro da unidade municipal contígua à macro-região curitibana, optou-se por um polo micro-regional, onde as características seriam quase exaustivamente analisadas, em termos de censo, a fim de permitir o acoplamento funcional e real das medidas educacionais com o quadro deslindado no âmbito social. Assim, a circulação do emissor e receptor - como na linguagem - se estenderão em códigos válidos.

Desejava-se que essa comunidade micro-regional apresentasse determinadas características, suscetíveis de serem encontradas também em outras regiões do Paraná.

1. Localização não próxima à sede do município.

A proximidade poderia indicar um polo micro-regional de características semi-urbanas, pelas influências constantes que receberia da sede do município. As próprias autoridades educacionais municipais tendem a denominar as regiões próximas da sede de semi-rurais.

2. Localização distante dos acessos principais à sede do município (estradas pavimentadas ou não).

Isto significa que a localidade não está sujeita à influência diária das pessoas que se utilizam de tais acessos, conservando ainda as suas características mais marcantes de ilhamento.

3. O acesso à localidade distante que se desejasse enfocar deveria realizar-se por estradas secundárias, não pavimentadas.

Em termos de São José dos Pinhais, nem todas as escolas (afastadas do asfalto) possuem acesso macadamizado ou de leito natural, o que pressupõe esforço, necessidade e locomoção maior para se atingir o contato com a cidade.

4. A escola local deveria apresentar, em funcionamento, as quatro primeiras séries do primeiro grau.

É um dos objetivos do II Plano Setorial de Educação e Cultura (1975/79), no seu Capítulo 6:

"Expandir a escolarização nas zonas rurais de acordo com as potencialidades e especificidades de cada região do país, procurando assegurar, pelo menos, quatro séries de educação fundamental".

5. As quatro séries do primeiro grau deveriam estar em funcionamento na mesma sala, no mesmo turno e com o mesmo professor.

Estudos realizados em âmbito nacional, como citado anteriormente, mostram que é essa a realidade do meio rural do Brasil.

Isto exige, de antemão, uma abordagem de instrumentos e metodologia especial, o que, até hoje, recebeu pouca ênfase.

O presente trabalho desejaria representar modesta contribuição para o intuito.

6. A lavoura constituindo a atividade econômica principal da localidade.

Apesar de, na periferia do município de São José dos Pinhais, estarem florescendo indústrias e, mais para o interior, pedreiras, e serviços de atendimento às estradas estarem crescendo em número, observamos ainda a quase absoluta predominância de pessoas que se dedicam a lavoura; mesmo aquelas que possuem empregos distantes do local, onde residem (na estrada, em pedreiras, como motoristas, etc.)

dispõem do seu quinhão de terra trabalhada por eles nos fins de semana e nas horas de folga, mas por toda a família, no dia a dia, de sol a sol.

7. O contingente populacional deveria ser constituído também por famílias de imigrantes ou descendentes de imigrantes.

O Sul do Brasil, por diversas razões, recebeu, sobretudo, no século passado, levadas constantes de imigrantes, que também se instalaram nas diversas regiões do Paraná, onde mantêm apego maior ou menor às suas raízes. Isso, naturalmente, sofre uma variação entre as etnias e regiões, mas possui a sua parcela de influência no sistema escolar e em possíveis ilhamentos lingüísticos.

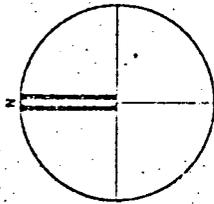
A escolha, como resultado da análise desses aspectos, recaiu sobre Roça Velha, distante 36 Km de Curitiba e 26 Km de São José dos Pinhais, pela BR-277 (Curitiba - Florianópolis), sendo que 6 Km do acesso são realizados por estrada secundária. A atividade econômica básica da comunidade é a lavoura e sua população é constituída de brasileiros, muitos dos quais descendentes de poloneses.

A escola local dispõe de duas salas de aula, sendo apenas uma utilizada e nela funcionando quatro séries do primeiro grau, num só turno e com um único professor.

ESCOLAS

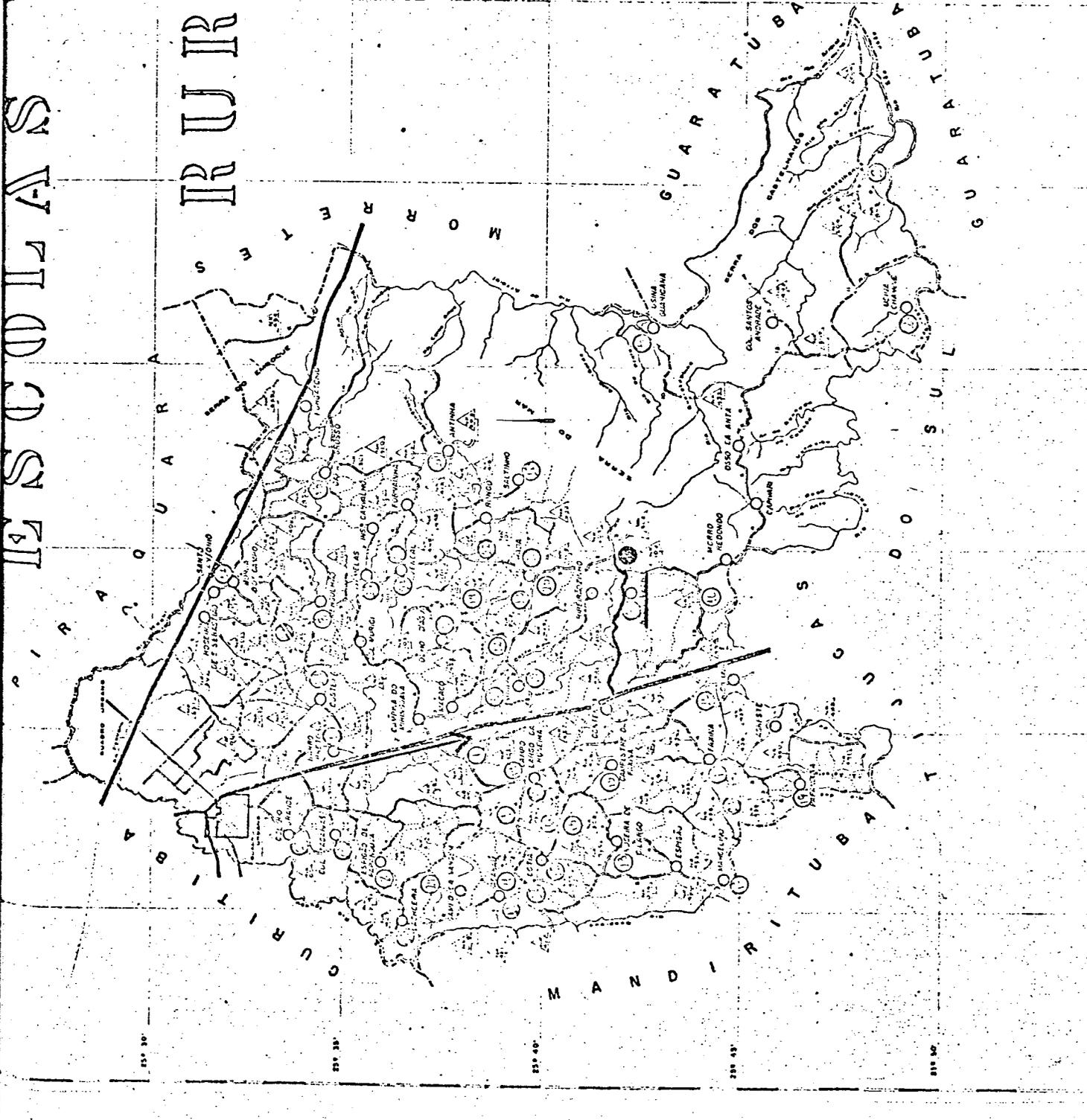
IRUIRARAIS

○ MUNICIPAIS
○ ESTADUAIS



POVOADO	○
DIVISA MUNICIPAL	---
CANAL D'ÁGUA	~
RODOVIA FEDERAL "PARANAGUÁ"	==
RODOVIA MUNICIPAL REVEREDA	---
RODOVIA MUNICIPAL LEITO NATURAL	---
CANAL	---

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ DOS PINHAIS	
SERVIÇO RODoviÁRIO MUNICIPAL	
DATA	MAPA E PLANO RODoviÁRIO DO
JUNHO - 1977	MUNICÍPIO DE
DESENHO	SÃO JOSÉ DOS PINHAIS
A.A. MATOSO	ESCALA
	1:100.000
VISTO	
CONFERE	



1.4. INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.

A elaboração dos instrumentos de coleta de dados é uma das tarefas fundamentais para o bom êxito da pesquisa. A sua propriedade, nível e adequação dos quesitos vão também ditar a qualidade do diagnóstico e auxiliar o aprofundamento das conclusões.

Dessa forma, os questionários (interpretação de texto, exercícios de domínio da norma culta e terminologia gramatical) foram elaborados sob a orientação dos docentes de Lingüística e Metodologia do Curso de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Paraná.

Por outro lado, o questionário de perspectiva sociológica recebeu orientação, além dos docentes de Lingüística e Metodologia, do Departamento de Comunicação e Ciências Sociais, da Universidade Federal do Paraná.

Conviveu-se, quase diariamente, com a população de Roça Velha, num período de três meses (abril, maio e junho).

Foi assim possível acompanhar o seu modo de vida, anseios, necessidades, através das festas, missas, cultos para-litúrgicos, conversas, trabalhos na roça, etc.

Isso corroborou na coleta de informações através dos diversos instrumentos, bem como constituiu rico manancial de informações circunstanciais sobre a comunidade.

1.4.1. ESCOLARES

1.1. Questionário escrito para se verificar o grau de domínio da norma culta, envolvendo aspectos que constam de livros e programas até a quarta série do 1º grau.

1.2. Questionário escrito para se verificar o grau de domí-

nio da terminologia gramatical, com base nos tópicos que constam de livros e programas até a quarta série do 1º grau.

- 1.3. Elaboração de redação livre, abordando um dia no local, do amanhecer ao anoitecer, abrangendo detalhes da vinda à escola, atividades em sala de aula, atividades na roça, no período da tarde ou em casa à noite, com o objetivo de se observarem desempenhos em frases não dirigidas.
- 1.4. Sugestão de questionário para roteiro nas entrevistas orais gravadas, abrangendo aspectos relativos a região, jogos, diversões, escola, viagens, grupo social, ocasiões especiais, casa, alimentação, relações familiares, natureza e perspectivas.

1.4.2. ADULTOS

- 2.1. Questionário escrito, para professores e líderes comunitários, para se verificar o grau de domínio da norma culta, envolvendo aspectos que constam de livros e programas até a oitava série do 1º grau.
- 2.2. Questionário escrito, para professores, com o fim de se verificar o grau de domínio da terminologia gramatical, com base também nos tópicos que constam de livros e programas até a oitava série do 1º grau.
- 2.3. Elaboração de redação livre, abordando aspectos interessantes da história e vida da localidade, a fim de se observar o grau de domínio da linguagem escrita.

- 2.4. Sugestão de questionário para roteiro nas entrevistas orais gravadas, abrangendo aspectos relativos a região, economia, jogos, diversões, viagens, trabalho, ocasiões especiais, características do grupo social, costumes, casa, alimentação, educação dos filhos.
- 2.5. Questionário sócio-econômico, abrangendo dados básicos referentes a:
- a. identificação;
 - b. aspectos econômicos;
 - c. lazer;
 - d. contatos externos;
 - e. atitudes em relação à escola;
 - f. atitudes em relação à norma culta.
- 2.6. Questionário de investigação de possíveis substratos lingüísticos e avaliação de seu estágio: intensidade de circulação, evolução, involução, extinção, estagnação, existência de apoio sistemático ou assistemático da língua estrangeira herdada. Uso familiar ou público. Grau de apego a tais raízes. Superposição ou justaposição do bilingüismo.

Por intermédio dos trabalhos escritos e entrevistas orais gravadas, pretendeu-se colher os seguintes pontos fundamentais dentro de uma avaliação lingüística:

1. Grau de domínio da língua portuguesa: fatos sobre a língua (gramática), a própria língua, os dois aspectos em conjunto ou nenhum deles.
2. Estruturas frásicas: parataxe e hipotaxe - ocorrência qualitativa típica, na linguagem oral e escrita.

3. Graus de recursos vocabulares, como índice de espontaneidade e precisão. Reflexos dialetológicos micro-regionais contrastivos com os padrões oficiais.
4. Idiossincrasias da linguagem figurada nascida ou refletida na região, sob enfoque contrastivo.

1.5. TESTAGEM DOS INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.

1.5.1. PRÉ-TESTE

O levantamento de dados psico-sociais globais e a aplicação de testes, matéria de extrema gravidade, comportam e impõem, em região de características similares, o instrumento do pré-teste.

O comportamento da clientela, a escolha dos mecanismos, desencadeiam novas alternativas de fixação de tratamento metodológicos.

Daí o fato de uma equipe composta de elementos escolados em lingüística, em sociologia, em metodologia, em estatística, ter abordado, cientificamente, o quadro global de Cachoeira, no mesmo município de São José dos Pinhais.

Assim, inclusive, os dados de abordagem dessa localidade seriam fundamento e reforço na análise de dados de Roça Velha.

Assim, o pré-teste pode ser, com simplicidade, descrito como se segue.

Com base nos dados fornecidos pela Inspeção Municipal de Ensino de São José dos Pinhais, optou-se, para a aplicação do pré-teste, pela Escola Castelo Branco, situada na localidade denominada Cachoeira, que, com seus 22 alunos de quarto ano primário, abrange a percentagem de 15% do universo da zona rural do município (149 alunos), sendo, portanto, uma amostra representativa.

Os instrumentos referentes às crianças, com a colaboração da professora¹⁴ do quarto ano e da diretora do estabelecimento¹⁵, foram aplicados no próprio período escolar, no primeiro semestre de 1977.

A professora do quarto ano e as demais professoras, os pais e líderes comunitários, foram, então, convidados a comparecer à escola no domingo pela manhã¹⁶ para se submeterem aos diversos questionários, já que, no transcorrer da semana, em função das aulas ou trabalhos, isto se tornava bastante difícil.

Ao convite atenderam:

1. doze pais, a quem se aplicou o questionário sócio-econômico;
2. quatro líderes comunitários que responderam o questionário referente ao domínio da norma culta;
3. quatro professores que responderam os questionários referentes ao domínio da norma culta e à terminologia gramatical.

A busca de dados processou-se, como planejado.

1.5.2. TABULAÇÃO E ALTERAÇÕES NOS INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS DO PRÉ-TESTE.

A análise dos resultados da aplicação dos instrumentos de coleta de dados foi realizada após a fixação de critérios de base, realizando-se o trabalho num mesmo ambiente físico, com o intuito de se dirimir, em conjunto, eventuais dificuldades.

Após a correção dos itens constantes de cada questionário, procedia-se ao levantamento do número de acertos por questão, o que possibilitou uma análise da adequação de cada um deles ao nível da

14. Professora Elvira Neusa Nechoadle.

15. Professora Marilva Woitch.

16. Data: 27.03.77

comunidade em exame, o que conduziu às seguintes conclusões:

1. Escolares.

1.1. Os questionários para os escolares e referentes ao domínio da norma culta e da terminologia gramatical deveriam passar a basear-se unicamente nos programas da Secretaria de Educação e Cultura e da Inspeção Municipal de Ensino, já que, em vários tópicos, eles não se enquadravam nas divisões dos livros didáticos, tomados como roteiro na sua elaboração.

Isto acarretou a substituição de alguns itens.

1.2. Foi desfeito o equívoco de se elaborarem os instrumentos com base nos programas das quatro séries do primário, já que, por estarem no início da quarta série, os alunos deveriam dominar o conteúdo programático até a série anterior.

1.3. Em função do baixo percentual de acertos e, comparando-se a elaboração de certos tópicos com outros de dificuldade menor, optou-se pela alteração de seus enunciados e/ou textos.

1.4. A 'interpretação de texto', porquanto exige maior atenção, calma e concentração, passou a constar como primeira parte da aplicação dos instrumentos.

2. ADULTOS.

2.1. Em função do percentual baixo de acertos em determinados tópicos, assim como pelas dificuldades de compreensão demonstradas no transcorrer da aplicação dos

instrumentos de domínio de norma culta e de terminologia gramatical, decidiu-se pela substituição ou alteração de vários enunciados e/ou textos.

2.2. A exemplo das crianças, optou-se pela mudança de ordem da 'interpretação de texto', colocando-a antes das demais partes.

2.3. O questionário sócio-econômico e de atitudes em relação à norma culta e escola exigiu alterações de duas ordens:

2.3.1- transformação de certas perguntas de fechadas em abertas, a fim de que pudessem adequar-se a realidades diferentes sob exame;

2.3.2- inclusão de alguns tópicos, objetivando-se complementar determinadas informações.

1.6. PRIMEIROS CONTATOS COM O UNIVERSO DA PESQUISA.

Os primeiros contatos foram estabelecidos com as autoridades de São José dos Pinhais, nas pessoas do Senhor Prefeito Municipal¹⁷, e da Senhora Inspetora Municipal¹⁸, de quem recebemos imediato apoio e colaboração.

Com a carta de apresentação e autorização para os trabalhos específicos, dirigimo-nos a Roça Velha, onde explicamos os objetivos e seqüência de atividades ao Professor Júlio Carvalho Gomes, da Escola Municipal Carlos Gomes, que se prontificou, como professor e membro da comunidade, a auxiliar, apresentando-nos à população e,

17. Senhor Moacir Piovesan.

18. Senhora Gracia Cortes Matoso.

também, realizando apelos para que ela comparecesse às entrevistas, para o levantamento dos dados sobre o local e suas famílias, nas explicações dos tópicos do trabalho às pessoas interessadas e na colocação dos seus alunos à disposição dos trabalhos.

Temos convicção de que este contato foi a mola mestra para o desenvolvimento de toda a pesquisa, pois tínhamos, então, obtido o apoio não só do professor, mas de toda a comunidade maior e da menor, esta liderada pelo professor.

Entramos, em seguida, em contato com as crianças, a fim de que soubessem claramente o que estávamos lá realizando. Para isso, foi utilizado o próprio horário escolar, bem como as folgas do recreio e o tempo disponível antes do início e após o término das aulas, com o objetivo de formar um ambiente de espontaneidade.

No domingo pela manhã¹⁹, após apelos feitos aos alunos pelo professor, foram explicados às pessoas presentes o conteúdo e o objetivo do trabalho de pesquisa. Isso foi feito durante o culto para-litúrgico, após a nossa apresentação pelo professor, dizendo da honestidade, utilidade e possíveis benefícios futuros²⁰ para o local. Após o término da cerimônia houve conversas individuais e grupais, de distensão psicológica.

19. Data: 1º.05.77

20. Os casos de pessoas da cidade que, aproveitando-se do baixo nível cultural das populações da zona rural, aplicam os mais diversos golpes fraudulentos, geraram uma desconfiança geral para com as pessoas estranhas; por isso, tal apresentação também foi ponto positivo para a boa vontade da comunidade antes, durante e após as entrevistas.

II - DIAGNÓSTICO DA REALIDADE

2.1. APLICAÇÃO DOS INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.

2.1.1. Crianças

As crianças do quarto ano completaram, por escrito, os questionários referentes ao domínio da norma culta e da terminologia gramatical, em sala de aula, durante o próprio período escolar, enquanto as demais continuaram com as suas atividades normais.

As entrevistas individuais gravadas, com duração aproximada de trinta minutos, cada uma, eram feitas na média de três a quatro por manhã e abrangeram as crianças do segundo, terceiro e quarto anos.

Para esse trabalho, o professor colocou à disposição a capela ou a sacristia, onde o silêncio colaborava com a gravação.

Os primeiros minutos eram sempre dedicados a perguntas e respostas bastante simples, cuja gravação era imediatamente ouvida pelas crianças, a fim de que elas se habituassem à presença do gravador e ao tipo do questionário.

2.1.2. Adultos

Em função dos trabalhos na roça, muitas vezes distante das suas

casas, de acesso difícil, os adultos que vieram ao primeiro culto para-litúrgico de que participamos, foram convidados a comparecer no domingo seguinte, quando responderam ao questionário sócio-econômico. A este primeiro apelo, responderam 32 pessoas.

No domingo seguinte, durante a festa local, novos apelos foram feitos pelo professor e pelas pessoas já entrevistadas, aos quais atenderam 5 pessoas.

Como alguns dos entrevistados estivessem necessitando de tratamento médico, algumas vezes urgente, na ocasião seguinte um médico se prontificou a auxiliar, realizando consultas e, posteriormente, distribuindo os medicamentos necessários²¹. Esta notícia se espalhou pela localidade e mais 8 pessoas puderam ser entrevistadas.

Essas entrevistas eram sempre realizadas nas dependências da capela, sacristia, salas de aula e barracas de festas. Basicamente, o chefe da família respondia os questionários; na sua ausência, por motivos de doença, de viagem, a mãe ou um representante forneceu então as informações.

No início dos trabalhos, o professor nos entregou uma relação de todas as famílias residentes em Roça Velha, em número de 52. Assim, após os vários apelos feitos para comparecer, 45 famílias preencheram os questionários.

Com base nos dados fornecidos pelas entrevistas, pudemos selecionar os elementos para as entrevistas gravadas, com representantes dos diferentes grupos da população, distribuídos da seguinte forma:

1. nascidos no local;
2. moradores mais recentes;

²¹. Como havia muitos casos de pessoas necessitando de tratamento, dois outros médicos foram à localidade, em dias diferentes, a fim de fazer trabalho de atendimento e orientação. Os que necessitavam de remédio receberam o necessário gratuitamente.

3. pessoas que não freqüentaram escola;
4. pessoas com curso primário completo;
5. pessoas com filhos na escola;
6. pessoas com filhos já saídos da escola;
7. pessoas com filhos em idade não escolar;
8. pais de fala estrangeira, em ambiente familiar;
9. filhos de fala estrangeira, em ambiente familiar.

2.2. ROÇA VELHA - HISTÓRICO

Abordaremos o histórico, sem nos descuidarmos da simplicidade característica do homem do campo, inserido profundamente na visão natural do meio-ambiente, filho da terra, orgulhoso dela, que é seu pequeno e seu grande mundo. Não vê muito além, nem o deseja. Satisfaz-se com ele e nele como que se encaramuja. Só por exceção deseja que seu descendente fure o bloqueio, sob a perspectiva de que assim o mesmo se contamina invariavelmente. A civilização é ainda um conceito de ambigüidade, quando não de obliquidade. Daí sua retração e um apego absoluto ao "status quo".

A descrição e o enfoque, históricos, com sabor de primitividade, nasceram, basicamente, do intérprete que acolheu a notícia simples, tal qual, da grande interlocução local: a revelação oral; a fonte: o "professor Júlio" ²².

2.2.1. Localização

Roça Velha, localidade do município de São José dos Pinhais,

²². Professor Júlio de Carvalho Gomes.

faz limites com Taissuquara, Malhada e Córrego Fundo.

O acesso a Roça Velha pode realizar-se por duas formas:

1. através da BR-277 (Curitiba - Florianópolis) e, no quilômetro 30, toma-se estrada macadamizada, à esquerda, passando-se por Taissuquara, antes de se chegar a Roça Velha;
2. através da BR-277 (Curitiba - Florianópolis), tomando-se, à altura do quilômetro 15, estrada macadamizada à esquerda e passando-se consecutivamente por Costeira, Murici e Malhada.

2.2.2. Primórdios

Um dos seus primeiros habitantes, e isto já há mais de 130 anos, foi Antônio Dias de Camargo, residente em Campo Largo da Roseira e possuidor de grande parte das terras de Roça Velha. Foi, contudo, assassinado, na estrada que conduzia à sua residência. Entretanto, uma filha permaneceu na região, donde, então, a família Carvalho Rocha.

Outras famílias, com o correr do tempo, fixaram-se igualmente em Roça Velha: Bueno e Machado, Cordeiro, Antônio da Luz, Antônio Camargo, Plantes, João Shefman, Joaquim Cardoso Gomes, Adão Rendak, Luís Grebogi, Matias de Lima e Joaquim Camargo.

Pelos caminhos de tropas de então, era conduzido o gado que invernava nas montanhas e por eles também passavam os imigrantes escravos (ucranianos) que iam à Colônia Santos Andrade, próximo a Castelhanos (cuja estrada é a que hoje vai para a Usina Guaricana) e muitos dos quais paravam, por algum tempo, em Roça Velha, trabalhando na construção de valos (cercas antigas) e na lavoura.

José Simaleski, morador de Contenda, e que trabalhava com madeira embiriçu para arcos de barrica, abriu uma estrada para car-

roça, que é a hoje existente, distinta daquela da tropa, chegando até Passo do Lagoão, conseguindo, mais tarde, avançar até o Chorão, próximo à serra.

Adão Rendak, que veio de Murici, entrando por Malhada, por onde só existiam, através das matas, picadões para tropas, empenhou-se em abrir estrada carroçável de Malhada até sua casa, percurso utilizado também por outras famílias.

No local, onde mora uma das famílias consta que houve mineração de ouro - Lavras de Saraiva - e há, atualmente, trabalho regular de garimpagem.²³

Há comentários entre a população que também houve mineração ao pé da serra, no Campo do Rodrigues, nos tempos da fundação de São José dos Pinhais.

Até há cerca de trinta anos, o gado andava pelas matas, as diversas criações se mesclando, já que não havia cercas. Mesmo quem não possuísse terreno tinha a possibilidade de ter o seu pequeno rebanho.

Contudo, com o progresso da agricultura, os terrenos começaram a ser cercados e os animais (veados, tatus, gatos do mato, ouriços, lontras, coatis, caxinguelês, etc.) e aves (tucanos, jacus, gralhas, tiribas, etc.) iam desaparecendo, pela ausência de matas e grande número de caçadores.

A região, hoje, vive em função dos produtos da agricultura,²⁴ como o feijão, milho, batatinha, batata doce, salsa, repolho e, em menor quantidade, tomate. A salsa, na sua maior parte, é vendida aos paulistas, que carregam os seus caminhões em Roça Velha. Os demais produtos são levados pelos proprietários e por estranhos para o CEASA, em Curitiba, ou vendidos para intermediários ou particu-

²³. O Trabalho está sendo executado pela firma Leprevost e Cia. Ltda., de São Paulo.

²⁴. Verificado nas visitas, entrevistas e conversas com a população.

lares interessados.

2.2.3. Festas

Em função da inexistência de uma capela em Roça Velha, as festas se realizavam nas propriedades dos próprios moradores, nalgumas das quais por mais de quarenta anos, e de quem recebiam os nomes. Assim, havia: Festa de Santo Antônio do João da Luz, festa de Santo Antônio do Reinaldo, festa do Divino Espírito Santo do José da Luz, festa do Bom Jesus do Joaquim Cardoso, festa de São Benedito do Lício Franco, festa de Nossa Senhora dos Milagres de Tomás Torres, etc.

Nessas ocasiões, novenas eram rezadas, levantava-se o mastro, havia barraquinhas, leilões, comidas e bebidas, etc.

Após a construção da capela²⁵, as festas religiosas passaram a ser aí realizadas

A mudança, contudo, de locais particulares familiares para as proximidades da capela, de acesso possível a qualquer pessoa da comunidade e mesmo de outras regiões, acarretou a presença de elementos nem sempre benquistos, ao mesmo tempo em que despertou ações até então incomuns (brigas e tiroteios).

Devido a essas desordens, foi pedido o auxílio da polícia. Apesar disso, em novembro de 1976, cerca de dez elementos desarmaram os policiais presentes, atiraram neles e não fosse a cobertura de elementos da população, as conseqüências teriam sido ainda mais graves. Acobertados por pessoas de influência do município, apesar das queixas em polícia, os infratores ficaram impunes.

Previendo a repetição das cenas, na festa de 15 de maio de 1977, cerca de dez policiais em duas viaturas se fizeram presentes, o que

²⁵. Data: 18 de agosto de 1960.

garantiu a segurança, o bem-estar e o sucesso dos festejos.

2.2.4. Serviços Religiosos.

Pelos anos de 1930, aproximadamente, uma vez por ano, o padre da Colônia Murici se deslocava para Roça Velha para celebrar missa nas casas de Manoel Cardoso e Jeremias Gonçalves Cordeiro.

Quando isso não ocorria, restava aos praticantes da religião a possibilidade de se deslocarem para Contenda ou Malhada, localidades situadas a cerca de seis quilômetros, em direções opostas, que já tinham suas capelas construídas, com a presença esporádica do padre.

Contudo, nos domingos e dias santificados, muitos dos que não participavam dos serviços religiosos, passavam o dia bebendo e jogando nos botecos, do que também participavam menores e alunos da escola que, quando proibidos de freqüentar tais lugares, passaram a jogar pelas matas. Havia dias em que as pessoas não podiam passar por esses lugares, em função da anarquia reinante.

Observando-se que somente a escola não conseguiria melhorar o ambiente, a idéia da construção de uma capela começou a surgir, a fim de oferecer às pessoas um local onde pudessem reunir-se.

Em junho de 1957, Alcides dos Anjos desejava fazer uma festa e mandar rezar uma missa campal. Não obtendo licença do padre de São José dos Pinhais, falou com o vigário de Murici, o qual, já sabendo dos planos de construção da capela, consentiu, desde que todo o lucro fosse entregue para o bem da comunidade.

A missa realizou-se às 11 horas, do dia 14 de junho do mesmo ano, ao lado do paiol, onde funcionava a escola e o lucro (CR\$ 10.000,00) foi revertido para a compra de madeiras.

A 10 de agosto do mesmo ano, foi celebrada a segunda missa,

quando se realizou o casamento de dois jovens²⁶, na localidade, o primeiro da história de Roça Velha.

Organizou-se uma comissão para a construção da capela, e, a 18 de agosto de 1960, foi celebrada a primeira missa na capela recém-construída, que tem Nossa Senhora de Fátima e Santo Antônio como padroeiros. A 4 de dezembro do mesmo ano, ocorreu a visita pastoral de Dom Inácio Krause, bispo auxiliar de Curitiba.

A estrada que dava à Capela de Malhada estava em péssimas condições. Quando os donos dos terrenos perceberam que ela sofreria melhoramentos, obstinaram-se em fechá-la, não o conseguindo em função da constância do Padre José Moravick, donde a denominação 'Estrada Padre José'.

Atualmente, a localidade recebe a visita mensal de um padre de Murici, quando é celebrada missa. Nos demais domingos, sempre há culto para-litúrgico, dirigido pelo professor da escola local.

2.2.5. Escola

A primeira professora em Roça Velha foi a senhorita Maria de Almeida (Mariquinha), em 1928, desempenhando as suas funções por cerca de quatro anos, quando se casou.

A partir de então até 1957, o quadro se repetia: os professores trabalhavam por algum tempo e se desligavam, deixando o local sem escola, por alguns anos.

Em 1957, o Professor Júlio de Carvalho Gomes, filho da terra, vindo de Campo Grande (Mato Grosso), onde trabalhava e estudava, para visitas a familiares e amigos, e sentindo as grandes necessidades da região, decidiu lá permanecer, passando a dedicar-se à escola, onde persevera até o momento como professor estadual.

Iniciou o seu trabalho na casa de moradores, comprando, poste-

²⁶. Valdomiro de Paula Cordeiro e Diva Bolino.

riormente, um paiol velho, onde a escola funcionou por treze anos aproximadamente, com piso de terra batida, frestas nas paredes e telhado, sujeita a chuva, umidade, frio e vento.

Apesar das repetidas promessas de melhorias, especialmente em épocas de eleições, somente com a operação ACISO-72 é que a situação se alterou, com a construção de uma sala de aula e colocação de carteiras novas, e para cuja inauguração esteve presente o General Ayrton Tourinho, Comandante da Região.

Posteriormente, com recursos da comunidade, complementados com outros da Prefeitura Municipal de São José dos Pinhais, foi construída uma outra sala de aula, anexa à primeira, a fim de permitir, com o trabalho de dois professores, um atendimento mais efetivo dos alunos. Infelizmente, contudo, devido à impossibilidade de se contratar professor, esta segunda sala só foi utilizada num único semestre.

2.2.6. Professor Júlio.

Dentro da história de Roça Velha e da própria Educação, deve ser ressaltado o nome do cidadão Júlio Carvalho Gomes.

Professor da Escola Carlos Gomes já há vinte anos, nunca mediu esforços para que, dentro de sua área de possibilidade de atuação, as pessoas não se vissem privadas dos elementos básicos de cada comunidade.

Começou a lecionar nas casas dos próprios moradores. Adquiriu, depois, com seus próprios recursos, um paiol velho para servir como sala de aula. Obteve, também, carteiras já usadas de escolas próximas.

Vendo que a escola não era suficiente, arquitetou o empreendimento da construção da capela, em terreno por ele cedido, como o fora, igualmente, à escola atual.

Observando que o progresso exigia novos empreendimentos, foi o artífice da construção de casa de alvenaria, que dispõe de dependências para a instalação de professor, quando este viesse de fora da comunidade. Além disso, dispõe de ampla sala para encontros com pais (que são realizados regularmente), e outras para possíveis visitas de médicos e dentistas.

Aos domingos, já que o padre da Colônia Murici, ou mesmo da sede de São José dos Pinhais, celebra apenas uma missa por mês, ele reúne a população na capela e realiza o culto para-litúrgico, propiciando, assim, momentos de encontro e de diálogo com as pessoas de sua comunidade.

Pelo alto grau de idealismo, atendendo os problemas e necessidades da região, à custa de esforços e recursos pessoais, e, deixando o seu conforto pessoal em plano secundário, granjeou a estima e o respeito das pessoas de boa vontade.

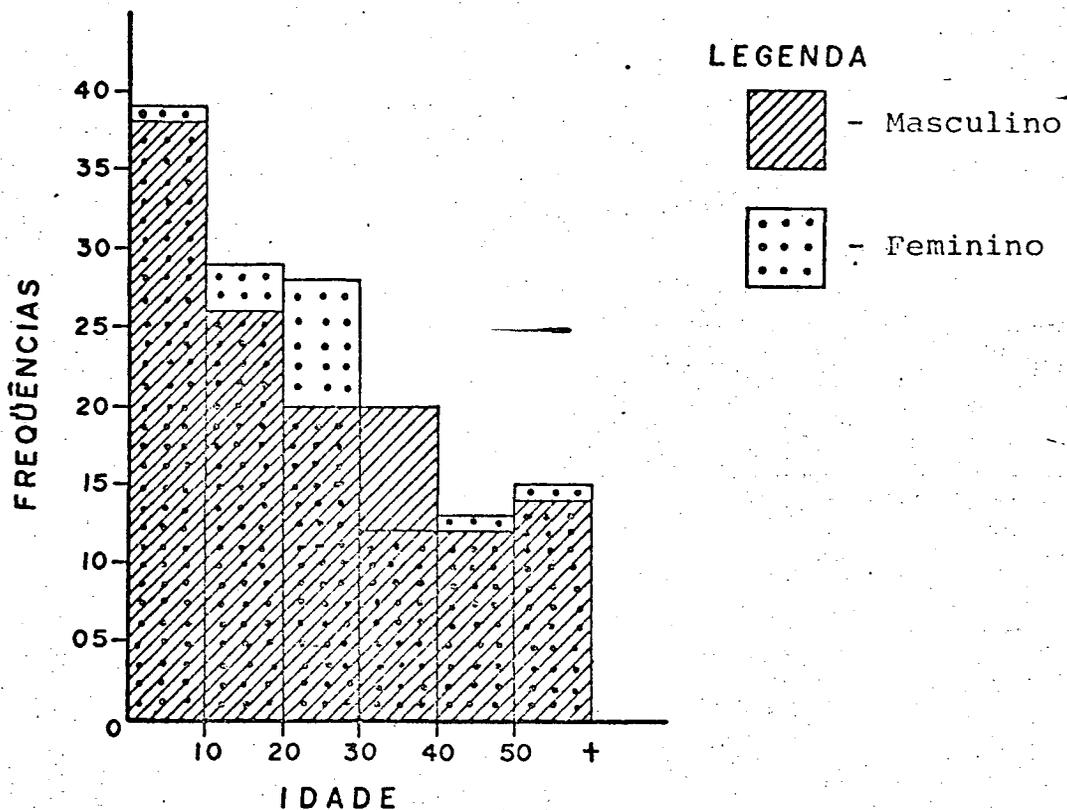
Desde o início do trabalho, acostumamo-nos a receber informações, comentários e notícias não da Escola Carlos Gomes, e sim da "Escola do Professor Júlio".

2.3. AVALIAÇÃO DO GRAU DE ILHAMENTO E POSSÍVEIS MEIOS DE IRRIGAÇÃO CULTURAL.

A pesquisa envolveu 45 famílias, num total de 266 pessoas, distribuídas etariamente da seguinte forma, demonstrando equilíbrio quantitativo quanto ao sexo:

Quadro nº 3

Distribuição da população por faixa etária e sexo.



Vê-se, assim, que quase metade do universo envolvido é formado por pessoas de menos de 20 anos, o que indica ser aquela população extremamente jovem, sujeita, em grande parte, à ação direta do sistema educacional.

2.3.1. FORMAÇÃO LOCAL.

É interessante observar-se que nenhuma pessoa da população nasceu em outro estado que não o Paraná, sendo que 96,61% dos elementos são do próprio município de São José dos Pinhais. O mesmo já havia ocorrido com os pais e avós que, desde que não tivessem nascido no estrangeiro, eram originários do próprio município ou do estado do Paraná.

Quadro nº 4

Local de Nascimento da População

Grupo familiar	Localidade	
	Município	Paraná
Pai	—	—
Mãe	2	1
Cônjuges	78	7
Filhos	168	—
Outro	9	1
Total	257	9

Dentre os 85 cônjuges, somente 7 são de outro município, o que demonstra que a terra só apresentava atrativos às pessoas que já residissem no local ou em suas proximidades.

Os filhos, em sua totalidade (100%), nasceram no município de São José dos Pinhais.

Assim, focado o local de nascimento, quanto à ascendência, formação de famílias e descendência, observamos reclusão e, logo, isolamento ou ilhamento.

Isso nos conduz também à realidade de que idéias, hábitos, costumes, língua, vocabulário, conhecimento de lugares, etc. são absolutamente restritos, já que não houve caldeamento pela presença de contingentes de outros estados e nem pela chegada regular e constante dos meios de comunicação (nem todos possuem o seu rádio a pilhas), alguns dos quais inexistentes (televisão) e outros bastante esporádicos (jornais, revistas, livros).

Justifica-se, também aqui, a ênfase a uma política educacional micro-regional, em função de realidades diferentes dentro de um mesmo Estado. Temos notícias que o Norte do Paraná possui contingente populacional que, além de móvel, é formado por levas oriundas de vários outros estados do Brasil.

A comunidade continua sendo, por esse e outros fatores, um compartimento estanque, não havendo pressão interna (local) ou externa (os serviços chegando à população) na dinâmica fluxo-refluxo de interação.

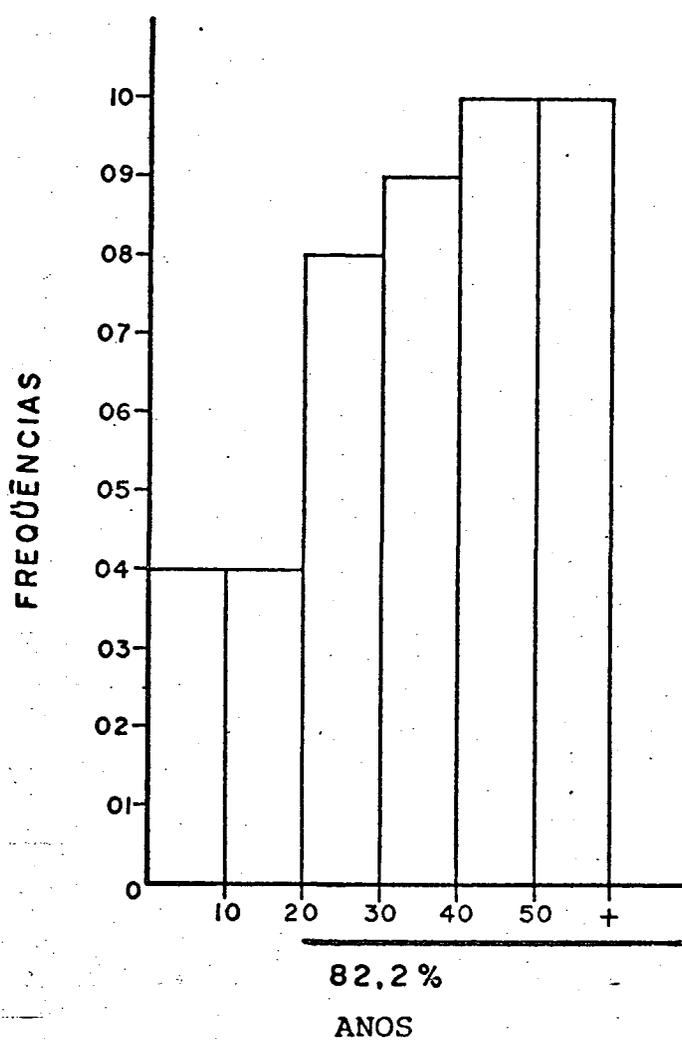
2.3.2. TEMPO DE MORADIA.

Percebe-se, pelos dados referentes ao tempo de moradia no local, que a população é estável, vivendo, em sua maior parte (82,22%), há mais de vinte anos no local. É aspecto que tipifica a zona rural de São José dos Pinhais, em contraste com muitas regiões do

paraná - Norte, por exemplo - onde vários níveis populacionais se caracterizam pela sua mobilidade espacial.

Quadro nº 5

Tempo de moradia no local.



É fator importante a ser considerado no sistema educacional - (livros, materiais, objetivos, etc.) - estabilidade espacial ou falta de atrativos para novas levas de pessoas.

2.3.3. GRAU DE INSTRUÇÃO DA POPULAÇÃO.

Observa-se, quanto ao grau de instrução da população, um qua-

dro desolador.

Quadro nº 6
Grau de Instrução da População

GRAU DE INSTRUÇÃO	FREQUÊNCIA
Analfabeto	43
Primário Incompleto	110
Primário Completo	57
Ginásio Incompleto	04
Ginásio Completo	01
Científico Incompleto	—
Científico Completo	—
Superior Incompleto	—
Superior Completo	—
Total	215

Além dos analfabetos, pode-se alimentar dúvidas quanto à capacidade de manejo do código escrito por grande parte dos que possuem o "primário" incompleto²⁷ e mesmo o "primário" completo, pela descontinuidade temporal dos cursos realizados ou pela falta de uso do que se aprendeu, o que certamente redonda em entrave para o

27. As duas principais causas que fizeram com que os mais antigos não frequentassem ou abandonassem a escola, segundo levantamentos, foram: a) trabalho na roça; b) inexistência de escola.

Secundariamente, distâncias longas, más condições financeiras, doenças, incapacidade, inexistência de ginásio.

Vê-se, assim, que causas do passado ainda se fazem presentes na atualidade.

progresso da localidade. Qualquer instrução, impresso, folheto, livro, etc., visando esta faixa de zona rural, deve levar em consideração, na sua elaboração, receptores afetados por essas contingências.

Durante a realização da pesquisa, quando indagamos a aproximadamente 30 adultos se poderiam fornecer dados, por escrito, sobre o local, não se preocupando com a correção de linguagem, somente três se habilitaram, apesar de muitos outros estarem enquadrados no grupo daqueles que haviam freqüentado a escola²⁸, fato corroborado pelo professor que conhece o manejo dessas habilidades pela população. (ver anexo 2)

2.3.4. IGREJA

Em conversas com adultos e crianças, sente-se que se dá um valor acentuado aos elementos religiosos, em casa ou em público.

Isto é corroborado pelas respostas ao questionário, onde todos os informantes dizem que freqüentam a igreja, havendo somente variação quanto às ocasiões: semanal (quando é realizado o culto para-litúrgico), quinzenal ou mensalmente (presença do padre na localidade).

Além disso, descendentes de poloneses se dirigem, em grande número, a Malhada, no primeiro domingo de cada mês, a fim de participar do terço que é rezado em polonês.

Considerando-se, portanto, os sentimentos, a freqüência e a visível estima daquela população rural pela figura do padre, impõe-se diálogo mesmo que eventual com a Igreja, com objetivos edu-

²⁸. Dos três depoimentos escritos, um deles é ilegível.

acionais, pela sua grande aceitação e conseqüente penetração.

Além disso, devemos considerar que a Igreja é de fato a única instituição que atingiu o interior do município e que a ele vai, se bem que não regularmente, buscando soluções para as suas camadas populacionais, objetivando proporcionar condições mínimas de bem-estar ao homem.

2.3.5. MEIOS DE COMUNICAÇÃO.

A- Como a rede elétrica ainda não atingiu a região, o contato verbal com o mundo exterior se realiza somente por rádios que funcionam a pilha, inexistindo quaisquer instrumentos gerados a bateria (televisão, por exemplo).

Além da programação musical em geral, colhemos preferências dos ouvintes por determinados programas:

- a) Missas - demonstrando o aspecto religioso da comunidade.
- b) Programas sertanejos, cujo linguajar está na sua órbita de familiaridade.

Contudo, apesar de ser esse um dos poucos meios de contato da pequena comunidade com a maior, várias famílias não possuem rádio, ou estão com o mesmo sem condições de funcionamento.

B- Mesmo tendo parcela da população afirmado que possui o hábito de ler jornais, revistas, almanaques, etc., preferimos concluir que isso ocorre eventualmente e apenas pela minoria da população, já que a sua compra só pode ser realizada nas idas à sede do município e, como demonstra tal tópico, isso não ocorre frequentemente. Mesmo em regiões mais próximas do quadro urbano, como Cachoeira, local do pré-teste, ou em outros locais que foram visitados²⁹, não há o hábito de leitura desses instrumentos.

²⁹. Taissuquara, Faxina, Campestre da Faxina, Contenda.

Devemos considerar essa possibilidade de contato como praticamente inexistente, o que também se constitui em elemento para isolar a comunidade.

C- A escola, além do número insuficiente de livros para uso dos alunos em sala de aula, não dispõe de qualquer livro ou material impresso que pudesse servir para uma leitura extra-classe.

A comunidade, por sua vez, apresenta situação semelhante: não existem livros de qualquer tipo. Praticamente metade dos informantes (46,66%) declarou que, em suas casas, não há leitura de espécie alguma.

Isso tudo se reflete sobre a escola: alunos não conseguem executar atividades mínimas, ao mesmo tempo que não recebem incentivo da comunidade.

Livro dos Crentes, Livros de Orações, impressos religiosos em geral, são instrumentos de leitura eventual e esporádica; é importante ressaltar para conclusões lingüísticas que não são todos os membros da família que manuseiam a Bíblia ou os impressos; enquanto uma pessoa lê, as outras escutam.

Observamos, assim, um quadro propício para o isolamento e para o analfabetismo funcional, onde, apesar de a população possuir a sua escola até a quarta série do 1º grau, se desaprende o que se aprendeu, pela falta de exercício e consolidação das habilidades.

Há, porém, necessidade de se descobrir fórmulas para evitar que isso ocorra.

Urge criar-se, nas escolas, pequena biblioteca para atender os alunos e a comunidade, com boa seleção de conteúdos (=base nas aspirações e necessidades da comunidade).

"A escola não se deve destinar unicamente às crianças, mas deve constituir um centro de cultura para toda a comunidade".³⁰

³⁰. RAKOTOMALALA, Pierre & KHOI, Le Thanh. A educação no Meio Rural. Lisboa, Moraes Editores, 1974. p.30.

Presenciou-se, por exemplo, a preparação de uma escola que patrocinaria uma festa por iniciativa própria, e cujos lucros reverteriam para o próprio benefício de prioridades escolares.³¹

Em Roça Velha, parte do arrecadado na Campanha da Fraternidade (por iniciativa do padre que atende o local, e do professor) e parte do arrecadado em festas foi destinado à compra de alguns livros e materiais suplementares.

Por que, então, não se estudam maneiras para que tais coisas façam parte da consciência e dos programas de nossas populações?

Além do mais, deve haver contato permanente com outras instituições, a fim de verificar o que realizam nesse sentido, procurando-se unir esforços, aproveitar idéias, conjugar recursos, na busca da mesma meta: a promoção do homem.

Há, por exemplo, no MOBRAL, as Mobralecas - caminhões equipados com videocassete, receptor de televisão, projetor de cinema, livros, pinacoteca, material de artesanato, palco desmontável, ..., procurando levar às populações interioranas o conhecimento dos meios de comunicação, a participação em atividades de equipe, a utilização de materiais, etc.

Tais meios possíveis podem se estender a Roça Velha.

2.3.6. MEIOS DE TRANSPORTE.

A- Ônibus

A pessoa que deseje locomover-se à sede de São José dos Pinhais, desde que não possua condução própria, terá que se dirigir à BR-277 ou à localidade de Malhada, o que representa uma caminhada de seis para mais quilômetros, variando conforme o local de residência, para só então alcançar transporte coletivo.

³¹. Escola Castelo Branco, em Cachoeira.

Um dos anseios da população é que um ônibus transite pelo local, no mínimo uma vez por semana, para que pudessem concentrar, então, para este dia, os assuntos que dependessem de solução na sede do município (negócios, médicos, dentistas, visitas, etc.), ao mesmo tempo em que isto evitaria perdas em tempo, trabalho, dinheiro, etc.

A ausência de ônibus traz dificuldades; as dificuldades trazem desânimo; o desânimo leva ao êxodo ou à restrição de idas à cidade, fato que desencadeia isolamento.

B- Carros e caminhões.

Esses veículos são propriedade das pessoas de maiores posses, conforme palavras da própria população, e são utilizados para o transporte de mercadorias, condução aos domingos, para passeios próximos e missas.

Há, em Roça Velha, uma Kombi, um carro Aero-Willys e 8 caminhões. Portanto, 22% dos informantes são, pode-se dizer, motorizados.

C- Carroças

Carroças existem em número bastante representativo, de modo que a maioria das crianças, que freqüentam a escola, sabem como conduzi-las, bem como explicar todos os movimentos que fazem e sons que produzem.

Certo dia ³², o Professor da E.M. Castelhana, São José dos Pinhais, conduziu os seus alunos à BR-277, para observarem os meios de transporte. Eles ficaram deslumbrados com os ônibus de diferentes marcas, jamantas e caminhões que por lá passavam, e que ainda não conheciam.

Vê-se, assim, que a ausência de transporte coletivo, o número

³². Depoimento colhido na Inspeção Municipal de Ensino de São José dos Pinhais.

e uso restrito de carros e caminhões e o emprego generalizado de carroças para as atividades cotidianas locais podem conduzir a pontos de partida de abordagens metodológicas e lingüísticas, na visão de "dentro para fora", anteriormente mencionada.

2.3.7. CONTATOS EXTERNOS.

A- Religiosos

A localidade, dispondo de sua capela, recebe visita, em geral mensal, do padre da Colônia Murici ou de São José dos Pinhais, quando, então, celebra a Missa, acompanhada por grande número de pessoas.

Havia o hábito, até há cerca de dois anos, de o padre visitar as casas do local³³ ou reunir as crianças na escola, para alguns ensinamentos. Contudo, isto não mais ocorre.

B- Autoridades

O grande momento de alegria de Roça Velha, quanto a contatos com autoridades, ocorreu na Operação Aciso 72, quando o General Ayrton Tourinho e diversos oficiais lá estiveram para a inauguração da escola, havendo preparação de material por alguns dias e demonstrações dos soldados para a população.

A escola, até o ano passado, recebia a visita anual da Inspectoria Municipal para aplicação da prova final e acompanhamento das atividades e que decidia a aprovação ou reprovação dos alunos. A partir do corrente ano, tais visitas são bimestrais.

C- Eleições

³³. As visitas eram motivo de alegria e conversa da população. Lembrem, por exemplo, até hoje, da simplicidade do padre, fixando imagens e idéias, alargando horizontes.

Em época de eleições, como sabemos ocorrer em qualquer outra parte, a localidade é visitada amiúde, quando são prometidos diversos empreendimentos, a maioria dos quais naturalmente não concretizáveis, nem concretizados.

D- Visitas

56% da população entrevistada afirmou não receber visita de qualquer natureza, quer comercial, familiar, de amizade ou religiosa.

Entre os que são visitados, aparecem os aspectos familiar e de amizade como os preponderantes e, secundariamente, os motivos comerciais e profissionais.

As casas da localidade estão situadas a distâncias razoáveis, umas das outras, não existindo, por exemplo, conglomerados, o que faz com que a população não se visite freqüentemente ou faça rodas de "prosa".

E- Relacionamento com a zona urbana.

Quadro nº 7
Frequência do Relacionamento da População com a Zona Urbana dos Municípios de São José dos Pinhais e Curitiba.

Contato	S.J.dos Pinhais	Curitiba
Diário	3	—
Semanal	2	—
Quinzenal	3	—
Mensal	24	4
Outro	13	41
Total	45	45

O relacionamento da localidade com a sede do município não se realiza com frequência, apesar da proximidade.

Vemos que 53,33% dos informantes se dirige a São José dos Pinhais uma vez por mês; três deles, somente se locomovem diariamente para fins de trabalho.³⁴

O contato com Curitiba é acentuadamente mais raro e se realiza por motivos de compras e tratamento de saúde. Percentagem mínima dos informantes vai à capital mensalmente. A maior parte vai em espaços superiores a um mês.³⁵

Salientamos que tais percentagens se referem ao informante, chefe de família e, logo, condutor dos negócios. Os contatos das outras pessoas da família com os centros urbanos, acima mencionados, é normalmente menor.

As crianças do 2º, 3º e 4º anos, num total de 17, foram entrevistadas com o uso de gravador. 15 delas disseram conhecer, através de visitas a amigos ou parentes, São José dos Pinhais. Entretanto, 7 disseram não conhecer Curitiba.

Somando-se o raro contato das pessoas da cidade com a localidade, quer em sentido administrativo ou de visitas, ao pouco relacionamento da sua população com a sede urbana de São José dos Pinhais ou Curitiba, percebe-se o quadro melancólico: a comunidade é de fato uma ilha, distante da possibilidade do fluxo de análise de fora para dentro ou de dentro para fora.

2.3.8. FESTAS CONCORRIDAS.

As festas interioranas se marcam pela penetração psico-social

³⁴. São pessoas que moram nos limites de Roça Velha com Taissuquara, região mais próxima do asfalto e, logo, de maior facilidade de contatos.

³⁵. Houve também respostas dos tipos: "em 7 anos, 3 vezes", "fui só 4 vezes", "ralas vezes", "não conheço Curitiba", o que vem demonstrar o grau de distanciamento, apesar da proximidade.

intensa, já que substituem, a rigor, todas as oportunidades de diversão e de esparecimento; daí, o alto teor impressionante de tais convívios densos e de efeitos marcantes na pequena comunidade. É um de seus traços fisionômicos típicos.

Há dois tipos de festas, apreciados: de igreja e de casamento, sendo que os aniversários praticamente não são festejados.

As festas de igreja, duas ao ano, se estendem da manhã, com a celebração da missa, até o anoitecer, colocando-se à disposição barracas, bebidas, rodas de fortuna, churrasco, serviço de alto-falante, prendas, etc., com frequência acentuada e lucros revertidos para necessidades locais. Elas são sempre precedidas por um tríduo preparatório, com a realização de "novenas" nas três noites que a antecedem. Observa-se grande participação e contribuição da população, através de doação de prendas, na limpeza do gramado, estradas e matas que conduzem à capela, na compra e preparação do material e nos próprios serviços no transcorrer do dia da festa.

Para as pessoas que possuam condução ou disposição para andar, há a possibilidade de participarem também de festas na Contenda e em Malhada, localidades próximas de Roça Velha (6 Km).

Os casamentos já são festejados em grupos mais restritos, constituídos de amigos próximos e parentes, sempre também bastante animados. A cerimônia é geralmente realizada pela manhã, ao que se segue almoço para os convidados.

2.4. ECONOMIA.

2.4.1. OCUPAÇÕES.

Por ser a lavoura a atividade econômica básica da região, 78%

dos informantes fazem dela a sua única fonte de renda, em escala de subsistência e comercialização, através de venda e, poucas vezes, pela troca. Quando há venda, 48% o fazem para comerciantes; 21% para cooperativas; e 31% para comerciantes/particulares. Normalmente, os que vendem para cooperativas são os que dispõem de condução própria (28% dos que vendem os seus produtos). Os demais são procurados pelos interessados.

Os outros desenvolvem trabalho agrícola em nível de subsistência, obtendo os recursos financeiros para sobrevivência através de trabalhos eventuais (carpinteiro, biscateiro e motorista) ou fixos (garimpeiro, funcionário, servente, trabalho em fábrica). A relação destes últimos com os seus locais de trabalho geradores de renda é de empregado.

Somente uma pessoa declarou não se dedicar à lavoura sequer a nível de subsistência, obtendo recursos tão somente pelos seus ganhos em fábrica de compensado.

Todo o trabalho de lavoura é desenvolvido de forma autônoma, sendo que somente 9% adquirem o aspecto de empregadores em períodos mais ou menos regulares.

Logo, a economia é do tipo familiar, onde todos os membros dão a sua contribuição para a obtenção dos resultados finais.

As famílias são normalmente proprietárias dos terrenos, localizados nos arredores das próprias casas, arrendando, também, eventualmente, outras porções, na própria região. Inexistem as categorias de meeiro, agregado ou ocupante.

Vê-se, assim, que inclusive pelo trabalho há isolamento da comunidade: na maioria dos casos, ele é desenvolvido em casa; raramente, na região; e observaram-se somente casos de 3 pessoas que, além da região, tenham contato, pelo trabalho, com elementos de fora da região.

A comunidade vive, portanto, em função de um centro de inte-

resse básico: exploração, como proprietários, de lavoura, do tipo familiar, a nível de subsistência e comercialização. Tal centro deve ser explorado maciçamente em qualquer empreendimento social ou econômico, através de garantias e incentivos a esses pequenos produtores. De nada adianta falarmos em higiene, saúde, ônibus, metodologia eficaz, ..., se o homem é sofrido em seu trabalho ou na venda de seus produtos, pela inexistência de melhores mercados, ausência de orientações, ação de intermediários, etc.

2.4.2. TRABALHO E MENORES DE 15 ANOS.

Há consenso, na população, em se dizer que a época do ano com maior volume de trabalho é a que vai de agosto a dezembro, decrescendo nos meses de janeiro, fevereiro e março e, de forma considerável, de abril a julho.

Nesse trabalho, por ser a economia do tipo familiar, todos os seus elementos se envolvem, inclusive as crianças, a partir dos seis anos aproximadamente.

Observam-se poucos casos de crianças que trabalham eventualmente para pessoas que não as da família, quando recebem pagamento em dinheiro. Contudo, quando isso ocorre há a exclusão da escola.

O fato de os filhos menores trabalharem para as próprias famílias não exclui, na maior parte das vezes, a escola e, como para os demais, a ajuda dos menores não é contínua.

Haverá, conseqüentemente, maior número de ausências no segundo semestre, o que poderá conduzir a evasões ou repetências em número limitado.

Saliente-se, contudo, que a educação não está, nesse caso, sujeita às condições de trabalhos estacionais como exigem culturas de outras regiões do Paraná.

2.4.3. INSTRUMENTOS DE TRABALHO.

A lavoura, até o momento, não utiliza maquinário, havendo somente uma família que faz uso de trator por empreitada.

Há notícias de que pessoas de localidade próxima estejam adquirindo tratores, que poderiam ser cedidos, por empreitada, à população de Roça Velha.

Assim, a instrumentação atual - arado, carpideira, carroça, grade, etc. - exige bem mais do lavrador fisicamente, ao mesmo tempo em que limita as suas possibilidades de trabalho pelo maior tempo dispendido no trato da terra, com o efeito de envolver a família e particularmente o trabalho das crianças.

2.5. A ESCOLA.

2.5.1. LOCALIZAÇÃO FÍSICA DA ESCOLA.

Com base nos números fornecidos pelos alunos e confirmados pelo professor, que conhece a localização de todas as residências, concluiu-se que os alunos demoram, em média, trinta minutos para chegar à escola.

Há, naturalmente, os que moram a distâncias maiores (4 quilômetros ou mais), que inclusive se utilizam de picadas, encurtando trajetos pelos campos e matas, para chegar à escola. Esses normalmente não faltam às aulas.

Assim, para a maior parte das crianças e da população, a escola e, conseqüentemente, a capela, que se situam no mesmo local, são acessíveis, em função da sua localização.

2.5.2. A SALA DE AULA.

A sala, em construção de madeira, a exemplo da maioria das escolas da zona rural de São José dos Pinhais, é agradável pelo tamanho³⁶ e pela localização, donde se descortina visão de boa parte da localidade.

Em dias de chuva, já que não existe rede elétrica no local, a realização das atividades escolares se torna mais difícil.

2.5.3. EQUIPAMENTOS DA ESCOLA.

A sala dispõe de três quadros-negros (dois na parte da frente e um nos fundos), de tamanho pequeno, e, insuficientes para atender as quatro séries.

Pelas paredes, observam-se os seguintes materiais:

- . Mapa da distribuição dos principais agrupamentos dos solos do Estado do Paraná;
- . Mapa do Estado do Paraná;
- . Mapa Geral do Brasil;
- . Mapa Mundi;
- . Figuras dos Patriotas e Presidentes do Brasil;
- . Cartaz com a Bandeira Nacional, Armas Nacionais e Selo Nacional.

Percebemos ser este material também insuficiente para desenvolver com eficácia mínima as atividades didáticas.

Os alunos não dispõem de livros para serem usados em sala de aula, o que torna necessário escrever-se quase toda a matéria no quadro-negro.

Os poucos livros, em número insuficiente e mínimo, passam de

^{36.} Tamanho = 36,40 m².

uns para outros, através dos anos, e foram obtidos através da Ins-
petoria, Campanha da Fraternidade, doações e compras pelo próprio
professor. Entretanto, deve-se considerar que, após anos, os li-
vros se alteraram, quer pelo conteúdo, como pela forma de aborda-
gem, tornando-os ultrapassados e sendo, além disso, específicos pa-
ra zonas urbanas.

São os seguintes os livros:

- . Minha Terra - João Barbosa de Moraes, 5 exemplares;
- . História Sagrada do Antigo e do Novo Testamento -
Frei Bruno Heuser, O.F.M., 6 exemplares;
- . Estudos Sociais e Culturais - Déborah Pádua Mello
Neves, 6 exemplares;
- . Ciências para Crianças - Livro 4 - Fundepar, 6
exemplares;
- . Pátria e Cidadania - Leny Werneck Dornelles, 5
exemplares;
- . Aulas de Religião para Escolas Primárias - Frei
Bruno Heuser, O.F.M., 6 exemplares;
- . Aconteceu com Nossos Amiguinhos - Zélia Almeida -
11 exemplares.

São 45 livros, abrangendo 5 assuntos diversos, para atender a
36 alunos, de quatro séries distintas.

Através de visitas feitas a outras escolas do município³⁷, mu-
nicipais ou estaduais, quadros semelhantes foram observados.

Há, logo, necessidade de se verificar constantemente se as es-
colas possuem o material mínimo de funcionamento (quadro-negro, giz,
material didático de apoio, livros, cadernos, canetas, lápis, etc.).

³⁷. Taissuquara, Faxina, Campestre da Faxina, Contenda.

Pode ser argumentado, que os livros que se publicam, não são suficientes para todos. Contudo, ressaltamos que eles são indispensáveis. Recorra-se às nossas universidades e aos órgãos próprios do Estado, onde há, sem dúvida, pessoas altamente capacitadas para orientarem trabalho de confecção de material, mesmo que, ao final, o produto não seja em papel acetinado com figuras finamente ilustradas. A falta de material indispensável - o que faz esboroar-se qualquer objetivo - é que não se admite.

2.5.4. NÚMERO DE ALUNOS.

A escola atende a trinta e seis alunos, nas quatro séries do 1º grau, distribuídos da seguinte forma:

- . 1ª série - 19 alunos;³⁸
- . 2ª série - 1 aluno;
- . 3ª série - 14 alunos;
- . 4ª série - 2 alunos.

Professores que atuam em salas de aula de curso do 1º grau sabem que um grupo de 36 alunos, de uma série, para receberem um atendimento condizente, exige trabalho, dedicação, preparação e metodologia adequada. Afinal, dos primeiros anos é que sobrevirão inúmeras qualidades fundamentais para resultados positivos futuros.

Problemático e questionável é saber-se como, porém, 36 alunos, de séries diferentes, possam ser bem atendidos ao mesmo tempo por um professor, por maior que seja o seu empenho.

³⁸. A quantidade excessiva de alunos na 1ª e 3ª séries decorre do fenômeno de repetência. No ano de 1976, houve na escola local um percentual de 41,17% de reprovações. Dos 11 alunos matriculados na 1ª série, somente 1 foi aprovado. Na 3ª série, dos 8 matriculados, 4 foram promovidos para a 4ª série.

Além disso, não ocorre divulgação de metodologias próprias para atender a escolas do tipo rural: unidocentes, em sua maioria, com atendimento simultâneo das quatro séries. Os meios não podem desconhecer, no detalhe, os fins.

Poderia haver, com o aproveitamento de escolas da zona rural, a criação de escola-laboratório³⁹, onde seriam testados os instrumentos criados, a metodologia, formas de avaliação, etc., para se observar até que ponto e em que direções todo esse instrumental é aplicável, a fim de que resultados melhores fossem alcançados.

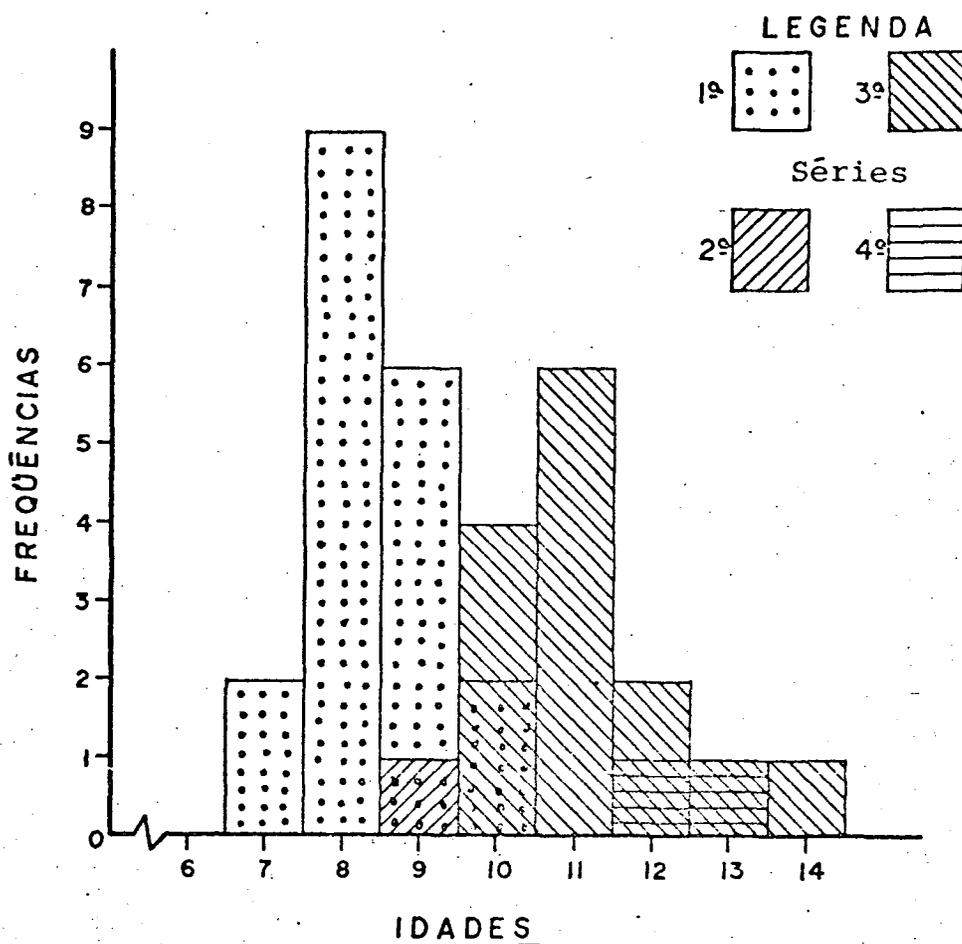
2.5.5. FAIXA ETARIA DOS ALUNOS.

A desproporção idade/série é uma das características do sistema escolar da zona rural, onde o aluno, por motivos variados (trabalhos na roça, evasões, interrupções, repetências, etc.) não consegue completar o primário nos quatro anos previstos. Isto traz como resultado a oneração da educação e a insatisfação por parte dos alunos e familiares envolvidos.

39. O II Encontro Nacional sobre Ensino Municipal (Aracaju - 5 a 9 de julho/76) apresenta o Centro Rural de Desenvolvimento Social (CRDS) - Um Modelo Genérico, local de testagem de toda uma instrumentação educacional. No Paraná, há o projeto experimental das Escolas Consolidadas.

Quadro nº 8

Relação Idade/Série na
Escola Municipal de Roça Velha



Roça Velha também se situa dentro deste quadro. A idade de seus alunos do 1º ano oscila entre os 7, com uma percentagem pequena, e os 10 anos. Ocorre variação semelhante no 3º ano, com a idade situando-se entre os 10 e 14 anos, fora, portanto, dos parâmetros ortodoxos.

Há alunos que freqüentam a escola já por sete anos, o que torna a situação, sem dúvida, desgastante.

Os aspectos que envolvem a abordagem da escola no presente trabalho certamente são causas constantes de repetência e consequente distorção idade/série.

2.5.6. INDUMENTÁRIA DOS ALUNOS.

Há insuficiência de agasalhos em dias de frio e chuva, além de pouco cuidado na manutenção e asseio das roupas, fato que se evidencia em especial nas pessoas de origem não polonesa.

Os calçados (sapatos, sandálias, etc.) são usados exclusivamente, quando há umidade e geada. Caso contrário, os alunos vêm todos descalços.

Foi dedicada uma ida a Roça Velha num dos dias considerados dos mais frios e úmidos do ano, a fim de verificar-se novamente a indumentária das crianças. Apesar disso, além de parcela representativa estar mal agasalhada, oito crianças estavam descalças.

Isso certamente traz conseqüências maléficas para a saúde, o que redundará em diminuição do desempenho escolar.

2.5.7. SAÚDE.

Qualquer leigo que observe algumas crianças com fisionomias por demais pálidas, ou com barrigas salientes, ou que tenham que ouvir uma pergunta duas ou três vezes para entendê-la, ou que falem de irmãos que caem e ficam tremendo, ou que apresentem pequenas feridas nas orelhas, cabeça, mãos e costas, ou ouvidos purgando, ou que apresentem fistulizações externas provocadas por abscessos dentários para serem tratadas depois de duas ou três semanas, deduzirá que a saúde é precária e o futuro comprometido.⁴⁰

Há tratamento médico acessível em São José dos Pinhais. Contudo, isso implica na perda de um dia de trabalho, gastos nem sempre possíveis, locomoção difícil, de seis ou mais quilômetros, até o asfalto, por onde passa o ônibus, carregando-se a criança doente sob qualquer tempo e não se sabendo dos resultados da viagem, já que, muitas vezes, um dia não é o suficiente.

Esta é a situação de toda a zona rural de São José dos Pinhais,
^{40.} Observem-se os relatórios médicos no Anexo 3

em que a pessoa, para obter algum tipo de atendimento, deve deslocar-se até a sede do município, o que, sem dúvida, acarreta desânimos, favorecendo o êxodo, pois na cidade "tudo é mais fácil", como costumam dizer.⁴¹

Observa-se saúde precária e descaso em relação aos preceitos de saúde. Os descendentes de estrangeiros (poloneses) são, no geral, mais cuidadosos, atendendo a este setor com mais eficácia.

Há necessidade de se organizarem serviços, médico e dentário que, em primeira etapa, atendessem pelo menos os alunos da zona rural, semestralmente, em suas escolas, com esclarecimento dos pais, que dessa forma, poderiam receber orientação global.

Não se admite que:

- a) Alunos com audição afetada, verminose evidente, debilidade, não recebam um atendimento mínimo;
- b) a população doente tenha que deslocar-se à sede do município ou a Curitiba, para tratar de uma verminose. Deve-se fazer o tratamento no próprio local, realizando-se, então, triagem dos que devem vir ao município e outra dos que necessitam de atendimento mais complexo na Capital.

Dinheiro? Não se pesquisou a quantidade de pessoas, por exemplo, que pagam FUNRURAL, em Roça Velha. São, no entanto, muitas. Por que, então, gastar fundos na sede do município? Por que não levar a medicina ao interior do município? Pelo menos, em esquemas itinerantes.

Observemos projetos que vêm alcançando êxito, como o desenvolvido, no sentido acima apontado, pela Associação Saza Lattes, Fun-
rural e comunidade, na localidade de Bateias, município de Campo

⁴¹. Acompanhamos, por exemplo, o caso de duas mulheres que foram vacinar os seus filhos, de menos de um ano, em São José dos Pinhais. Saíram de Roça Velha às seis horas da manhã, retornando tão somente às 18:00 horas. Um dia para se fazer um trajeto de 25 quilômetros.

Largo da Piedade, Paraná.⁴² Ainda: "... qualquer moça do campo poderia aprender como diagnosticar e tratar a maioria das infecções se cientistas médicos preparassem dosagens e instruções, especificamente, para uma determinada área geográfica".⁴³

Ou, então, conforme notícias divulgadas há tempos pela imprensa sobre carro ambulatório do Funrural, percorrendo a zona rural de certos municípios.

Atente-se ao que está em funcionamento eficaz e busquem-se aperfeiçoamento e ampliação.

2.5.8. HIGIENE.

Há, como constatado pelos médicos, inobservância de princípios básicos de higiene, através da verificação de inúmeros casos de sarna, feridas mal tratadas, asseio pessoal descuidado e verminose generalizada.

Tais descasos ou desconhecimentos dos preceitos de higiene certamente se refletem no desempenho escolar.

A escola, no desenvolvimento de seu programa, trata dos princípios que cada criança deve observar em relação à sua saúde, a roupas e aspecto pessoal, na escola e em casa.

Entretanto, isso se torna infrutífero na maioria das vezes, já que os aspectos positivos são neutralizados pela ação negativa do ambiente ou do próprio lar e pelas circunstâncias globais.

Após uma das consultas médicas, fomos à casa de uma das famílias entregar o medicamento anti-helmíntico "Pantelmin".

42. Projeto de Extensão Rural de Serviços Médico-Sociais - Paróquia de São Sebastião - Distrito de Bateias, Município de Campo Largo, Estado do Paraná - Órgão executor: Associação de Proteção à Maternidade e à Infância "Saza Lattes".

43. ILLICH, Ivan. A sociedade desescolarizada. In: BUCKMAN, Peter. Educação sem escolas. Rio de Janeiro, Eldorado, 1973. p.32.

A bula prescreve os cuidados que devem ser tomados na profilaxia e tratamento das parasitoses intestinais, em número de onze, porém, de forma visível, totalmente inexistentes naquela casa e, sem dúvida, em muitas outras.

Fazem-se então, duas perguntas:

- a) Qual a utilidade dos princípios de higiene ensinados na escola, se não se busca, concomitantemente, uma solução comunitária?
- b) Que medidas reais estão sendo tomadas no sentido de se instruir a população rural e verificar a compreensão e utilização das normas aconselhadas?

*"Pensamos que, no início, a melhor maneira de educar os mais pequenos é educar os pais, nomeadamente as mães ... nutrição, higiene,..."*⁴⁴

2.5.9. CRITERIOS DE AVALIAÇÃO.

Na rede municipal de ensino, podemos distinguir duas fases de avaliação, abaixo especificadas.

- a) até 1976, quando os alunos da zona rural eram aprovados ou reprovados em função de um exame ao final do ano, independente do aproveitamento no transcorrer do ano, exame elaborado não pelo professor da escola, mas pelos responsáveis educacionais da sede urbana de São José do Pinhais.

Os índices de repetência eram espantosos, como

⁴⁴. RAKOTOMALALA, Pierre & KHQI, Le Thanh. p.52.

efeito natural de causa notória.⁴⁵

- b) A partir de 1977, apesar de os exames continuarem sendo elaborados na sede urbana de São José dos Pinhais, as provas são aplicadas bimestralmente pelas autoridades da Inspeção Municipal, conforme objetivos também bimestrais, o que conduz, além de um acompanhamento mais próximo da escola, do professor e alunos, a várias oportunidades de o aluno demonstrar seu grau de escolaridade. Temos certeza de que o índice de repetência já tenderá a diminuir, o que somado a outros aspectos (conteúdo programático de acordo com a realidade rural, por exemplo) conduzirá a um melhor aproveitamento escolar.

A rede estadual de ensino já adota, há mais tempo, o segundo modelo, com a observação de que as provas são elaboradas em São José dos Pinhais, mas aplicadas pelo próprio professor da escola e não por pessoas de São José dos Pinhais. Vantajosa a iniciativa, por ser uma situação mais natural para o aluno; desvantajosa por afastar as pessoas da sede urbana da realidade rural, o que não é suprido por uma ou duas visitas anuais.

Algumas observações em relação ao segundo modelo, contudo, ainda são necessárias:

- a) Qual a experiência de zona rural das pessoas que elaboram as provas? São estudiosas das necessidades, dos problemas e anseios desta população? Ou elaboram provas "de gabinete"?

45. Segundo dados fornecidos pela Inspeção Municipal de Ensino em relação às suas escolas, o índice de repetência da 1ª para a 2ª série, no ano de 1976, foi de 79%.

Nota-se na zona rural a idéia de que a criança deve repetir o 1º ano para "aprender direito". Essa concepção é, sem dúvida, conseqüência dos índices de repetência.

b) As escolas nem sempre possuem os livros escolares mínimos para o uso dos alunos. Além do mais, não há obrigatoriedade para uso de um único livro em zona rural. Ainda: os objetivos podem e devem ser trabalhados diferentemente pelos vários professores.

Indaga-se, então, em que base as provas são elaboradas: no que os alunos devem saber? Nos poucos livros existentes? No que as pessoas da cidade consideram importante?

2.5.10. METODOS E TÉCNICAS DIDÁTICAS E RECURSOS PESSOAIS DO DOCENTE.

Sendo líder comunitário, o professor granjeou a estima e o respeito da população, o que faz com que o seu trabalho na escola seja incentivado e apreciado por todos.

Há aspectos negativos na escola, como o demonstram os itens anteriores. Contudo, fogem à responsabilidade direta da atuação docente enquanto pesam sobre esferas educacionais superiores.

Apesar de pertencer à zona rural, o professor possui familiares em São José dos Pinhais, conhecidos em Curitiba, o que torna mais ampla a sua esfera de penetração administrativa. Tudo, porém, de efeito aleatório e eventual.

Dirigente do culto para-litúrgico, procura sempre estar ao par das notícias, a fim de retransmiti-las e comentá-las com a população, como ficou evidente pelos comentários sobre a "Semana da Família", debates sobre o divórcio, etc.

Vários cursos de aperfeiçoamento, desenvolvidos em São José dos Pinhais, Curitiba e CETEPAR, foram realizados por ele, com certificados de frequência e aproveitamento. O último deles foi o "Curso de aperfeiçoamento para docentes do ensino do 1º grau", em

atividade da primeira à quarta série, planejado, executado e avaliado pelo CETEPAR (1974), num total de 264 horas, com frequência de 97% e aproveitamento bom.

A sua atuação deve ser incentivada, apoiada e basicamente orientada, também através de recursos, a fim de que padrões mínimos de rendimento sejam obtidos, em condições mais favoráveis.

Contudo, da simplicidade de tal ambiente ao manejo de técnicas adequadas, fruto de estudos e pesquisas, medeia um longo trecho.

Impõe-se, logo, a organização de bom livro do professor, em torno do material preparado para os alunos, com especificação clara de cada uma das fases a ser abordada, com a indicação de todos os exercícios orais e escritos mínimos que deveriam ser executados em sala de aula, com orientação minuciosa de cada atividade, a fim de que o professor tenha elementos em que escorar-se.

A fim de se fazer trabalho prático orientado de apresentação de cada passo, referido no guia do professor, objetivando-se melhores desempenhos, faz-se mister a realização de curso semestral (de curta duração), onde se reuniriam os professores de regiões da zona rural do município somente.

Aliás, devemos refrear a ênfase aos cursos onde se pretende ensinar aos professores como elaborar, teoricamente, objetivos, conhecer os tipos de avaliação existentes, os aspectos da lei 5.692 ou seus diversos pareceres, etc., e que não conduzem a nada. Devemos primar pela prática. A teoria deve ser detalhadamente conhecida pelos escalões superiores e desdobrar-se em aplicação absolutamente concreta e pragmática.

Além de tudo, uma escola-laboratório ⁴⁶ de zona rural pode trazer elementos para tais cursos, como poderiam os mesmos ser estudados, ampliados, pesquisados, melhorados, pelas Escolas Normais,

⁴⁶. O Projeto de Escolas Consolidadas da Secretaria de Educação e Cultura pode enfatizar essa área metodológica.

em conexão direta com as realidades rurais.

2.5.11. FREQUÊNCIA ESCOLAR.

Há atualmente, 36 crianças freqüentando as diversas séries do 1º grau, na escola pública da própria localidade.

De toda a comunidade entrevistada, somente quatro pessoas (1,13%) estão freqüentando ginásio, em estabelecimento público, fora da região.

Somando-se tal aspecto ao de que somente uma pessoa da comunidade possui o ginásio completo, podemos chegar a várias conclusões:

1. A terminalidade ocorre na quarta série, apesar de a localidade estar próxima a São José dos Pinhais.
2. Objetivos gerais, específicos, instrucionais, devem ser elaborados levando-se em conta tal aspecto.
3. Diretrizes curriculares e conteúdos programáticos, sob pena de serem inócuos, devem, entre outras coisas, levar em consideração os caracteres mencionados.
4. Há necessidade de se facilitar o acesso de pessoas da zona rural ao estudo da quinta à oitava série, sob pena de ocorrer ilhamento cultural e lingüístico, cada vez mais intenso, com o sacrifício exuberante da educação.

2.5.12. DIFICULDADES DA FREQUÊNCIA ESCOLAR.

Quando os pais foram perguntados, se existe época do ano mais difícil para as crianças freqüentarem a escola, houve um equilí-

brio entre as respostas afirmativas e negativas.

Saliente-se, porém, que entre as dificuldades, aparecem, por ordem, as seguintes:

1. Inverno.
2. Época de plantação e colheita.
3. Chuva.

Há que se montar, portanto, um esquema especial funcional, para essa época⁴⁷, a fim de que as atividades escolares não sejam prejudicadas.

2.5.13. FAMILIARIDADE DO CONTEÚDO DA ESCOLA COM A REALIDADE DA CRIANÇA E DA COMUNIDADE.

A- As Diretrizes Curriculares de Comunicação e Expressão para o Ensino Rural do Paraná.

Diz-se, na apresentação, que a finalidade de tais Diretrizes é orientar, a nível de sugestão, a tarefa de cada professor, de cuja atuação dependerá a adaptação à realidade do meio rural. Pretende ser flexível. A seleção dos objetivos adequados estará de acordo com o nível da escola, sua capacidade criadora, vivência em sala de aula, etc.

Não há condições de se saber dos levantamentos que serviram de base à elaboração de tais Diretrizes. Contudo, supõe-se devam ser fruto de um vasto levantamento de campo, pois se dirigem a todo o Estado do Paraná, a fim de atender realmente os interesses da

⁴⁷. Em Roça Velha, por iniciativa do professor, dependendo do rigor do inverno, as atividades escolares, ao invés de começarem às 7:30 h. ou 8:00 h., iniciam às 8:30 h., prolongando-se também no horário após o meio-dia, o que permite uma freqüência e pontualidade maiores.

zona rural.

Pretende-se, logo, enquadrar a realidade encontrada em Roça Velha, que é, em linhas gerais, a de S.J.dos Pinhais - zona rural - dentro de tais Diretrizes, a fim de se verificar se elas estão de acordo com uma realidade rural, progressista para muitos, apesar de todos os aspectos apontados nos itens anteriores. Há, além de tudo, o consenso de que certas zonas do Paraná - mais para o interior, certas regiões do Norte, com populações móveis, etc. - se apresentam em condições ainda mais precárias.

1. O professor rural está em condições de entender, selecionar e trabalhar objetivos se, no município de São José dos Pinhais, 57,89% do professorado possui o "primário incompleto" ou somente as 4 séries do "primário"?

2. Considerando, agora, uma série de objetivos, almeja-se examinar as suas possibilidades de concretização.

- a) 'Interpretar, repetir e traduzir idéias de textos' - Supõe-se, pela leitura, que sejam vários textos. Previu-se que grande número de alunos não possui os livros básicos?
- b) 'Movimentar-se ao som de música' - Que música? Toca-disco? Isso não existe.
- c) 'Coordenar movimentos e sons em danças' - Existe, aqui uma concepção urbana transportada para a realidade rural, onde ficará sem sentido.
- d) 'Manusear livros, dicionários ilustrados, revistas infantis, etc. para desenvolver o hábito de consulta'. Ótimo o hábito, mas os instrumentos não existem.
- e) 'Realizar entrevistas para se sentir o modo de

vida da comunidade' - Admite-se, aqui, que as pessoas não se conhecem, como também não dispõem de tempo extra-escola para atividades que não as da casa e lavoura.

- f) 'Executar colagens com papel colorido' - É uma festa para todos, quando no Natal os pais compram papel colorido para enfeitar o pinheirinho.
- g) 'Ornamentar instrumentos de bandas e/ou fanfaras' - Impossível.
- h) 'Ler textos em prosa e em verso'. Ótimo, mas onde os textos e onde tal estado mental?
- i) 'Discutir sobre diferenças dos sons da cidade e do campo' - Alguns adultos vêm à cidade; algumas crianças sequer a conhecem.
- j) 'Utilizar cores de diferentes tonalidades' - A economia do homem do campo é de sobrevivência; ele não consegue sequer o material mínimo para uso em sala de aula.
- k) 'Jogar, observando normas gerais e específicas do jogo' - Há condições de se praticar, como sugerido, jogos pré-desportivos e desportivos em geral, no campo? Onde estão as regras? Existe material?
- l) 'Marchar em diferentes formações' - Estamos no campo ou na cidade?
- m) 'Participar de desfiles, atos e comemorações cívico-sociais' - Onde? Quando vão a São José dos Pinhais?

Observam-se, visivelmente, alguns pontos básicos:

1. Os objetivos foram elaborados sem se conhecer a realidade rural.
2. Os objetivos foram elaborados para escolas de recursos, o que não ocorre nessa zona rural.
3. Sente-se que os objetivos foram elaborados para cada série, sem se levar em consideração que as escolas são unidocentes.
4. Apesar de outros objetivos terem sido elaborados no sentido de se usar a língua, não há estrutura para se mostrar ao professor técnicas, recursos, metodologia para se atingir tal fim.

Infelizmente, apesar de o trabalho ter certamente exigido tempo e esforços, tais Diretrizes não serão elementos de progresso para o ensino na zona rural, pois foram elaborados fora da sua realidade.

B- Objetivos do Ensino Municipal para as diversas séries da zona rural.

Pretende-se aqui, também, enumerar alguns objetivos, analisando a sua adequação à realidade rural.

1. 'Fazer cópia de cartilha' - Os alunos não dispõem de cartilhas.
2. 'Conhecer substantivos próprios e comuns, gênero e número do substantivo...' - Por que não aprender isso por situações ao invés de por tópicos gramaticais, inúteis para a zona rural?
3. 'Ler e escrever corretamente palavras, com dificuldade de nh, lh, ss, ç e c ...' - Quais são as

palavras que devem saber? Tiradas de que livro? Impossível uma sistematização.

4. 'Agrupar palavras quanto à silabação' (= dissílabos, trissílabos, etc.) - Se tal objetivo é pouco importante para a zona urbana, por que o seria para a zona rural?
5. 'Diferenciar os tipos de numerais'
'Classificar os adjetivos'
'Reconhecer o adjetivo' (idéia, gênero, número, grau)
'Reconhecer o substantivo - próprio, comum, primitivo - derivado, simples, composto'

A impressão é a de que as pessoas de Roça Velha e de qualquer outra zona rural não precisam contar em casa que aprenderam que tal palavra é artigo definido e a outra artigo indefinido.

6. O primeiro tópico de História, para o 4º ano, era o seguinte: 'As grandes descobertas. Escola de Sagres. Bússola. Grandes navegações e descobrimentos do século XV e XVI. Descoberta da América. Tratado de Tordesilhas.'

E, mais adiante: 'Expedições: João Ramalho ...'.

No ensino da Língua Portuguesa, há uma preocupação evidente de se ensinar fatos sobre a língua (totalmente inúteis para a realidade rural) e não a língua (útil para se entender instruções, impressos, na comunicação oral e escrita).

Assim, a escola, ao invés de ser um elemento impulsionador do progresso, de mudanças, de novas mentalidades, desempenha papel decorativo em termos de utilidade real.

Por outro lado, pelo exemplo da História, observamos que os

objetivos em relação às outras disciplinas também estão fora da órbita rural, onde as crianças estudam as navegações e descobrimentos dos séculos XV e XVI, enquanto não conhecem Curitiba.

Sem laivo de crítica pessoal e rejeição dos esforços envidados, há que constatar-se que a escola, no caso, não é instrumento de vida, nem seu reflexo. A escola se motiva, na medida em que ela caminha no rastro fiel à vida, identificando-se mesmo com ela. Vida em marcha, em realização. Killpatrick - há quanto tempo? - já o anunciava e concretizava. Programas, métodos e técnicas, motivações em particular, válidos, nascem da circunstância vital e conduzem à consolidação e ao alargamento do quadro de responsabilidades participantes do cidadão consciente. A estagnação e a esterilidade estancam essa fonte vital.

Desolado, assiste-se, não raro, a tal quadro melancólico, propício a repetências e evasões, por não atender interesses dos alunos ou necessidades da comunidade.

2.5.14. AUTORIDADE DA ESCOLA RURAL E SUA CAPACIDADE DE INFLUÊNCIA.

Quando perguntamos se consideravam a escola importante para melhorar as condições de vida no campo, 97,73% responderam afirmativamente, enaltecendo a necessidade de se saber ler, escrever e fazer contas.

Mais adiante, quando indagados sobre a existência de bons empregos na região, 88,88% responderam negativamente, dizendo nada existir que caracterizasse algo realmente compensador. Em termos de trabalho local, era opinião geral de que a existência ou não da escola em nada alteraria a situação.

A comunidade não chegou, pois, a sentir a necessidade de mandar os filhos à escola, como requisito para melhores condições de vida e qualquer mudança.

É falha da Escola, desorientada e à margem da vida do meio, longe do acoplamento com a vida local, que não se coloca como elemento de atendimento aos anseios e necessidades da população e prefere abordagens irreais. Ela só é relativamente interessante para o domínio das habilidades básicas: ler, escrever e fazer contas.

Complementando o tópico, pergunta-se quanto tempo a pessoa considerava necessário estudar para ter, então, um bom emprego, fora da região, ao que 39,53% responderam entre o nada e o quarto ano do 1º grau, 46,51% até o ginásio, 6,97% até o 2º grau e 6,97% até a Faculdade.

Por conseguinte, mesmo em termos de trabalho fora da região, a importância dada continua relativa, já que quase a metade dos informantes preferiu a baixa taxa do ensino primário, como base para a obtenção de bons empregos.

Vemos que a capacidade de influência da escola, como elemento modificador de comportamentos e valioso na mudança das estruturas e na conscientização do homem do campo, como participante do processo de desenvolvimento, não cumpre o seu papel.

2.5.15. O AGRICULTOR E O ENSINO DA NORMA CULTA.

Parte-se da realidade, através de levantamentos, de que o agricultor também considera que há pessoas que falam "bonito" e outras que falam "errado" e cuja diferença está marcada pelo estudo, que caracteriza, na maioria dos casos, os pertencentes ao primeiro grupo.

Gostam de ouvir quem fala "bonito" e pretendem que seus filhos também o falem. Contudo, parcela significativa considera que na região não falam "bonito" e que consideram isso um aspecto mais ou menos secundário em suas vidas.

Observa-se, assim, que a tarefa da escola ensinando a falar "bonito" seria, no entender deles, preparar para uma vida fora da comunidade local, o que novamente demonstra que o agricultor não vê a escola como um agente de reformas, diretas ou indiretas, em sua região, como, ainda, não se dá conta de que pensa, fantasiosamente, já que o menino não costuma procurar outro meio mais adiantado.

2.6. AVALIAÇÃO LINGÜÍSTICA.

A língua é o instrumento máximo de comunicação em qualquer comunidade e dela com a comunidade maior, podendo representar sinal de abertura, pelo contato, ou de isolamento.

A escola, dentre os seus objetivos, encerra, assim, o objetivo de desenvolver na sua clientela as habilidades de comunicação, através de atividades adequadas.

O aluno deve sentir pelos livros e material didático, que ele e a sua realidade sofrem inserção mútua e conseqüente interação, a fim de que possam produzir mais e melhor pela familiaridade e assimilação cultural, e, sobretudo, pela Educação.

Ao mesmo tempo, devemos investigar atentamente as dificuldades que existem para fazer delas o ponto de partida na elaboração de qualquer material.

Portanto, na busca de um acesso típico a tais circunstâncias, realizou-se trabalho de investigação com crianças e adultos, abrangendo os seguintes aspectos:

1. CRIANÇAS

- 1.1. Interpretação de texto, com o intuito de se observar o grau de entendimento e a extensão vocabular.

- 1.2. Através de diversos exercícios escritos, observou-se o domínio da terminologia gramatical, constante de programas e objetivos.
- 1.3. Observou-se, através de exercícios escritos, o domínio da norma culta.
- 1.4. Solicitou-se elaboração de redação livre, abordando um dia em Roça Velha, do amanhecer ao anoitecer, abrangendo detalhes da vinda à escola, atividades em sala de aula, atividades na roça, no período da tarde ou em casa, à noite, com o objetivo de se observar desempenhos em frases não dirigidas.
- 1.5. Solicitou-se aos alunos das diversas séries a leitura, em voz alta, de um pequeno trecho para se verificar o adestramento na mecânica da leitura, o grau de entendimento, a extensão do nível vocabular e o nível de assimilação dos objetivos propostos pelo sistema escolar.
- 1.6. Procedeu-se à avaliação oral, através de entrevistas gravadas.

2. ADULTOS

- 2.1. Observação do domínio da terminologia gramatical e norma culta por parte do professor.
- 2.2. Avaliação oral, através de entrevistas gravadas, com elementos dos grupos representativos da população.
- 2.3. Elaboração de redação livre, abordando aspectos interessantes da história e vida de Roça Velha, a fim de se observar o grau de domínio da linguagem escrita.

Os resultados da aplicação de tais instrumentos podem, sem dúvida, indicar caminhos, que a educação deve trilhar, no sentido de se atingirem, com tais eficiência, tais camadas da população.

2.6.1. LINGUAGEM ESCRITA.

a) Redação

Analisando-se os trabalhos feitos pelos alunos das quatro séries, bem como pelos adultos, percebem-se dificuldades idênticas, e que poderiam ser catalogadas por áreas.

A princípio, pensou-se em especificar as dificuldades por série, a fim de que se pudesse sentir o progresso dos alunos em função do tempo dispendido na escola. Contudo, os erros, omissões, primarismos, etc., que ocorrem na 1ª série, se repetem em sua maioria com os alunos da 3ª a 4ª, o que torna a distinção desnecessária. As eventuais alterações estão nas áreas da construção da frase (relativa evolução dentro da estrutura primária da parataxe) e da legibilidade - somente 3 alunos da 3ª série apresentam redações ilegíveis contra 7 da 1ª série.⁴⁸

Assim, temos:

1. Ausência quase total de pontuação.
2. Inobservância do uso de letra maiúscula após os eventuais pontos.
Ex.: para mim
3. Presença quase absoluta da estrutura primária da parataxe. Observamos tão somente duas orações subordinadas temporais em todas as redações.

⁴⁸. Observem-se os trabalhos no Anexo 2

- Quando me levanto
- Quando voltamos da roça brincamos na sala.

4. Primarismo de escolaridade.

Dos nove alunos de primeira série (repetentes) que elaboraram a redação, sete apresentaram trabalhos de difícil compreensão, o mesmo ocorrendo com três alunos de terceira série, num total de dez alunos.

Dos três adultos que se prontificaram a escrever sobre os aspectos interessantes da história e vida de Roça Velha, uma das redações está realmente ilegível:

5. Problemas de grafia.

- Inversões:

- . uso do 'i' pelo 'e' - minutos
premeira
- . uso do 'g' pelo 'j' - agudo (ajudo)
gantamos (jantamos)
ganta (janta)
fegão (jeijão)
hoge (hoje)
- . uso do 'u' pelo 'o' - pra gente cumê (comer)
- . uso do 'o' pelo 'u' - não agio

- Ausência constante do til:

- . feijão, manha, mae, criações, irmaos,

- Ausência da cedilha ou seu acréscimo indevido:

- . roca, çomo, epoça,

- Ausência do duplo 'r' (como reflexo de linguagem oral)

. interrogativa, careteis, arumo, arroz, macarão,...

- Ausência total de senso estrutural e de imagem visual (até a 3^a série), por força da infreqüência absoluta de leitura sistemática.

. alouça detarde vouindo etrabalhamo

melavo aroupa meapronto denovo

amãe euvopara o naaula emcasa

. a juda eu fe jao a roz

co m da í do ce

- Constante omissão de letra intermediária:

bricamos

jatamos

- Outros exemplos de problemas ortográficos e de acentuação.

. descima, dejetivo, dosce, manhan, almosso, caza, bolô, ávos, polenta com ovô, dôce, mînuto, ...

6. Problemas dialetais. (A linguagem escrita reflete as características da linguagem oral. Conforme pag. 84, item 2.6.2.b)

- Inversões:

. alternância do 'r' pelo 'l' - armoço

sarça (salsa)

argus (alguns)

- Constante omissão de letra final (Como reflexo

. trabalhamo

da omissão do

jantamo

fonema final,

chegamo

na linguagem

oral)

- Redução do ditongo /o w/

/o w/ - /o/ (linguagem oral)

ou - o/ô (linguagem escrita)

dô de comer

loça

quando vô dormir

- Constante ditongação intermediária:

. tres, nois sábadô, vois do Brasil, ...

- Metáteses - perçiso.

- Desvios morfológico - sintáticos:

. os terreiro, as 1 horas, do meus irmãs, nos domingo, ...

7. Verbos.

- com dificuldades - ponhar, cabeu;

- uso da letra e pela letra a (reflexo do uso de /e/ por /a/ na linguagem oral)

trabalhemo

- ausência de concordância - se deitamo

condo eu chegou

Ressaltamos, contudo, que tais dificuldades não ocorrem tão sô em Roça Velha. Em exame superficial feito nos cadernos de alunos de aproximadamente cinco outras escolas, observou-se, de forma geral, a mesma direção de erros ou dificuldades.

Conclui-se, mais uma vez, da inutilidade de se fazer constar dos programas e objetivos o conhecimento de tipos de substantivos, ou adjetivos, ou a escrita de palavras que apresentem dificuldades com s, z, ss, ç, ..., se aspectos tão básicos, como os apontados, ainda não são dominados pelos alunos que se encontram, praticamente, na reta final do curso "primário" e talvez de todo o estudo que irão desfrutar em suas vidas.

Isto nos leva também à idéia da necessidade de acompanhamento do progresso e das dificuldades dos alunos em cada sede municipal, pelas suas autoridades, incentivando-se os aspectos positivos através de exercícios, provas, livros, etc. e removendo, através de convenientes abordagens, pelos mesmos instrumentos, os itens negativos, que, como demonstrado, não são incontáveis.

Todavia, as pessoas que realizassem tais levantamentos e elaborassem confirmações ou correções, deveriam ser para tal capacitadas e treinadas.

A Universidade Católica do Paraná, por exemplo, promoveu, durante dois anos⁴⁹, através do Departamento de Letras, curso visando à praticidade do ensino da Língua Portuguesa. A divulgação e capacitação, desde que o interesse ocorresse, poderia dirigir-se a tais elementos.

b) Interpretação de texto

Apesar de não constar dos objetivos municipais de ensino esse aspecto, realizamos a sua testagem por considerá-lo de relevante importância no mundo em que vivemos, onde as publicações e livros,

⁴⁹. 1974, 1975.

especializados ou não, se multiplicam constantemente, sendo necessário o seu acompanhamento.

Em termos de zona rural, a sua população deve possuir condições de ler e entender instruções, impressos, ... , sobre fertilizantes, maquinários, saúde, etc.

Os resultados dos quesitos de interpretação de texto, onde se busca a verificação do seu grau de entendimento e o domínio vocabular dos alunos, foram, porém, baixos, situando-se aquém da faixa de 50% de acertos.

c) Exercícios de domínio da terminologia gramatical.

Com base na realidade de que os objetivos para a zona rural exigem o domínio de fatos sobre a língua, foram organizados exercícios para se observar o grau de domínio pelos alunos de 4º ano.

Entretanto, os acertos se situam nos baixos índices de 44% e 48% considerando-se que a ênfase dos programas está circunscrita a esse aspecto.

d) Exercícios de domínio da norma culta.

Colimando-se, então, a busca de domínio da língua, pelo preenchimento de certo número de exercícios a que se denominou domínio da norma culta, os resultados se revelaram igualmente baixos, com os índices de acertos situando-se na faixa dos 42%.

Não existe, assim, domínio escrito ativo da língua e nem de fatos sobre ela.

e) Leitura.

Para a verificação do desempenho dos alunos nessa área foram retiradas passagens da série "Nossa Gente", da 1ª e 3ª séries, de autoria dos professores Eurico Back e Geraldo Mattos.

Percebeu-se, quanto ao adestramento na mecânica da leitura, influência positiva da escola.

Enquanto os alunos da 1^a e 2^a séries são incapazes de ler palavras sem soletrar, e, mesmo na soletração, as dificuldades persistem, os da 3^a e 4^a séries encontram-se aptos, com raras exceções, (= 2 alunos) a ler palavras completas, sem pausas silábicas, não ocorrendo, porém, continuidade dentro da estrutura frásica.

A inobservância de pontuação (ponto final, vírgula, interrogação, ...) persiste na leitura em todos os níveis.

É interessante observar-se que, independentemente de série, há tendência de se terminar o período, invariavelmente em tom 4. Tem-se a impressão de ser sinal de formalidade, pois o mesmo foi observado nas leituras e rezas nas missas e cultos para-litúrgicos, mas não em conversas informais.

3 3 3 3 4

Ex.: Vivia outrora um pescador muito preguiçoso.

O grau de entendimento, bem como a extensão do nível vocabular, são baixos, a exemplo do que já havia ocorrido na parte escrita.

A tentativa de sistematização gramatical pela escola mostra-se, também aqui, infrutífera: os alunos, à luz de um texto, não são naturalmente capazes de mostrar os conhecimentos sobre a língua, propostos em sala de aula.

Pela observação da inexistência de diversos aspectos anteriores, sente-se que não há consciência do valor implícito fundamental e sistemático da Língua Portuguesa, nem de sua utilidade prática promotora, dos mais altos aos mais baixos escalões, como sintoma de cidadania.

Exige-se, assim, um trabalho de orientação desses elementos. A boa vontade, unida a conhecimentos adequados e a técnicas apropriadas, pode conduzir a resultados mais positivos.

2.6.2. LINGUAGEM ORAL.

a) Expressões e palavras mais usadas.

Através das entrevistas gravadas, foi possível observar vocábulos, expressões e tipos de construção de frase mais usados pelos alunos e adultos e que não ocorrem no linguajar cotidiano das pessoas que moram nas cidades, ou, então, com frequência reduzida.

Se o objetivo desse trabalho é de fato atingir a comunidade, deve-se partir das formas de comunicação lá encontradas, estudá-las e, paulatinamente, conduzir a população aos padrões considerados oficiais, a fim de que possam usufruir de qualquer espécie de leitura.

*"Importante é utilizar uma linguagem compreensível das massas rurais, a fim de comunicar e permanecer em contato com elas, de suscitar o seu interesse e a sua participação, e não empregar uma linguagem altamente literária ... Convém, contudo, utilizar uma linguagem correta e precisa, susceptível de servir de modelo lingüístico ao nível nacional."*⁵⁰

Assim, nota-se:

- . levantando mais um pouco (= melhorando)
- . bastantinho
- . tomam leite
parelho (= constante)
serviço
- . tem que ir para a frente para comprar (= para longe)
- . foram até a segunda classe (= 2º ano)
- . terra para descanso (= para não plantar, rotação de

⁵⁰. RAKOTOMALALA, Pierre & KHQI, Le Thanh. p.44.

terras)

- . plantar fora de tempo
- . guardam dia santo que cai fora de domingo
- . boa coisa não é
- . é só prosa
- . renovou a casa (= reconstruiu-a, reformou-a)
- . vidinha prá frente
- . acudir muito a lavoura
- . dava as meias para fazer (= dava metade para os outros fazerem)
- . de vez em quando às vezes
- . inteira mais alguma coisa para a janta (= acrescenta)
- . dias santos maiores
dias santos menores
- . levantar palma para ninguém (= brigar, bater)
- . ajudório
- . talhar a batata
- . tudo que é coisa
- . de tudo que é coisa
- . todos os polícias
- . cada pouco eu vou (= de pouco em pouco tempo)
- . lembrar, alevantar
- . está conversando (= vai noivar)
- . descidão, subidão

- . polícia dos amarelo
- . não briguem porque tem polícia no mato
- . conheço bem dizer tudo
- . coice (= pontapé em partida de futebol)
- . algum causo (= caso)
- . sessenta contos
- . sabe nadar? Bastantinho.
- . Quantas vezes? Nem se conta.
- . São de briga.
- . lenha rente da casa (= perto)
- . ralas vezes
- . barrer a casa (= varrer)
- . um pouco mora aqui, um pouco mora em São José dos Pinhais
- . eles comem adiante (= antes)
- . O que come? Crioulo mesmo. (= da casa - arroz, feijão, ...)
- . não desacorçoar
- . o mundo diferençou bastante (= mudou)

b) Características de pronúncia.

Os aspectos dialetais que surgem na linguagem escrita são consequência do hábito de ocorrência na linguagem oral, quer das crianças, como de adultos.

Temos, assim:

1. Ditongação:

. veiz, escuitamo, nóis, ...

2. Alternâncias:

. uso do /u/ pelo /o/ : fumo, ...

. uso do /j/ pelo /z/ : quaje

. uso do /r/ pelo /l/ : arguma, Natar, arface, ...

. uso do /y/ pelo 'lh': trabaia, Maiada, Roça Veia.

. uso do /e/ pelo /a/ : que seje boa, ...

. uso do /i/ pelo /e/ : miiõ, vendimo, ...

. uso do /Ê/ pelo /i/ : correge (caderno).

. inversão na ordem dos fonemas: degavar

3. Apóopes generalizadas:

. quatro mais novo, três mais velho, 18 ano, temo,
lapi, ...

4. Síncope:

. arvres.

5. Arcaísmo:

. imo.

6. Verbos:

. ponhamo, ...

7. Ausência de concordância:

. dos vizinhos, nos bar, todos junto, todos te-
nha, ...

8. Generalização protética.

. lembrar, alevantar.

O bom senso diz que uma das primeiras tarefas da educação é a observação das dificuldades que os alunos trazem ou apresentam, a fim de encaminhar as suas soluções, utilizando, para isso, de todo o arsenal disponível: livros, cadernos, cartazes, exercícios, provas, etc.

Impõe-se assinalar, sobretudo, que a amostragem não vale, tão só, como referência à infração da norma, isto é, à ortodoxia ortográfica, prosódica e morfológica, aos preceitos sintáticos; revela, antes de tudo, precariedade geral no âmbito da aprendizagem como processo educativo. Lembra, além do mais, a marginalização do conhecimento fundamental, alcançando as raias do caboclisto ou do caipirismo - todo o respeito ao homem - caracterizado pela incultura geral.

A simples manifestação oral ou escrita, como em código paralelo, desencadeia o senso de bagatelização do "bonito".

Na ordem da educação em si, moldando atitudes, despertando o gosto, ensejando critérios, forjando capacidades, propiciando conquista de valores, tudo leva ao vislumbre dum desalentador naufrágio.

A causa está exatamente na falta absoluta de acoplamento dos recursos educacionais com a realidade pré-estabelecida; líquido vital que se esvai sem o conduto adequado: some-se na areia da inutilidade e - o que é pior - na frustração pessoal e comunitária.

2.6.3. CENTROS DE INTERESSE.

Através de conversas, gravações, trabalhos, festas, informações, pregações, cultos, sentiu-se grande número de centros de in-

teresse da comunidade (crianças e adultos), abaixo discriminados e que deveriam ser explorados maciçamente em livros e materiais, caso se deseje fazer um trabalho adequado à realidade, naturalmente em marcha para a conquista educacional de modo adequado e racional.

"Paulo Freire, no Brasil, e outros nos guetos norte-americanos, descobriram que os analfabetos aprendiam rapidamente a ler quando as palavras em que estavam interessados eram importantes para a sua situação social e política." 51

1. Compra de mantimentos.
2. Passeios de caminhão.
3. Conduzir carroças.
4. Cuidar das criações.
5. Brincadeiras: roda, mãe, cruzar vigas,...
6. Escola.
7. Igreja.

Observação: quando perguntadas do que mais gostavam no lugar, a maioria das crianças optou pelos itens 6 e 7.

8. Ajuda aos pais e irmãos nas plantações.
9. Festa de Natal (pinheirinho, papel colorido, bolas, ...)
10. Canções preferidas (Ciranda, Terezinha de Jesus , Fui no Tororó, etc.).
11. Festa de casamento.
12. Festa de batizado.
13. Comidas especiais em ocasiões especiais.
14. Preparo de doces: abóbora e banana, principalmente.
15. Preparo de pães para a semana.
16. Banho em rios e tanques (a maioria dos alunos faz

51. BUCKMAN, Peter. Introdução. In: Educação sem Escolas. Rio de Janeiro, Eldorado, 1973. p.19.

isso regularmente).

17. Trabalhos caseiros (limpar terreiro, cortar lenha, ...)
18. Brigas.
19. Liderança no grupo de crianças de alguns meninos e meninas.
20. Trabalhos de final de semana (preparação para o domingo e semana seguinte).
21. Montar a cavalo (galope, trote, ...).
22. Melhoramentos na comunidade: saibro, médico, ônibus, ...
23. Profissão futura.
24. Bola de futebol, caminhões, cortes de tecido,: presentes.
25. Missas.
26. Cultos para-litúrgicos.
27. Religião.
28. Dias santos.

Os interesses peculiares, máveis naturais dum argumentação simples, porém construtiva, visando, a cada passo, pequenos progressos pela conquista lenta, na ordem vocabular ideal e comportamental, conduzem a uma ascensão do educando.

A educação não dá saltos, mas permite ritmos, estimulados por feixes de interesses e de metas, claramente reconhecidos.

Os temas tratados nas leituras, nas composições, nas discussões, partiriam de enfoques entranhados e marchariam sobre enfoques novos, porém, vizinhos, e assim, em marcha de dentro para fora.

Jamais se perderiam de vista os objetivos educacionais, despertando atitudes, gestos e convicções, na ordem social, moral, cí-

vica e religiosa, na persuasão de que a simplicidade e a modéstia são o melhor canteiro para a criação e cultura de virtudes e para galgar o progresso interior, antônimo da vaidade.

2.6.4. FAMÍLIAS BILINGUES.

A comunidade de Roça Velha é constituída unicamente por brasileiros - de origem local e descendentes de poloneses. 33,33% ainda conservam a tradição de falar a língua estrangeira de seus ascendentes. A percentagem mostra que o polonês, apesar de representativo, não constitui a língua da localidade.

São tradicionais, no local, além de outras, as famílias Grebogi, Rendak, Guerra e Cheures, sendo que as três primeiras foram entrevistadas através das pessoas do avô, filho e neto, todos residentes no local, a fim de se observar a trajetória da língua por intermédio de três gerações.

A habilidade que os mais velhos possuíam de ler e escrever em polonês desapareceu, continuando, contudo, a entender e a falar, o que também ocorre com as outras duas gerações. Entretanto, exceção-se uma das famílias e nela somente alguns membros, há já maior fluência no português que no polonês.

Desde que não haja pessoas que não entendam a língua, eles a utilizam nas conversas e nos momentos, em que a família (de manhã, à tarde, durante as refeições) ou amigos se reúnem. Apenas uma das famílias utiliza a língua durante todo o dia, independentemente de local ou situação.

Os mais velhos sentem que não falam tão bem quanto os seus pais. Este sentimento é também participado por seus filhos e netos em relação à geração imediatamente anterior. Isto acontece principalmente em função da escola, em português, e das amizades e conversas em nossa língua que lá se estabelecem. Muitos casamentos

são realizados com pessoas que não são descendentes de poloneses, o que, apesar de qualquer esforço em sentido contrário, causa diminuição de freqüência no uso da língua.

Há uma série de interferências de sons e vocábulos nas duas línguas, já que as pessoas aprendiam primeiro o polonês e depois o português. Dizem inclusive que falam três palavras em português e uma em polonês, fato que não pôde ser observado na presente entrevista.

"In speaking to a unilingual, the bilingual often tends to limit interference and to eliminate even habitualized borrowings from his speech. He is subject to what has been called interlocutory constraint ..." 52

Até há cerca de 15 anos, as pessoas recebiam, em Roça Velha, publicações e impressos regulares da Polônia, o que não mais acontece. Ocorreu uma 'desaprendizagem funcional' da leitura e escrita, pela ausência de repetição.

Na Colônia Murici, situada entre São José dos Pinhais e Roça Velha, conserva-se o hábito de se rezar uma das missas de domingo, às 10:00 horas, em polonês. Já em Malhada, no primeiro domingo de cada mês, reza-se o terço em polonês. Contudo, já 'não é como antigamente', quando todos falavam a língua polonesa em tais localidades.

Além da língua, não se guardam outras tradições em relação à roupa, comida, canções, estórias, jogos, músicas, instrumentos musicais e de trabalho, bebidas, festas religiosas, superstições, gestos ou saudações.

Quanto aos utensílios, manteve-se, por muito tempo, o uso dos potes para azedar o repolho, o que não mais existe.

52. WEINREICH, Uriel. Languages in Contact. 3.ed. Haia, Mouton, 1964. p.81.

Também não são mantidas correspondências com parentes ou amigos da Polônia, em consequência das dificuldades de localização advindas com a 2^a Grande Guerra.

As três gerações entrevistadas se consideram totalmente brasileiras, por nascimento e por sentimento, aqui se localizando a sua Pátria.

Hã, logo, um apego decrescente às raízes européias, que ainda sobrevivem pela língua. Duma circulação intensa, a mesma língua passou a um estado de involução e a tendência se envereda pelo caminho da extinção.

É evidente que as interferências bilingües poderiam merecer estudo à parte, dentro das teorias "das línguas em contato", e por certo tal estudo proporcionaria respostas lingüísticas interessantes, em amplas áreas paranaenses, de acentuados substratos lingüísticos eslavos, por exemplo, e cujas influências e interferências também se retratam no sistema escolar.

*"...many children grow up in bilingual families, learning both languages simultaneously. Consequently (...) the children can be expected to have difficulties, say, with the grammar of both languages."*⁵³

Muitos passos em longa caminhada, devem ser dados, em várias direções possíveis.

53.

WENREICH, Uriel. p.87.

III - CONCLUSÕES

Partiu-se da realidade de que há populações insuladas em zona rural e, a partir daí, foram montados os instrumentos considerados necessários para se levantar uma realidade psico-sócio-lingüística para, em função dela, obter-se uma resposta de enquadramento da escola em tal circunstância, a fim de que a Educação cumpra realmente a sua parte na integração do homem brasileiro no processo de desenvolvimento.

Pelo trabalho de pesquisa em campo, através do diagnóstico de nossa realidade, objetivou-se procurar soluções próprias para tais ambientes, fugindo, portanto, de qualquer tentativa de se adequar soluções de outros estados ou países a uma circunstância estritamente nossa.

Deseja-se que as posições abaixo relacionadas sejam de utilidade para uma tomada de posição em termos de uma política educacional micro-regional, já que a generalização sumária, mesmo em termos de Estado, há de ser infrutífera, pela variedade de situações que podem ser observadas.

Apesar de o polo micro-regional abordado se situar a apenas seis quilômetros do asfalto, a vinte quilômetros da sede do município e a trinta e seis da capital do Estado, as considerações podem aplicar-se não só a ele, mas também a muitas outras localida-

des em situação idêntica ou semelhante e a reflexões sobre outras comunidades.

Percebe-se, realmente, que há tarefas que reclamam medidas imediatas, de urgência, ao passo que outras devem prolongar-se no tempo, acompanhando-se os levantamentos de realidades que devem ser executados continuamente e renovados, sem trégua, em verdadeira cadeia educacional.

Ressalte-se ainda que:

1. Após revelado e analisado o contexto comunitário de Roça Velha e observada a interação dos setores básicos da atividade social e econômica com a comunidade, sente-se a necessidade de implantação, a nível governamental, de uma ou mais localidades-modelos, nas diversas regiões do Estado, a fim de se observar como os aspectos sanitários, higiênicos, econômicos, sociais, culturais, jurídicos, etc. podem atingir, de forma mais concreta, a população rural.

A delimitação da atuação a algumas localidades ou regiões permitiria pesquisas, onde se examinassem alternativas, e generalizações dos resultados seriam mais viáveis e criadoras de alternativas.

Tome-se por base a Escola Consolidada, cuja iniciativa há de gerar bons frutos, mas faça-se dela o ponto de partida para atender a comunidade em todos os contextos: metodológicos, curriculares, de saúde, econômicos, corte e costura, preparação de alimentos, etc. Que a população veja na Escola o sinal da presença do progresso, do atendimento social, da facilidade maior, do desenvolvimento também do meio rural, cujas iniciativas poderão, então, expandir.

"... o principal obstáculo ao progresso é ... a pobreza ligada à

condição dos camponeses e não a sua resistência à inovação.

2. O Governo é o responsável máximo pelos destinos da educação e dos outros setores e dele sempre devem vir as maiores demonstrações de incentivo e ajuda à população.

Entretanto, além disso, deve ser incentivada a criação de lideranças autênticas locais, responsáveis pela ajuda na diagnose dos anseios, dificuldades e progressos da população, através de avaliações e documentação de base. Dessa forma, a comunidade teria a sua liderança escolhida por ela própria e responsável também pelos seus destinos. Caberia a nós, da Capital ou da sede do município, e detentores do poder de gerir a maioria das soluções, incentivar essa liderança, estudar e possivelmente acolher as suas idéias e, de fato, oportunizar soluções.

Tem-se a impressão de que este tópico é um dos sustentáculos para a mudança: cada comunidade, devidamente apoiada, orientada, seria responsável por sua escola e pelos diversos serviços de atendimento.

3. Metodológica e lingüísticamente percebe-se haver, em nossos dias, a "psicose" de termos como: objetivos gerais, específicos, instrucionais, planejamento, fichas, etc., nos cursos, programas e objetivos que são organizados para professores leigos que possuem o "primário" e, muitas vezes, incompleto.

Essa terminologia sabemos ser básica no processo educativo, mas em função de toda uma conjuntura rural precária, ela deve, como tal, ficar limitada aos escalões superiores.

Para a dinâmica de sala de aula, deve necessariamente haver:

· RAKOTOMALALA, Pierre & KHOI, Le Thanh. p.36.

Atente-se, por exemplo, para a forma como a população de Bateias se engajou nos serviços prestados pela Associação Saza Lattes, já anteriormente mencionados.

- a) Bons livros para os alunos, de acordo com a circunstância comunitária global. Descartam-se, então, os livros elaborados em centros essencialmente estranhos, já que fogem à típica realidade.
- b) Excelente livro do professor, com detalhes e sugestões de suas atividades em sala de aula, possibilidades de exercícios orais e escritos, cujas técnicas de abordagem seriam regularmente ensinadas e praticadas em cursos para os professores do município.
- c) Material didático de apoio, a fim de que o professor possa desempenhar as suas atividades com padrões de eficiência.

Os Projetos Logos II e Hapront já estão, atualmente, desenvolvendo o aspecto de melhor qualificação do professorado que atua no 1º Grau, em especial os de zona rural.

"O educador continuará ainda durante muito tempo a ser a base do sistema A educação das crianças depende, pois, em larga escala da sua competência profissional

A elaboração de todo esse conjunto de possibilidades parte da análise da clientela, dos seus centros de interesse, da sua avaliação lingüística em comunicações orais e escritas, do contexto sócio-econômico-cultural, dando-se a ênfase devida, no caso presente, ao uso da língua e não ao conhecimento de fatos sobre a língua.

É a busca da competência comunicativa (em contraste com a competência lingüística), buscando a habilidade de usar expressões apropriadas a um determinado contexto, indicando como reagir a uma situação.

Os testes, por exemplo, são hoje elaborados em função de um con-

junto de itens discretos, distintos, ao passo que outras capacidades mais importantes são esquecidas.

Ao invés de os alunos dizerem a categoria gramatical das diversas palavras, treinar-se-iam e se capacitariam para a funcionalidade comunicativa, cobrindo uma necessidade de cultura de base. Logo, os objetivos, as diretrizes curriculares e toda a instrumentação educacional, devem ser definidos em termos de desempenhos lingüísticos em contexto específico, a que os nossos métodos devem conduzir.

Deslindada a realidade de Roça Velha, na condição de simples mas convincente exemplaridade de zona rural, importa, pois, com base na análise feita, empreender medidas válidas e realistas para viabilizar o processo educativo global, no caso especialmente à vista da contribuição metodológica de "Comunicação e Expressão".

IV - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALATIS, James E. Bilingualism and Language Contact. Washington, D.C., Georgetown University Press, 1970. 374 p.
2. ARAUJO, Alceu Maynard. Considerações sobre a literatura oral em duas comunidades brasileiras. Sociologia, 19 (4):259-324, out. 1957.
3. ARNS, Flávio. Discurso proferido como Paraninfo dos formandos do Curso de Letras, em 18 de fevereiro de 1977. Fastos Universitário, 3 (3):2621-2, mar.1977.
4. ASSOCIAÇÃO DE PROTEÇÃO À MATERNIDADE E À INFÂNCIA SAZA LATTES. Projeto de Extensão Rural de Serviços Médico-Sociais - Paróquia de São Sebastião - Distrito de Bateias, Estado do Paraná. Curitiba, s.d. Não paginado.
5. AUSTIN, J.L. How to do Things with Words. London, Oxford, 1962. 167 p.
6. BACKMAN, Carl W. & SECORD, Paul F. Aspectos Psicossociais da Educação. Rio de Janeiro, Zahar, 1971. 172 p.
7. BARTHELMESS, Artur. Paraná: uma filosofia de planejamento aplicada a uma fração do território brasileiro. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, s.d. Não paginado.
8. BRASIL. Projeto do II Plano Nacional de Desenvolvimento. Brasília, D.F., 1974. 134 p.
9. _____. Ministério da Educação e Cultura. Departamento de Ensino Fundamental. Diretrizes Curriculares para o Ensino de 1º Grau no Meio Rural. Brasília, D.F., 1976. 45 p.

10. BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria Geral. II Plano Setorial de Educação e Cultura. Brasília, D.F., 1976. 62 p.
11. BUCKMAN, Peter. Educação sem Escolas. Rio de Janeiro, Eldorado, 1973. 187 p.
12. BYRNE, Hubert J. The Teacher and his Pupils. 8.ed. London, Oxford, 1965. 185 p.
13. CALDEIRA, Clóvis. Menores no Meio Rural. Rio de Janeiro, Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1960. 190 p.
14. CARROLL, John B. O Estudo da Linguagem. Petrópolis, Vozes, 1973. 266 p.
15. CONSTRUTURA. São Paulo, n.1, ano 1, mar.1973. 128-p.
16. COORDENAÇÃO DA REGIÃO METROPOLITANA DE CURITIBA. Comec: Planejando o desenvolvimento integrado da região metropolitana. Curitiba, s.d. 12 p.
17. ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ENSINO MUNICIPAL, 3, Belo Horizonte, 1977. Projeto de ação para o meio rural paranaense: a Escola Consolidada. s.n.t. 20 p. Mimeografado.
18. _____. _____. Estudo de Caso - Município de Francisco Beltrão. s.n.t. 26 p.
19. FONSECA, Maria Stella V. & NEVES, Moema F. (org.) Sociolinguística. Rio de Janeiro, Eldorado, 1974. 399 p.
20. GARCIA, Pedro Benjamin. Educação: Modernização ou Dependência? Rio de Janeiro, F. Alves, 1977. 132 p.
21. GOROW, Frank F. The Learning Game: Strategies for Secondary

- Teachers. Ohio, Bell & Howell, 1972. 128 p.
22. HALLIDAY, M.A.K., McINTOSH, Angus & STREVENS, Peter. The Linguistic Sciences and Language Teaching. London, Longmans, 1964. 322 p.
23. HILL, Archibald A. Aspectos da Linguística Moderna. São Paulo, Cultrix, 1972. 290 p.
24. HILL, J.C. O Ensino e o Inconsciente. Rio de Janeiro, Imago, 1974. 138 p.
25. HUTCHINSON, Bertram. Mobilidade e Trabalho. Rio de Janeiro, Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, 1960. 451 p.
26. HYMES, Dell. Foundations in Sociolinguistics. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1974. 245 p.
27. JAKOBOVITS, Leon A. Foreign Language Learning. 2.ed. Massachusetts, Newbury House, 1971. 336 p.
28. ____ & GORDON, Barbara. The Context of Foreign Language Teaching. Massachusetts, Newbury House, 1974. 286 p.
29. LADO, Robert. Introdução à Linguística Aplicada. Petrópolis, Vozes, 1971. 178 p.
30. LANGACKER, Ronald W. A Linguagem e sua Estrutura. Petrópolis, Vozes, 1972. 162 p.
31. LEITE NETO, Leonardo Gomes de Carvalho. Projeto Logos II. Curitiba, CETEPAR, s.d. 54 p. Mimeografado. Conferência pronunciada em setembro de 1976 em Natal.
32. MATTOS, Geraldo & BACK, Eurico. Prática de Ensino da Língua Portuguesa. São Paulo, F.T.D. 1974. 165 p.

33. MOBRAL. Manual do Alfabetizador; conjunto de alfabetização. Rio de Janeiro, Primor Educacional, 1975. 63 p.
34. _____. Programa de Educação Integrada; Livro do Professor. Rio de Janeiro, Bloch, s.d. Não paginado.
35. _____. Soletre Mobral e Leia Brasil. Rio de Janeiro, Guavira, s.d. Não paginado.
36. _____ & MASSEY-FERGUSON. Curso de Manutenção e Operação. s.n.t. 48 p. Mimeografado.
37. PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação e da Cultura. Cadastro Organizacional. Curitiba, 1976. 47 p.
38. _____. Demonstrativo das Ações do Sistema de Supervisão. Curitiba, 1976. 34 p.
39. _____. Material de Apoio para Operacionalização das Diretrizes Curriculares do Ensino de 1º Grau; Atividades da 1ª a 4ª série. Curitiba, 1976. 200 p.
40. _____. Plano Estadual de Educação e Cultura; 1976-1979. Curitiba, 1975. 373 p.
41. _____. Proposta de Diretrizes Curriculares para Zona Rural do Estado do Paraná. Curitiba, s.d. Não paginado.
42. _____. CETEPAR. Atualização em Princípios e Técnicas de Alfabetização para Professores de Zona Rural. Curitiba, s.d. Não paginado. Mimeografado.
43. _____. Curso de Aperfeiçoamento em Língua Portuguesa para Professores de 1ª a 4ª séries do Ensino de 1º Grau; Municípios Piloto. Curitiba, 1977. Não paginado. Mimeografado.

44. PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação e da Cultura. Curso de Atualização em Princípios e Técnicas de Alfabetização para Professores de 1º Grau da Micro Região 21. Curitiba, 1977. Não paginado. Mimeografado.
45. _____. Projeto Hapront. Curitiba, 1976-
46. _____. Departamento de Ensino de Primeiro Grau. Projeto Novas Metodologias; Relato do Projeto 1975. Curitiba, 1976. 127 p.
47. PEREIRA, Luiz. Estudos sobre o Brasil Contemporâneo. São Paulo, Pioneira, 1971. 219 p.
48. PIERSON, Donald. O Dialeto Caipira Empregado em Cruz das Almas. Sociologia, 14 (4):310-326, out.1952.
49. PRIDE, J.B. The Social Meaning of Language. London, Oxford, 1971. 123 p.
50. RAKOTOMALALA, Pierre & KHOI, Le Thanh. A Educação no Meio Rural. Lisboa, Moraes Editores, 1976. 133 p.
51. RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Educação. Diretrizes Curriculares para o Ensino de 1º Grau do Meio Rural; Área de Comunicação e Expressão. Porto Alegre, 1974. 155 p.
52. RIO DE JANEIRO. Secretaria de Educação e Cultura. Laboratório de Currículos. Projeto do Núcleo Comunitário de Educação, Cultura e Trabalho de Cordeiro. Rio de Janeiro, 1976. 102 p.
53. RIVERS, Wilga M. Psicologia e Ensino de Línguas. São Paulo, Cultrix, 1974. 211 p.
54. REVISTA DE CULTURA VOZES, Petrópolis, v.67, n.8, out.1973.84 p.
55. SAVIGNON, Sandra J. Communicative Competence: An Experiment in

- Foreign-Language Teaching. Philadelphia, The Center for Curriculum Development, 1972. 115 p.
56. UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. Projeto de Realimentação de Currículo e Metodologia Didática para as Escolas Rurais do Município de Ponta Grossa; Relatório Final. Ponta Grossa, s.d. Não paginado. Mimeografado.
57. WEINREICH, Uriel. Languages in Contact. 3.ed. Haia, Mouton, 1964. 148 p.

V - ANEXOS

ANEXO I

INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

1. ESCOLARES

1.1. INTERPRETAÇÃO DE TEXTO.

Informante:.....Idade:.....

Data:.....

O CÂNTARO MILAGROSO - Malba Tahan (adaptação)

Na cidade de Lar, na Pérsia, vivia outrora um pescador muito preguiçoso.

Um dia, quando dormia, como de costume, à sombra de uma árvore, junto ao rio, assaltou-o um sonho que muito o impressionou.

Sonhou que encontrara no campo, ao voltar a casa, um grande cântaro de ferro, no fundo do qual descobriu, com surpresa, uma moeda de ouro.

Sandeji - assim se chamava o pescador - mergulhou a mão e arrancou do fundo do cântaro o precioso achado. Qual não foi, porém, seu espanto, quando olhou de novo e encontrou nova moeda igual à primeira.

Era milagroso o cântaro! Debaixo de cada moeda que o pescador tirava, outra logo, nova e rutilante, lhe vinha ao alcance da mão. Ao acordar, resolveu consultar um velho sacerdote que morava a dois passos. Que significação teria aquele sonho original do cântaro milagroso?

- É fácil desvendar o mistério - respondeu o sacerdote. - Vá ao rio, atire a rede várias vezes e você saberá, então, a significação do sonho.

Encheu-se o pescador de ânimo e foi ao rio. Viu vários peixes que nadavam na corrente. Lançou rápido a rede e apanhou alguns. Novos peixes surgiram e o pescador teve a felicidade de os recolher. Assim, trabalhando ativamente, conseguiu fazer, naquele dia, uma pesca mais abundante do que a de um mês inteiro.

Um rico comerciante que passava com seus ajudantes, ao ver os cestos do bom Sandeji repletos de lindos peixes, comprou-os todos por uma boa quantia.

Só então o pescador compreendeu a significação do sonho e o verdadeiro sentido das palavras do velho sacerdote.

O cântaro milagroso era, afinal, o rio, donde tirava os peixes que se transformavam, a seguir, nas ambicionadas moedas de ouro.

A. Substituir pelas palavras do texto:

1. Vivia antigamente um pescador muito preguiçoso.

Vivia um pescador muito preguiçoso.

2. Encontrara um grande vaso de ferro.

Encontrara um grande de ferro.

3. Tirou do cântaro o valioso achado.

Tirou do cântaro o achado.

4. Outra moeda brilhante lhe vinha ao alcance da mão.

Outra moeda lhe vinha ao alcance da mão.

5. É fácil descobrir o mistério.

É fácil o mistério.

6. Os peixes se transformavam nas desejadas moedas de ouro.

Os peixes se transformavam nas moedas de ouro.

B. Numere a segunda coluna pela primeira:

- | | |
|-------------------|----------------------|
| (1) Pescador | () Velho |
| (2) Cântaro | () Rico |
| (3) Moeda | () Muito preguiçoso |
| (4) Sacerdote | () De ferro |
| (5) Comerciante | () De ouro |

C. Encontre as correspondências:

- | | |
|---------------|------------|
| (1) Cântaro | () Rio |
| (2) Mão | () Rede |
| (3) Moeda | () Peixes |

D. Questões (responder com frases completas):

1. Qual era o nome do pescador?

.....

2. Em que cidade vivia o pescador?

.....

3. Em que país vivia o pescador?

.....

4. Como é que a gente sabe que foi de dia que o pescador teve o sonho?

.....

5. Por que o pescador foi contar o sonho ao velho sacerdote?

.....
.....
.....

6. Depois de ter consultado o sacerdote, o pescador agiu como preguiçoso?

.....
.....

7. Todos os pescadores que não são preguiçosos, têm um cântaro milagroso. O que é esse cântaro milagroso?

.....
.....

8. Explique como os peixes se transformaram em moedas para o pescador.

.....
.....
.....

1.2. DOMÍNIO DA NORMA CULTA.

I- Siga o modelo:

Modelo: O bom menino.

Os bons meninos.

1. O melão maduro

.....

2. O carretel azul

.....

3. Um quadro-negro

.....

4. Meu lápis preto

.....

II- Siga o modelo:

Modelo: Ele é alto.

Ela é alta.

5. Ele é bom

.....

6. Ele é mau

.....

7. Ele é menos estudioso

.....

III- Complete os pontinhos com uma das formas entre parênteses:

8. Pedro é que Maria. (maior, mais grande)
9. Você vai (com nós, conosco)
10. Paulo conta que eu. (mais mal, pior)
11. Estou com dó dela. (muito, muita)
12. você vai? (onde, aonde)
13. A professora pediu para estudar bastante. (eu, mim)
14. Você se esqueceu da merenda. (sua, tua)
15. Mamãe, eu posso ir? (com a senhora, consigo)
16. A conta foi pelo irmão. (paga, pagada)
17. Esta é a sala eu estudei. (onde, que)
18. Já dez dias que ele chegou. (faz, fazem)
19. Que horas? (é, são)
20. Você sabe quando as notas? (saem, sai)
21. Se você Maria, diga-lhe que quero falar com ela.
(vir, ver)

IV- Siga o modelo:

Modelo: Se nasceu no Paraná, é paranaense.

22. Se nasceu em Curitiba, é

23. Se nasceu em Pernambuco, é

V- Complete:

24. Nove é o triplo de três. Quatro é o de dois.

25. Se eu já li oito páginas do meu livro, eu estou agora na

nona página.

Se eu já li dez páginas do meu livro, eu estou agora na página.

26. Se é um nariz muito pequeno, é um narizinho.

Se é um bambu muito pequeno, é um

27. Se é uma mulher muito grande, é uma

VI- Siga o modelo:

Modelo: Se a madeira é muito áspera, ela é aspérrima.

28. Se a lição é muito fácil, ela é

29. Se mamãe é muito boa, ela é

VII- Siga o modelo:

Modelo: Ele falou de maneira clara.

Ele falou claramente.

30. Ele falou de maneira educada.

Ele falou

31. Ele falou de maneira gentil.

Ele falou

VIII- Siga o modelo:

Modelo: a) A professora comprou livros.

A compra de livros pela professora.

b) As árvores crescem.

O crescimento das árvores.

32. O colono vendeu a carroça.

.....

33. O menino chegou.

.....

IX- Escreva na letra c) a frase que achar mais correta:

34. a) Empréste-me a caneta.

b) Me empréste a caneta.

c)

35. a) Ontem, eu vi ele chorando.

b) Ontem, eu o vi chorando.

c)

X- Siga o modelo:

Modelo: A professora comprou o livro.

O livro foi comprado pela professora.

36. O menino chutou a bola.

.....

XI- Siga o modelo:

Modelo: Se alguém está com muita sede, ele está sedento.

37. Se alguém está com muito sono, ele está

38. Se alguém está com muita raiva, ele está

39. Se alguém está com muita fome, ele está

XII- Siga o modelo:

Modelo: Eles brincam e eu também brinco.

40. Eles trabalham e nós também

41. Eles vão e nós também

42. Nós vemos e eles também

XIII- Siga o modelo:

Modelo: Como era para eu estudar, eu estudei.

- 43. Como era para ele caber, ele
- 44. Como era para fazer, eu
- 45. Como era para nós virmos, nós

XIV- Siga o modelo:

Modelo: Se é para eu lavar a roupa, eu a lavo.

- 46. Se é para eu o terno, eu o ponho.
- 47. Se é para nós, nós saímos.
- 48. Se é para eles, eles vêm.

XV- Siga o modelo:

Modelo: Quando mamãe pedia para eu estudar, eu estudava bastante.

- 49. Quando papai pedia para nós trabalharmos , nós demais.
- 50. Quando o professor pedia para eles irem à escola, eles sem falta.

1.3. DOMÍNIO DA TERMINOLOGIA GRAMATICAL.

Informante:.....Idade:.....

Data:.....

- 1. CARRÃO é o aumentativo de CARRO; MESINHA é o de MESA.
- 2. TODOS DERAM a mão a José.

- Na frase anterior, TODOS é o sujeito; DERAM é o
3. CARDUME é o substantivo de peixes.
 4. a-b-c-d-e-f-g-h-i-j-l-m-n-o-p-q-r-s-t-u-v-x-z. Este conjunto de letras chama-se
 5. a-e-i-o-u são as vogais; b-c-d-f-g-h-j-l-m-n-p-q-r-s-t-v-x-z são as
 6. ES-CO-LA - Esta palavra está dividida em três
 7. BONITO é antônimo de FEIO; mas LINDO é de BONITO.
 8. O MENINO viu DUAS pombas.
Nesta frase a palavra MENINO é um substantivo; a palavra DUAS é um
 9. A palavra CAFÉ é acentuada por ser uma palavra oxítona terminada em E.
A palavra MÉDICO é acentuada porque é uma palavra
 10. Hoje ele CHEGOU às três, mas amanhã CHEGARÁ às quatro.
A forma verbal CHEGOU está no pretérito; a forma verbal CHEGARÁ está no
 11. Se ele DISSE que VAI, FICO descansado.
A forma verbal DISSE está no pretérito, enquanto VAI e FICO estão no
 12. João é um MENINO BONITO.
MENINO é um substantivo; BONITO é um
 13. O MENINO VIU duas pombas.
A palavra MENINO é um substantivo; a palavra VIU é um
 14. Este MENINO não foi com os outros MENINOS.
A palavra MENINO está no singular; a palavra MENINOS está no

15. CAFÉ é palavra oxítona, mas LEITE é uma palavra

16. ENCONTRAMOS a BOLA.

A palavra ENCONTRAMOS é um verbo; a palavra BOLA é um

17. CAETANO é substantivo próprio; CADEIRA é um substantivo

18. - Sabia que o pai comprou um rádio?

- Que bacana!

A primeira frase é interrogativa; a segunda frase é

19. - Maria vem?

- Sim, ela vem.

A primeira frase é interrogativa; a segunda é

20. CHEGUEI CEDO.

A palavra CHEGUEI é verbo; a palavra CEDO é um

21. Em SAI há um ditongo; em SAÍ, há um

22. Em CADEIRA há um ditongo; em AVERIGUOU, há um

23. MOÇO está no masculino; MOÇA está no

24. AMANHÃ Pedro virá AQUI.

A palavra AMANHÃ é um advérbio de tempo; a palavra AQUI é um advérbio de

25. A MOÇA perdeu A luva.

Na frase acima, MOÇA é um substantivo; A é um

26. Ele SABE quem SAIU.

A forma verbal SABE está no presente; a forma verbal SAIU está no

27. JOSE entregou o livro a ELE.

JOSE é um substantivo; ELE é um

28. ONTEM ele chegou AQUI.

A palavra AQUI é um advérbio de lugar; a palavra ONTEM é um advérbio de

29. PEDRA é um substantivo concreto; SAUDADE é um substantivo
.....
30. EU é uma palavra monossílaba; APRESENTAÇÃO é uma palavra
.....
31. ELE TROUXE a merenda.
Na frase acima, a palavra TROUXE é o predicado; a palavra ELE
é o
32. Ele teve DOIS carros, mas só o PRIMEIRO era bom.
Na frase acima a palavra DOIS é numeral cardinal; a palavra
PRIMEIRO é numeral
33. LIVRO é um substantivo primitivo, enquanto LIVRARIA é um subs-
tantivo
34. João trouxe o livro dele; EU trouxe o MEU.
A palavra EU é um pronome pessoal; a palavra MEU é um pronome
.....
35. VOCE conhece aquele rapaz; eu conheço ESTE.
A palavra VOCE é um pronome pessoal; a palavra ESTE é um pro-
nome
36. AGORA você falou CLARAMENTE.
A palavra AGORA é um advérbio de tempo; a palavra CLARAMENTE é
um advérbio de
37. gato - gatos () diferença de pessoa
38. gato - gata () diferença de grau
39. gatão - gatinho () diferença de número
40. falo - falas - fala () diferença de gênero
41. Ganhei um CA-DER-NO.
A parte sublinhada é: () vogal
() consoante

() sílaba

() artigo

42. O gato tomou o LEITE.

A palavra sublinhada é: () substantivo

() verbo

() advérbio

() pronome

ASSOCIE:

43. Luís () substantivo próprio

44. manada () substantivo abstrato

45. sapataria () substantivo derivado

46. beleza () substantivo coletivo

47. Esse caderno está sujo; AQUELE, não.

A palavra AQUELE é um pronome:

() pessoal

() possessivo

() demonstrativo

48. Ele FEZ o exercício.

A forma verbal FEZ está no:

() presente

() pretérito

() futuro

49. A palavra que indica qualidade é um:

() verbo;

() pronome;

() advérbio;

() substantivo;

() adjetivo.

50. O artigo é uma palavra que acompanha o:

() verbo;

() advérbio;

() substantivo;

() adjetivo.

1.4. SUGESTÃO DE QUESTIONÁRIO PARA ROTEIRO EM ENTREVISTAS ORAIS
GRAVADAS

A - A região.

1. Gosta desta região? Por quê?
2. Do que mais gosta nesta região?
3. Existem aqui bons lugares para divertimento?
4. Que coisas desta região você acha que deveríamos conhecer?
5. Há alguma coisa por aqui de que você não gosta?

B. - Jogos, diversões.

6. Que faz no seu tempo livre?
7. Do que você gosta de brincar?
8. Conhece o jogo da cabra-cega? (ou da amarelinha)? Como é que jogam esse jogo?
9. Do que brincam as meninas? E os meninos?
10. Você gosta de televisão? E de cinema?

11. Você torce por algum time de futebol? Qual?

12. Vocês têm times de futebol, aqui?

13. Não se fazem campeonatos nas redondezas?

C - A escola.

14. De que matérias da escola você gosta?

15. Em que matérias você acha que vai bem?

16. Você já repetiu algum ano?

17. Gosta de ler? O que você lê?

18. Qual a professora de que você mais gostou até hoje? Por
quê?

D - Viagens.

19. Ainda há muita carroça por aqui?

20. Sabe dirigir uma carroça? É fácil?

21. Você já andou de caminhão?

22. Você conhece Curitiba?

23. Você já fez muitas viagens? Que lugares conhece?

E - O grupo social.

24. Faz parte de uma turma de garotos? São de sua idade?

25. Que fazem quando se reúnem?

26. Quando juntos, em geral sobre que conversam?

27. Há alguém que funciona como o chefe da turma?

F - Ocasões especiais.

28. Quais são os maiores dias de festa na família?

29. Como é a festa de Natal na sua casa?
30. No dia de Natal, sua mãe prepara uma comida diferente?
31. E os aniversários, como são comemorados?
32. Há comidas e bebidas especiais nesses dias?
33. Que gostaria de ganhar em seu próximo aniversário?
34. Qual foi o melhor presente que ganhou até agora? De quem?
35. Você já foi a um baile de carnaval?
36. Gosta de música de carnaval?

G - A casa.

37. Você não preferiria morar em outro lugar da região?
38. Quantos irmãos você tem?
39. Você ajuda para que a casa fique limpa e em ordem?
40. Você ajuda nos serviços da casa?
41. Você trabalha com seu pai durante uma época do ano?
42. Você sabe trabalhar na horta?
43. Sabe preparar café? Como é que faz?

H - A alimentação.

44. Que costuma comer no café da manhã?
45. Toda a família está reunida nas refeições?
46. Quem prepara as refeições?
47. Você tem algum prato preferido?
48. Você prefere a galinha assada ou ensopada?
49. Que doces sua mãe costuma fazer?

50. Que costuma beber nas refeições?

51. Onde se fazem as compras de mantimentos?

I - As relações familiares.

52. Você se dá bem com seus pais?

53. Seus pais são muito brabos?

54. Que fazem seus pais quando você tem algum problema na escola?

55. Que fariam eles se você fosse reprovado?

56. Seus pais o ajudam nos estudos? De que maneira?

57. Que profissão eles gostariam que você tivesse?

58. Eles fazem questão de que você seja o primeiro da classe?

59. Você já apanhou de seu pai ou de sua mãe?

60. Que fazem seus pais quando você comete alguma falta?

J - A natureza.

61. Aqui, faz frio no inverno?

62. Você já viu geada? Como é?

63. No verão, vocês têm um rio onde tomar banho?

64. Você sabe nadar?

65. Você tem medo de se afogar?

66. Sabe andar a cavalo? Já caiu de cavalo?

67. Sabe a diferença entre galope e trote? Qual é?

L - Perspectivas.

68. Que profissão você gostaria de ter, no futuro?

69. Você quer ser rico?
70. Se você fosse bem rico, o que você faria?
71. Quando você tiver a sua casa, como gostaria que ela fosse?
72. Se você fosse governador do Estado, qual seria a primeira coisa que faria?

2. ADULTOS

2.1. INTERPRETAÇÃO DE TEXTO.

Informante:.....Idade:.....

Data:.....

FESTA DE ANIVERSÁRIO

Leonora chegou-se para mim, a carinha mais limpa deste mundo:

- Engoli uma tampa de coca-cola.

Levantei as mãos para o céu: mais esta agora! Era uma festa de aniversário dela própria, que completava seis anos de idade. Convoquei imediatamente a família:

- Disse que engoliu uma tampa de coca-cola.

A mãe, os tios, os avós, todos a cercaram, nervosos e inquietos.

- Abre a boca, minha filha!

- Agora não adianta: já engoliu.

- Deve ter arranhado.

- Mas engoliu, como?

- Quem é que engole uma tampa de cerveja?!

- De cerveja, não: de coca-cola.

- Pode ter ficado na garganta.

Urgia que tomássemos uma providência, não ficássemos ali, feito idiotas. Peguei-a no colo:

- Vem cá, minha filhinha; conta só para mim!! Você engoliu coisa nenhuma. Não é isso mesmo??

- Engoli, sim, papai, ela afirmava com decisão.

Consultei o tio baixinho:

- O que é que você acha?

Ele foi buscar uma tampa de garrafa, separou a cortiça do metal:

- O que é que você engoliu: isto...ou isto?

- Cuidado que ela engole outra!! Adverti.

- Isto.

E ela apontou com firmeza a parte de metal.

Não tinha dúvida: Pronto-Socorro. Dispus-me a carregá-la, mas alguém sugeriu que ela fosse andando: auxiliava a digestão.

No hospital, o médico limitou-se a apalpar-lhe a barriguinha, cético:

- Dói aqui, minha filha??

Quando falamos em radiografia, revelou-se que o aparelho estava com defeito: só no Pronto-Socorro da cidade.

Batemos para o Pronto-Socorro da cidade. Outro médico nos atendeu com solicitude:

- Vamos já ver isto.

Tirada a chapa, ficamos aguardando ansiosos a revelação.

Em pouco o médico regressava:

- Engoliu, foi a garrafa.

- A garrafa?? exclamei.

Mas era uma gracinha dele, cujo espírito passava muito ao lar-

go da minha aflição: eu não estava para graças. Uma tampa de garrafa! Certamente precisaria operar, não haveria de sair por si mesma.

O médico pôs-se a rir de mim:

- Não engoliu coisa nenhuma. O senhor pode ir descansado.

- Engoli, afirmou a menininha.

Voltei-me para ela:

- Como é que você ainda insiste, minha filha?

- Que eu engoli, engoli.

- Pensa que engoliu, emendei.

- Isso acontece, sorriu o médico. - Até gente grande. Aqui, já teve um guarda que pensou ter engolido o apito.

- Pois, eu engoli mesmo, comentou ela intransigente.

- Você não pode ter engolido, arrematei, já impaciente. Quer saber mais que o médico?

- Quero. Eu engoli, e depois desengoli, esclareceu ela.

Nada mais havendo a fazer, engoli em seco, despedi-me do médico e bati em retirada com toda a comitiva.

Fernando Sabino

QUESTIONÁRIO

Sempre se baseando no texto, responda com frases completas às seguintes questões:

1. O pai deixou entender que não era o primeiro aborrecimento do dia. Prove!

.....
.....
.....

2. O que foi que esta atrapalhão veio a destruir, na opinião do pai?

.....
.....

3. Prove que o pai foi o primeiro a duvidar da veracidade da afirmação.

.....
.....
.....

4. De que maneira o tio procurou descobrir se havia ou não perigo para a menina?

.....
.....
.....

5. De que maneira se comprovou que havia realmente perigo?

.....
.....

6. Qual é a palavra que nos prova que o médico do primeiro Pronto-Socorro não acreditou muito na história?

.....

7. Se o segundo Pronto-Socorro visitado foi o da cidade, onde ficava o primeiro?

.....

8. Por que se dirigiram ao Pronto-Socorro da cidade?

.....
.....

9. Que significa: "Engoliu, foi a garrafa"?

.....
.....

10. A exclamação "A garrafa?" revela que o pai estava muito nervoso. Explique!

.....
.....
.....

11. A filha realmente engolira a tampinha? Prove!

.....
.....
.....

12. No texto, o que se quis dizer com "engoli em seco"?

.....
.....
.....

2.2. DOMÍNIO DA NORMA CULTA.

A. Siga o modelo:

Modelo: O bom menino.

Os bons meninos.

1. O menino alemão.

2. O papelzinho azul.

3. O pê-de-moleque gostoso.

4. O guarda-roupa sólido.

5. O antigo guarda-civil.

22. Paulo canta que eu. (mais mal, pior)
23. Você pode me alcançar livro que está ao seu lado?
(este, esse)
24. Paulo uma das regras do jogo. (inflingiu, infringiu)
25. Se não está a bordo, está terra. (em, na)
26. Paulino tinha a vela. (acendido, aceso)
27. Ele tem o aluguel em dia. (pago, pagado)
28. Veja ele está. (onde, aonde)
29. Se você o encontrar, avise-o da reunião. (caso, acaso)
30. Ela veio, não trouxe a criança. (mas, mais)
31. Este livro é para ler. (eu, mim)
32. Entre e ele não há discussão. (eu, mim)
33. Eu quero falar (com o senhor, consigo)
34. Ele levou a mala (com ele, consigo)
35. Você esqueceu do casaco. (seu, teu)
36. Domingo, eu vi na festa. (lhe, o)
37. O senhor ouviu ontem o discurso de o Presidente da República? (Sua Excelência, Vossa Excelência)
38. Vossa Excelência, Senhor Deputado, é muito
(generoso, generosa)
39. Ele virá mesmo. (conosco, com nós)
40. Antigamente, havia no parque centenas de árvores: hoje, não se vê aí só. (nenhuma, nem uma)
41. Nas festas sempre muitas brigas. (havia, haviam)

58. Se é um nariz muito grande, é um narigão; se é uma voz muito forte, é

59. O substantivo correspondente a ASSINAR é ASSINATURA, cuja sílaba forte é TU. O substantivo correspondente a RUBRICAR é, cuja sílaba forte é

60. Se 0:30 horas é o mesmo que meia noite e meia, 12:30 é o mesmo que

I. Converta os dois períodos em um único período, segundo o modelo:

Modelo: Este é o hospital. Eu nasci nele.

Este é o hospital onde eu nasci.

61. Chegou o rapaz. Eu falei com ele.
.....

62. Esta é a moça. O rapaz gosta dela.
.....

63. Este é o menino. O pai dele está doente.
.....

J. Transforme segundo o modelo:

Modelo: Falou de maneira clara.

Falou claramente.

64. Falou de maneira cortês.
.....

K. Transforme segundo o modelo:

Modelo: Cabral descobriu o Brasil.

A descoberta do Brasil por Cabral.

65. Entregaram as medalhas aos vencedores.
.....

66. João chegou à escola.

.....

L. Transforme segundo o modelo:

Modelo: Ele assaltou a joalheria.

A joalheria foi assaltada por ele.

67. A diretora suspendeu os trabalhos.

.....

M. Se achar necessário, preencha a lacuna com as formas entre parênteses:

68. Ele vem aqui todos dias. (os)

69. Não veio devido certos contratempos. (a)

70. Estas são as normas que obedecemos. (a)

N. Qual das lacunas é o lugar mais conveniente para a palavra entre parênteses?

71. empreste alguns cruzeiros. (me)

72. Não entregou o dinheiro. (lhe)

O. Complete segundo o modelo:

Modelo: Derrubei as árvores.

Derrubei-as

73. Fizeram o trabalho.

.....

74. Mandou entregar as cartas.

.....

75. Aceitaremos o acordo.

.....

76. Eis o homem!

.....

P. Complete segundo o modelo:

Modelo: Nós sairemos às seis horas. Se já são seis horas, é hora de nós sairmos.

77. Eles dormem às oito horas. Se já são oito horas, é hora

Q. Separe as sílabas do vocábulo GRATUITO.

78.

R. Siga o modelo:

Modelo: Se é para falar, eu falo.

79. Se é para caber, eu

80. Se é para incendiar corações, eu os

81. Se é para optar, eu

S. Siga o modelo:

Modelo: Se é para partir, ele parte.

82. Se é para se comprazer, ele ~~se~~

83. Se é para se entreter, ele se

84. Se é para vir, eles

T. Siga o modelo:

Modelo: Se é para passear, nós passeamos.

85. Se é para vir, nós

U. Siga o modelo:

Modelo: Se é para chover, chove.

86. Se é para gear,

87. Se é para relampejar,

v. Siga o modelo:

Modelo: Como era para eu falar, eu falei.

88. Como era para intervir, ele
89. Como era para caber, ele
90. Como era para vir, nós
91. Como era para trazer o livro, eu o
92. Como era para requerer o diploma, ele o

x. Siga o modelo:

Modelo: Se ele pediu que você fosse, então vá.

93. Se ele pediu que você fosse rigoroso, então
rigoroso.
94. Se ele pediu que você partisse, então
95. Se ele pediu que você parasse, então

y. Complete com forma do verbo entre parênteses:

96. Se eu ganhasse na loteria, eu todo o di-
nheiro em viagens. (gastar)

w. Complete:

97. Na região agrária se planta cereais, na região se
cria gado.
98. Os bois são BOVINOS e as ovelhas são
99. A vaca muge e o cavalo
100. A árvore que dá frutos é uma árvore

2.3. DOMÍNIO DA TERMINOLOGIA GRAMATICAL.

Informante:.....Idade:.....

Data:.....

001. Puseram todos suas melhores roupas.

A B

A é predicado; B é

002. O professor explicou ao aluno a palavra ignorada.

A B

A é predicado; B é

003. Acusaram-no de roubo.

A B

A é verbo; B é

004. A carta foi enviada a Curitiba.

A B

A é artigo; B é

005. Espero que eu ganhe um cachorrinho.

A B

B é substantivo; A é

006. Eram os momentos finais de uma estada que durara alguns anos.

A B

A forma verbal A está no pretérito imperfeito; a forma verbal

B está no

007. Se todos concordarem, transferiremos a reunião para amanhã.

A B

A forma verbal A está no futuro do subjuntivo; a forma verbal B está no

008. Encontrei Maria chorando.

A B

A forma verbal A está no pretérito perfeito do indicativo; a B está no

009. Em Antonina, saboreei uma salada feita de todas as miudezas do oceano.

A B

A é artigo indefinido; B é

010. Esse seu costume de pregar peça nos outros ainda lhe trará problemas.

A B

A é pronome demonstrativo; B é

011. Esta é a casa que comprei.

A B

A é pronome demonstrativo; B é

012. CARDUME é substantivo de peixes.

013. CAETANO é substantivo próprio; CADEIRA é

014. O vocábulo HÓSPEDE é proparoxítono; o vocábulo HOSPEDARIA é

015. Ele não veio. Ele veio.

A B

A é um período negativo; B é

016. (A) CASA: Substantivo comum, concreto, primitivo, simples, feminino, singular.

(B) O velho contou seu sonho às crianças.

Suj. Pred. Obj.dir. Obj.indir.

A é um exemplo de análise morfológica; B é um exemplo de

017. André trombou o carro. Como foi?

A B

A é uma afirmação; B é

018. Vou à festa de Maria.

O acento grave está indicando a de dois A.

019. Na palavra ensinar a terceira sílaba é tônica; a segunda é

020. Cheguei cedo.

A B

A é verbo; B é

021. Ele descansa aos domingos.

A B

B é verbo; A é

022. Fortuito - Averiguou

A B

A é ditongo; B é

023. Cristóvão Colombo, o descobridor da América, nasceu em Gênova.

A B

A é sujeito; B é

024. Os alunos serão aprovados se estudarem.

SE é uma conjunção

025. O moço e a moça acabaram de chegar.

A B

A é masculino; B é

026. (A) O fogo destruiu o edifício.

(B) O edifício foi destruído pelo fogo.

A está na voz ativa; B está na

027. Sou feliz.

A B

A é verbo; B é

028. Perdeu o antigo encanto.

A B

A é verbo; B é

029. O poeta indagou: - Quem chama por mim?

A B

A forma verbal A está no pretérito perfeito do indicativo; a

B está no

030. Se eu tivesse que escolher um lugar para morar, escolheria Itu.

A B

A forma verbal A está no pretérito imperfeito do subjuntivo;

a B está no

031. Se eu estiver mentindo, quero que um macaco me morda.

A B

A forma verbal A está no futuro do subjuntivo; a B está no

.....

032. A lua tinha sumido e o jardimzinho tornara-se mais escuro.

A

B

A forma verbal B está no mais-que-perfeito do indicativo; a

A está no

033. A educação primária é obrigatória.

A

B

A é sujeito; B é

034. Conheço tudo isto aqui melhor do que ninguém.

A

B

A é pronome demonstrativo; B é

035. Está - Estão - Estou - Estive

A

B

C

D

Entre A e B há diferença de pessoa; entre C e D há diferença de

036. PEDRA é um substantivo concreto; SAUDADE é um substantivo ...

.....

037. PAÍS é um substantivo comum; BRASIL é um substantivo

038. ENSINO é um vocábulo paroxítono; PROFESSOR é

039. Estava triste porque não ganhara a bicicleta.

A

B

B é um verbo transitivo; A é um verbo

040. O verbo concorda com o sujeito em e

.....

041. Está chovendo.

Que barbaridade!

A

B

A é uma afirmação; B é

042. Na palavra TRAVE, t-r-v são consoantes; a-e são

043. O carro de André é azul. O de José é amarelo-canário.

A

B

A é um adjetivo simples; B é

044. Moro longe.

A

A é um advérbio de

045. Ele nos machucou.

A B

A é um pronome pessoal do caso reto; B é

046. Saúde - Leite

A

B

A contém um hiato; B contém um

047. Que sabe você, Maria, sobre Isabel, a libertadora dos escravos?

A

B

B é apostrofo; A é

048. Não estudo, mas trabalho.

MAS é uma conjunção

049. A soprano era a nora do cônsul.

A

B

A é feminino; B é

050. A tarde estava linda.

A

B

A é predicado; B é

051. Os segredos foram ensinados pelo pajé.

A

O pajé ensinou os segredos.

B

O período A está na voz passiva; o B está na

052. Levou-o consigo.

A B

A é verbo; B é

053. Tinham dois filhos: o primeiro chamava-se Carlos e o segundo André.

A

B

C

A é numeral cardinal; B e C são

054. Ele tinha saído.

A B

Este período encerra uma forma verbal composta, onde B é o verbo principal e A é

055. Foi então que percebi que fabricavam uma carroça.

A

B

A forma verbal A está no pretérito perfeito do indicativo; a B está no

056. Falar é fácil.

A B

A forma verbal B está no presente do indicativo; a A está no

057. Não tenha mágoa de seu irmão. Ele não tem culpa alguma.

A

B

A forma verbal B está no presente do indicativo; a A está no

058. O período pode ser composto por subordinação ou por

059. Sua fama espalhou-se por aquela região.

A

B

A é pronome possessivo; B é

060. Presente e perfeito são tempos verbais; indicativo e subjuntivo são

061. MORTE é um substantivo abstrato; CADÁVER é um substantivo ..
.....

062. /p/ é um som oral; /n/ é um som

063. CRIATIVIDADE é uma palavra paroxítona; LÂMPADA é uma palavra
.....

064. Fez-se silêncio. A ceia tinha sido caldo de couve e batatas.

A

B

A forma verbal A está em tempo simples; a B está em

065. Na fala, o som inicial de HERDEIRO é /e/; na escrita, H é a sua primeira

066. MENINOS - MENININHOS

A

B

A é desinência de plural; B é de

067. Na palavra CARPO, a-o são vogais; c-r-p são

068. Este livro pode ser encontrado na Livraria Sergipe.

A

B

A é um substantivo primitivo; B é

069. Vã rapidamente.

O vocábulo sublinhado é um advérbio de

070. Eu te levo.

A B

B é um pronome pessoal do caso oblíquo; A é um pronome pessoal do

071. BEM e MAL são palavras antônimas; MORAR e HABITAR são palavras

072. O pássaro foi morto pelo caçador.

A

B

A é sujeito; B é

073. A menina coloriu seu desenho usando canetas vermelhas.

A

B

A está no singular; B está no

074. (A) Penso que vai chover.

(B) Mariana resolveu os problemas.

A é um período composto; B é um período

075. Os bons filhos obedecem aos pais.

A

B

A é predicado; B é

076. (A) Fabiano feriu seu amigo acidentalmente.

(B) Fabiano feriu-se acidentalmente.

O período A está na voz ativa; o B está na

077. Apenas duas pessoas responderam ao chamado.

A B

B é substantivo; A é

078. Estamos no primeiro dia do ano de mil novecentos e setenta e sete.

A

B

A é numeral ordinal; B é

079. O peixeiro reclamava: - Hoje perdi meu dia!

A

B

A forma verbal A está no pretérito imperfeito do indicativo; a B está no

080. INCOMUM é vocábulo formado por prefixação; já BAMBUZAL é formado por

081. Se andassem mais depressa, chegariam a tempo.

A

B

A forma verbal B está no futuro do pretérito do indicativo; a A está no

082. A primeira foi, positivamente, uma excursão desastrada.

A

B

A é artigo definido; B é

083. Começamos a escalada. Pensei que jamais conseguiríamos atingir o topo.

A

B

A forma verbal A está na primeira pessoa do singular; a B está

084. Onde foi que você encontrou isto?

A

B

B é pronome demonstrativo; A é

085. O vocábulo de quatro ou mais sílabas é chamado polissílabo; o vocábulo de uma sílaba é chamado

086. VA-GA-RO-SA-MEN-TE é um exemplo de separação em

087. O fonema inicial da palavra MALA é nasal; o fonema inicial da palavra CASA é

088. (A) Convidaram-no para o jogo.

(B) Não o convidaram para o jogo.

A é um período afirmativo; B é um período

089. (A) Os meninos chegaram.

Período simples.

Sujeito simples: os meninos.

Adjunto adnominal: os

Predicado verbal: chegaram (verbo intransitivo).

(B) OS: artigo definido, masculino, plural.

A é um exemplo de análise sintática; B é um exemplo de análise

090. SOL é um vocábulo monossílabo; ENCANTAMENTO é um vocábulo ...
.....

091. HOMENZARRÃO está no grau; CASINHA está no grau

092. Na palavra CANSAÇO, a primeira sílaba é átona; a segunda é

093. AMABILÍSSIMA está no grau

094. Isso aconteceu ontem.

A palavra sublinhada é um advérbio de

095. PAINA - SAGUÃO

A

B

A contém um ditongo; B contém um

096. MORADA e DOMICÍLIO são palavras sinônimas; DIFÍCIL e FÁCIL são palavras

097. Procurei-o, mas ele não estava na capital.

A

B

A é verbo; B é

098. A testemunha era um(a) conhecido(a) artista.

A

B

A é um substantivo sobrecomum; B é um substantivo

099. Eu te convido para o baile.

A

B

A é verbo; B é

100. A gramática se compõe de três partes: a Fonética, a Morfologia e a

2.4. SUGESTÃO DE QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTAS ORAIS GRAVADAS.

A - A região.

1. O senhor gosta desta região?

2. A região tem progredido ultimamente?
3. A região dispõe de boa assistência médica?
4. Há muitas pessoas idosas por-aqui?
5. Há alguma coisa na região de que o senhor não gosta?

B - A economia.

6. É compensador trabalhar com produtos da horta?
7. A terra, aqui, pede muito adubo?
8. Que fruta dá melhor?
9. Não há quem trabalhe com uva, vinho?
10. Tem vindo muita gente de fora morar aqui?

C - Jogos, diversões, viagens.

11. Que faz no seu tempo livre (à noite, nos sábados, domingos e feriados)?
12. O senhor não gostaria de morar em Curitiba?
13. Acostuma-se com cidade grande?
14. São freqüentes os bailes?

D - O trabalho.

15. Onde trabalha atualmente? Em quê?
16. Em que consiste o seu trabalho?
17. O que lhe agrada e o que lhe desagrada em seu trabalho?
18. Se não fosse, o que gostaria de fazer?

E - Ocasões especiais.

19. Quais são os maiores dias de festa na família?
20. O Dia de Finados significa alguma coisa para a família? Ou para o senhor, particularmente?
21. O senhor gosta de carnaval?
22. Fazem carnaval por aqui?

F - Características do grupo social.

23. Com que pessoas procura estar junto?
24. Que idade têm essas pessoas?
25. Onde costumam reunir-se?
26. Em geral, sobre que conversam?
27. O senhor gosta de ter um dedo de prosa com os amigos?
28. Há muitas ocasiões em que a sua família se reúne?
29. Como celebram o casamento?
30. Com que idade o senhor acha que as pessoas deveriam casar?

G - Costumes.

31. O povo da região é religioso?
32. O senhor é praticante?
33. Os moços de hoje se comportam do mesmo modo que os de antigamente?
34. Acha que o mundo está mudando muito?
35. As escolas têm ajudado os meninos?
36. As últimas eleições foram calmas, aqui?

H - A casa.

37. Mora em casa própria ou alugada?
38. Se é própria, como a adquiriu, construiu?
39. Não gostaria de morar em outra parte?

I - A alimentação.

40. O que costumam comer no almoço e no jantar?
41. O senhor tem algum prato predileto?
42. Gostam de alguma comida típica ou tradicional na família?
43. Que costumam beber durante as refeições? Nas festas (Natal, Páscoa)?
44. Toma-se muito leite?
45. Que doces são mais apreciados?

J - Educação dos filhos.

46. O senhor faz todas as vontades dos filhos? Por quê?
47. Usa de energia com eles?
48. Se um filho briga na rua, como o recebe em casa?
49. Se um filho tem algum problema na escola, que faz?
50. Faz questão que os filhos sejam os primeiros em sua classe?
51. Como receberia uma reprovação de um filho?
52. Acompanha os filhos nos estudos? De que maneira?
53. Que profissão gostaria que seus filhos tivessem?
54. Se um filho comete alguma falta, como procede o senhor?

nº	Nascimento			Grau de instrução									Línguas faladas	
	Mun.	Par.	outro	An	Al	Pi	Pc	Gi	Gc	Ci	Cc	Si		Sc
***														*****

4. Dados dos pais e avôs do informante e do cônjuge:

- Local de nascimento:

a) Informante - Pai: avô:

avô:

- Mãe: avô:

avô:

b) Cônjuge - Pai: avô:

avô:

-Mãe: avô:

avô:

11. Seus filhos menores de 15 anos o ajudam no trabalho?

sim; não.

12. Quando?

eventualmente; abril; setembro;
 sempre; maio; outubro;
 janeiro; junho; novembro;
 fevereiro; julho; dezembro.
 março; agosto;

13. Em caso afirmativo, esse trabalho exclui a escola?

sim; não.

14. Seus filhos menores de 15 anos trabalham para outras pessoas?

sim; não.

15. Quem?
.....

16. Quando?

eventualmente; abril; setembro;
 sempre; maio; outubro;
 janeiro; junho; novembro;
 fevereiro; julho; dezembro.
 março; agosto;

17. Em caso afirmativo, esse trabalho exclui a escola?

sim; não.

18. O senhor é ajudado por outras pessoas além das da sua família?

() sim; () não.

19. Entre essas pessoas há menores de 15 anos?

() sim - Quantas? () não.

20. Que tipo de pagamento o senhor recebe?

() dinheiro; () produtos; () trabalho; ()

21. Que tipo de pagamento têm os filhos que o ajudam no trabalho?

() nada; () dinheiro; ()

22. Que tipo de pagamento têm os filhos que trabalham para outros?

() nada; () dinheiro; () produtos.

23. Que tipo de pagamento têm as pessoas que o ajudam? (não da família)

() nenhum; () trabalho;
() dinheiro; ()

24. Que instrumentos de trabalho o senhor possui/usa?

.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....

25. Os resultados da produção são:

vendidos;

para consumo próprio;

trocados;

.....

26. Se há venda, vende para:

cooperativa;

comerciante;

outro:

27. Dispõe de meio próprio para o transporte da mercadoria?

sim - Qual? não.

III - Lazer

1. Como a família utiliza o tempo de folga?

	TIPO	QUEM?
leitura		
cinema		
rádio		
televisão		
bate-papo		
esporte		
trabalhos manuais		
jogos de azar		
festas		

IV- Contato externo

1. Com que frequência vai à sede do município?

DIAR.;	SEMANAL.;	MENSAL.;	OUTRO

2. Finalidade:

.....

3. Com que frequência vai a Curitiba?

DIAR.;	SEMANAL.;	MENSAL.;	OUTRO

4. Finalidade:

.....

5. O senhor e sua família lêem livros?

() sim - De que tipo? () não.

- Com que frequência?

6. Por que meios toma conhecimento das notícias de fora?

*****	Ordem	Frequência				
*****		semanal.	diar.	quinz.	mensal.	outra
Rádio						
Televisão						
Cinema						
Jornal						
Revista						
Almanaque						
Cartas						
Pessoa da região						
Viajantes						

7. Recebe visita de pessoas de outra cidade?

() sim; () não.

8. Qual o seu relacionamento com essas pessoas?

() comercial; () familiar; () religioso;
 () profissional; () de amizade; ()

9. O senhor e sua família vão à igreja com frequência?

() sim; () não.

- Quando?

() semanalmente; () mensalmente;

() quinzenalmente; ()

() nas festas religiosas;

V- Educação

1. Escola

Quem frequenta	Curso					Tipo		Localização			
	Nome	Pr.	Gin.	Col.	Sup.	Outro	Part.	Públ.	Reg.	F.dar.	F.do M

2. Há alguém, na família, que nunca frequentou escola?

() sim - Por quê? () não.

3. Os que abandonaram a escola sem terem terminado o curso, por que o fizeram?

4. Há alguma época do ano em que é mais difícil para as crianças irem à escola?

() sim; () não.

- Por quê?

VI- Atitude em relação à escola

1. A escola é importante para melhorar as condições de vida no campo? () sim; () não.

2. Qual é o tipo de profissão que o senhor deseja para os seus filhos?

.....

3. Existe na região possibilidade de um bom emprego?

() sim; () não.

4. Para se ter um bom emprego na região/fora da região, quanto tempo de escola é preciso ter?

() Ø () quarto-primário;
 () primeiro-primário; () ginásio;
 () segundo-primário; () colégio;
 () terceiro-primário; () faculdade.

5. A escola ensina o que é importante para quem vive na região?

() sim; () não.

6. Além do que já ensina, o que o senhor gostaria que a escola ensinasse?

.....

7. O senhor sabe o que o seu filho faz na escola?

() sim; () não.

8. Se o seu filho quisesse ser "doutor" o senhor seria:

() contra; () não ligaria;
 () a favor; ()

VII- Atitude em relação à norma culta

1. Para o senhor há pessoas que falam bonito e outras que fa-

lam errado?

() sim; () não.

2. Há muita gente na região que fala bonito?

() sim; () não.

3. O senhor gosta de ouvir quem fala bonito?

() sim; () não.

4. Para falar bonito é preciso estudo?

() sim; () não.

5. Para quem vive na região é importante falar bonito?

() sim; () não.

6. Gostaria que seus filhos falassem bonito?

() sim; () não.

2.6. QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DE SUBSTRATOS LINGÜÍSTICOS.

1. Que outra língua você fala além do Português?

2. A sua família vem de que região da Polônia?

3. O senhor lê nessa língua?

4. O senhor escreve nessa língua?

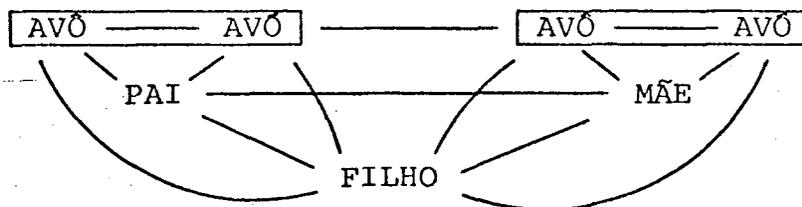
5. Todas as pessoas da família falam essa língua?

6. Quantos ao menos entendem?

7. Quem fala com quem nessa língua?

8. Quando falam? Onde falam?

9. Há certos assuntos em que só se fala nessa língua?
10. No trabalho, que língua fala?
11. Durante as refeições?
12. Nas orações?
13. Recebe publicações nessa língua?
14. O senhor aprendeu primeiro essa língua e depois o português?
15. Com que idade começou a aprender o português?
16. O senhor fala essa língua em público? (na rua, no bar)
17. O senhor fala essa língua quando no grupo há pessoas que não a entendem?
18. Os mais velhos têm preocupação em ensinar essa língua aos mais novos?
19. Os mais novos têm preocupação em aprender bem essa língua?
20. De que língua o senhor gosta mais? Que língua o senhor fala melhor?
21. O senhor fala essa língua tão bem quanto o seu pai?
- 22.



23. O seu filho fala essa língua tão bem quanto o senhor?
24. Durante o dia que língua o senhor usa mais?
25. Os seus filhos se orgulham ou se envergonham de falar essa língua?
26. Hoje em dia a família usa menos essa língua que há alguns

anos?

27. Os da família, que sô entendem, não falam essa língua, eles ficam chateados quando falam nessa língua?
28. Quem na família fala melhor essa língua?
29. Quem na região fala melhor essa língua?
30. As novas gerações misturam muito as duas línguas? Como? Dê exemplo.
31. Há alguma rivalidade entre os grupos que falam línguas diferentes? (como italiano e polonês)
32. Pode-se dizer que essa língua é a língua da região?
33. Na igreja, há alguns ofícios celebrados nessa língua?
34. Além da língua, que outras tradições guarda?
- | | | |
|-------------|-----------------------------|----------------------|
| a) roupa | e) jogos | i) bebidas |
| b) comida | f) instrumentos musicais | j) festas religiosas |
| c) canções | g) músicas | l) superstições |
| d) estórias | h) instrumentos de trabalho | m) gestos |
| | | n) saudações |
| | | o) utensílios |
35. Todos da família falam o mesmo dialeto?
36. Sua família mantém correspondência com a parte da família que ainda está na Europa?
37. Quando joga um time brasileiro com um (polonês), para qual o senhor torce?

ANEXO II

REDAÇÕES

nenem lard, no perreco!

no
no

gasto de ir a escola

gasto de fazer

gasto de roupa

gasto de mais

gasto de comer que eu gata

gasto de ir a escola

gasto de escrever

gasto de comer

gasto de ir a escola

gasto de mais

gasto de ir a escola

eu temo um la

gato de ir a escola

eu cuido do meu cachorrinho

eu cuido do meu

eu cuido do meu

no almoço Luísa Dos Santos
 no meio os 5 e meio da manhã depois tomamos
 café os 6 e meio da manhã e depois tomamos o
 almoço no mesmo os 7 horas da manhã de comer 1 hora
 para chegar à escola estudamos na escola
 até 11 horas para casa a fundamos o mel chamado
 carne, o reg, batatinha, feijão, macarrão, farinha,
 o melmes no café pão, carne, ovos, margarina, mal,
 a fundamos o pai no Rego

a tomamos Os 7 e meio da tarde comemos cruz macarrão
 ovos de mi os 9 horas
 magoneze, batatinha, carne
 feijão, farinha, e a e a, no do do do
 brincamos no outro lado entre Terreirão de Jesus,
 Cibolo da cruz, de mal, são João
 3 e abril
 o outro no dia

Antônio Carlos Cardoso Pereira

Eu acordo 5 horas da manhã e depois me lavo
 tomo café com leite pão e margarina. Para vir a
 aula gasto 40 minutos. No recreio brincamos
 quando iras para casa brincamos no caminho
 no almoço comemos feijão arroz batatinha brie
 mo e depois iras trabalhar na roça quando
 voltamos da roça brincamos na sala
 jantamos e depois pensamos iras dormir
 as 9 ou 10 horas da noite.

1ª SÉRIE

4º Anos

batido das Páris
 e se eu buscar o bue e costar condonam
 buessa Prisi Palmetta a lilla de o nibos
 de a e mo mede co a i Ga fia como sate feito
 e si uamo a que da da escola

o: Guida ce nos tive e esse rra o mano ta da

2 Pra a fêmea trabalha na verna bei coloco do

e tive se no modo de aula se ria brar
 e a que do po na milhar e se tu do Prisi de aula
 e tive uamo de a u to Po ce na Pu de
 e era Po bar meu Pa e ra Po brar
 e mo tra balla da Pa ve se melo ra
 e de us a no ce e mors a ci
 e i rre

ANEXO III

RELATÓRIOS MÉDICOS

OBSERVAÇÕES SOBRE CONDIÇÕES DE SAÚDE DA COMUNIDADE DE
ROÇA VELHA

Após o nosso contato com algumas pessoas representativas da comunidade de Roça Velha e olhando a questão sob o aspecto médico, podemos tirar algumas conclusões:

1- Decorrente do nível sócio-econômico a que estão submetidas as famílias, notamos uma marcante ausência dos cuidados e atenção às normas básicas de alimentação e de higiene.

Isso se faz notar nos adultos e em especial nas gestantes, determinando já no novo ser condições insatisfatórias de desenvolvimento intra-uterino e também nas crianças.

Quase a totalidade das crianças se apresentam descalças, desnutridas, anêmicas e com dermatopatias generalizadas (como exemplo a escabiose). Embora não tivéssemos realizado exames laboratoriais, acreditamos que, baseados em dados de história clínica e exame físico das crianças, a totalidade delas apresentam-se infestadas de diferentes espécies de verminoses intestinais (ascariíase, teníase, oxiuriasse, etc.).

2- Encontramos algumas crianças portadoras de afecções crônicas dos ouvidos (otomastoidites crônicas) com conseqüente déficit auditivo significativo, que dificulta a comunicação com o meio ambiente.

3- A partir dos achados na observação clínica, julgamos que a comunidade não tem bem sedimentados os conhecimentos básicos de higiene e se os adquire, as dificuldades econômicas não permitem a sua execução.

4- É marcante o déficit de desenvolvimento físico nas crianças, provavelmente fruto da associação de alimentação deficiente e estado permanente de doença. Julgamos que a par desse déficit físico e pelas mesmas razões, deva ocorrer algum grau de déficit intelectual.

5- Apesar do estado de dificuldades em que vivem, notamos muita receptividade e boa vontade por parte da comunidade e acreditamos que um trabalho de promoção, aliando instrução e melhoria de recursos muito ajudaria para a superação das mesmas dificuldades.

CONCLUSÕES -

Considerando que a participação e o aproveitamento das crianças na escola está na dependência e é proporcional ao estado de normalidade das mesmas, podemos concluir que fatores extrínsecos estão comprometendo os resultados esperados num trabalho de educação.


CRM 2756

RELATÓRIO DE VISITA MÉDICA À LOCALIDADE DE ROÇA VELHA

Tentaremos aqui apresentar as nossas impressões a respeito das condições de saúde dos habitantes da referida localidade, num aspecto bastante superficial, visto que em apenas uma tarde que estive mos prestando atendimento lá, examinamos um número muito reduzido de pessoas. Pudemos porém notar, através desses poucos doentes que vi mos, que a situação daqueles pobres coitados, no que se refere à saúde, é precária. Principalmente porque são problemas que não se vai resolver simplesmente com remédios. O que fizemos, foram simples tratamentos sintomáticos; como por exemplo, nos casos de infecções e de verminoses, evidentemente as doenças mais frequentes. De que adianta darmos antibiótico a um doente com uma determinada infecção, se ele continua exposto às várias fontes de contaminação ali existentes; aliadas a sua falta de orientação no que diz respeito à higiene, alimentação, etc.? Alguns dias após o tratamento ele terá adquirido uma nova infecção, agora mais resistente.

Sabemos que o que encontramos em Roça Velha, não difere em nada daquilo que encontraremos em qualquer local do nosso país, bastando para isso, nos distanciarmos alguns quilômetros das grandes cidades. Processos infecciosos, verminoses e anemia, atingem quase cem por cento da população, além de outras doenças.

A visita de um médico leva um pouco de alívio a essas pessoas, mas não resolve absolutamente nenhum dos seus problemas, que são consequência de uma série de fatores, dos quais nós estamos cansados de ouvir falar, e não temos condições de solucioná-los.

Curitiba, 05 de Agosto de 1977.



DR. JOSÉ MANOEL DA SILVA JR.
CRM 5076 CPF 301339109-82

OBSERVAÇÕES SOBRE CONDIÇÕES DE SAÚDE DA COMUNIDADE DE
ROÇA VELHA

Consultei aproximadamente vinte pessoas (adultos e crianças), constatando serem portadores de certas moléstias que, pelo que sabemos através de bibliografia e experiência pessoal, atingem a zona rural de / nosso país de forma geral, bem como as camadas populacionais mais pobres.

A maior parte daquelas pessoas eram portadores de anemia, escabiose, gripe (com casos de bronquite e otite média) e diarreia.

A anemia, conforme indagado, resulta da falta de ingestão de vitaminas, provável verminose e por condições higiênicas precárias, o mesmo acontecendo com a escabiose e diarreia.

A gripe é também consequência da alimentação baixa em proteínas e vitaminas, com diminuição da resistência antigênica do indivíduo.

Todos apresentavam psiquismos lúcidos, informando bem as suas queixas. Alguns já estão sob tratamento médico ambulatorial, na cidade próxima (São José dos Pinhais), de acesso difícil e, por isso, sempre interrompido.

Observaram-se também casos de úlcera varicosa, infecções dentárias e hiperacidez, como consequência de alimentação mal dosada.

Um relato descritivo detalhado daquela comunidade exigiria / maior número de consultas, exames laboratoriais, visitas às casas, etc. Salientamos, em todo esse trabalho, a boa vontade e generosa acolhida da população de Roça Velha.

Arley Kalis
CRM 2571